



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES-CFP
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

MAURÍCIO SUDRÉ DE ALMEIDA

**EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS: ALINHAVANDO O
CURRÍCULO E COSTURANDO AS SUBJETIVIDADES DOS SUJEITOS**

Amargosa – BA
2021

MAURÍCIO SUDRÉ DE ALMEIDA

**EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS: ALINHAVANDO
O CURRÍCULO E COSTURANDO AS SUBJETIVIDADES DOS
SUJEITOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) como requisito parcial para Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Maria Eurácia Barreto de Andrade

Amargosa – BA

2021

MAURÍCIO SUDRÉ DE ALMEIDA

EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS: ALINHAVANDO O CURRÍCULO E COSTURANDO AS SUBJETIVIDADES DOS SUJEITOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) como requisito parcial para Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia, pela seguinte banca examinadora.

Aprovada em 01/10/2021

BANCA EXAMINADORA

Maria Eurácia B. de Andrade

Prof^a. Dr^a. Maria Eurácia Barreto de Andrade (Orientadora)
Doutora em Educação (UFRB)

Gilsália Macedo Cardoso Freitas
Prof^a. Dr^a. Gilsália Macedo Cardoso Freitas - Membro 01
Doutora em Educação (UFRB)

Prof^a. Dr^a. Idalina Souza Mascarenhas Borghi - Membro 02
Doutora em Educação (UFRB)

Amargosa, 01 de outubro de 2021

DEDICATÓRIA

Dedico essa tessitura as várias Marias que estão costuradas em minha vida, são muitas e infinitas Marias que assumem os mais variados papéis, são mães, filhas, avós, professoras, são retalhos de mulheres, divinas mulheres, representações da beleza, são guerreiras, heroínas, rainhas, fadas, bruxas que a inquisição não queimou, são detentoras da magia dos sabores, carinhos, afagos e amores.

A minha mãe Maria da Conceição, mulher que sendo mãe assumiu também o papel de paternidade;

A minha avó materna Cristina Maria (In memioriam), não tive a satisfação de conhecer em vida, mas pelos relatos saudosos de minha mãe;

A minha avó paterna Maria José (In memioriam), com mãos habilidosas dava vida ao barro, as palhas, as bonecas de pano;

A professora Maria das Graças, carinhosamente chamada de laiá, minha professora da antiga segunda série, sempre lhe presenteava com uma flor;

A professora Maria Solange, carinhosamente chamada de Sole, minha professora da antiga terceira série, ela ensinava cantando;

A professora Elizenita Maria (In memioriam), professora da antiga sexta série, mais que uma mestra foi uma grande amiga;

A Maria Celeste, senhora que carinhosamente chamo de vó, minha vizinha sempre prestativa e amorosa, que por vezes me oferece aquele cafezinho passado da hora;

A Elenita Maria, avó de meu amigo Junior, também minha vizinha que na primavera dos seus 106 anos, conserva a serenidade de uma criança, seus cabelos alvos como a neve, são encantadores;

A Maria Raimunda, uma senhora incrível que mora em Milagres cidade vizinha de Amargosa, lembra muito minha avó paterna, me presenteou com uma máquina antiga de costura;

A Elba Maria, grande interprete da música brasileira, representante do nordeste, uma inspiração de fé;

A pequena Maria Júlia, que com 4 anos cativa a todos, carinhosa, inteligente, decidida;

A Maria Eurácia, além ser excelente professora, orientadora, mediadora, amiga é um anjo sem asas que habita entre nós.

AGRADECIMENTOS

Poderia iniciar a costura dessa escrita, dizendo que me faltam palavras para agradecer, tecer linhas de agradecimento a tantos e preciosos retalhos, gentes que são parte importantíssima nessa tessitura, nessas linhas que vão sendo costuradas, gratidão é a palavra que me define.

Gratidão a Deus, força invisível que dependendo da cultura de cada lugar recebe variados nomes, essa força que podemos contemplar no nascer e entardecer do sol, no desabrochar das flores, no processo de germinação das sementes, no canto e voo dos pássaros.

Gratidão a minha parentela, aqui representada por meus irmãos Maiana e Benilton, como diz o ditado somos “dedos da mesma mão”, porém cada um com suas características distintas.

Gratidão aos retalhos que aceitaram o convite para serem parte dessa narrativa, Mateus, Julia Helena, dona Del, a professora Edna Laurindo esses dão tom, cor e forma a trama da colcha costurada.

Gratidão aos meus queridos amigos, Junior Assis (Tuxê), Priscila oliveira (Pri), Girlan Cerqueira (Angel), embora não estando sempre pertos estamos sempre conectados, mais que amigos, são irmãos de alma.

Gratidão a Jane Rezende, querida amiga, professora da rede municipal, excelente profissional, dedicada, amorosa, minha maquiadora oficial, com um pincel nas mãos ela produz arte.

Gratidão a Juliana Marques, grande amiga que de forma carinhosa me chama de “Xuxu”, lembro-me que a conheci logo que ingressei a Universidade, companheira de caminhadas, que sempre ouvia com atenção minhas falas a respeito dessa tessitura, aqui também deixa registrada minha gratidão a Jean Oliveira, o conheci em um projeto de extensão e que se tornou um amigo pra vida, também companheiro de caminhadas de final de tarde que também emprestou os ouvidos quando falava do processo dessa costura.

Gratidão a Biblioteca Municipal Doutor Carlos Cohim, situada no município de

Amargosa, meu ambiente de trabalho, nesse espaço encantado onde moram variados livros, nasceu o projeto dessa tessitura, posteriormente a costura foi ganhando corpo e se deu sua conclusão, estendo minha gratidão a Ivan Araújo que além de coordenador da Biblioteca, é companheiro de tantas ações e peraltices, viajamos no mundo da imaginação e fantasia.

Gratidão a Maria Euracia Barreto, pela sensibilidade em propor tão rico e belo trabalho de costura, desde que lhe falei da vontade que fosse minha orientadora, respondeu de modo positivo, construindo um primoroso e encantador plano de trabalho. Ter sua companhia no processo percorrido do início até o final dessa costura foi um grande presente, essa tessitura não seria possível sem sua orientação e amorosidade.

Gratidão.

RESUMO

Essa tessitura teve como temática a Educação de Jovens, Adultos e Idosos em busca de compreender de que modo o currículo voltado para essa modalidade contribui para a aprendizagem e subjetividade dos sujeitos envolvidos. Nesse sentido, foi realizada pesquisa no Centro de Educação de Jovens, Adultos e Idosos situado em Amargosa/BA, cujo objetivo foi identificar as Práticas Curriculares no contexto pesquisado e o modo como essa organização curricular tem interferido nas subjetividades dos sujeitos. Nesse processo iremos conhecer Maria, uma imagem subjetiva que ao ser bordada ganha vida e nos possibilita uma viagem envolvente e emocionante, a personagem descreve suas trajetórias associando a trajetórias dos sujeitos da EJA. Maria é uma representação dos retalhos/jovens/adultos/idosos que estão inseridos na Costura/Educação de Jovens, Adultos e Idosos, por isso ela os assemelha aos retalhos que utiliza para construção de uma colcha de retalhos. Metodologicamente, essa tessitura se constitui como uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa e os dados foram produzidos com retalhos/sujeitos inseridos nesse contexto, alunos, egressa e professora da modalidade da EJA, para obter respostas foram feitos dois questionários, um direcionado aos alunos e egressa e o outro a professora. A costura desse trabalho foi entrelaçados aos ensinamentos de Paulo Freire e Miguel Arroyo, teóricos que aparecem com mais frequência em toda a extensão da colcha que fora costurada. Todo trabalho foi desenvolvido, entrelaçando a Educação de Jovens, Adultos e Idosos ao mundo da costura. Os processos educativos foram comparados aos processos da costura e os sujeitos aos retalhos de uma colcha. Os resultados revelaram que é possível uma costura/educação de Jovens, Adultos e idosos que em seu currículo os retalhos/sujeitos sejam respeitados e costurados, que consigam ressignificar suas costuras e outras tantas.

PALAVRAS-CHAVES: Educação de Jovens, Adultos e Idosos. Tessitura. Currículo. Aprendizagens. Subjetividades.

ABSTRACT

This paperwork had as its theme the Education of Young, Adults and Elderly in order to understand how the curriculum aimed at this modality contributes to the learning and subjectivity of the subjects involved. In this sense, this research was carried out at the Education Center for Young, Adults and Elderly located in Amargosa/BA, whose goal was to identify the Curriculum Practices in the researched context and how this curricular organization has interfered in the subjectivities of the subjects. In this process, we will meet Maria, a subjective image that comes to life when embroidered and allows us an engaging and exciting journey. The character describes her trajectories associating the trajectories of the EJA1 subjects. Maria is a representation of the patches/young people/adults/elderly people who are inserted in Sewing/Education for Young, Adults and Elderly, so she resembles them to the patches she uses to build a patchwork quilt. Methodologically, this structure is constituted as field research with a qualitative approach and the data were produced with patches/subjects inserted in this context. Two questionnaires were made to obtain answers from the students, egress and a teacher of the EJA1 modality. The sewing of this work was intertwined with the teachings of Paulo Freire and Miguel Arroyo, theorists who appear more frequently along the entire length of the quilt that was sewn. One of them was directed to students and egress and the other to the teacher. All work was developed, intertwining the Education of Young, Adult and Elderly with the sewing world. Educational processes were compared to sewing processes and subjects to quilt scraps. The results revealed that it is possible to sew/educate young people, adults and the elderly that in their curriculum the patches/subjects are respected and sewn, that they manage to give new meaning to their seams and many others.

KEYWORDS: Youth, Adult and Elderly Education. Texture. Curriculum. Learnings. Subjectivite

LISTA DE ABREVIATURAS

EJA – Educação de Jovens e Adultos

UFRB – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

CMEJA – Centro de Educação de Jovens e Adultos

CAE – Conselho de Alimentação Escolar

PME- Plano Municipal de Educação

SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO: ARRUMANDO OS FIOS	12
II – EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS, CURRÍCULO E DISPUTAS: TECENDO TEIAS, BORDANDO ABORDAGENS.....	22
2.1 CONTEXTOS, SUBJETIVIDADES E TRAJETÓRIAS DOS SUJEITOS DA EJAI: ENTRELAÇANDO CORES, TONS E FORMAS.....	31
2.2 OS DOCUMENTOS LEGAIS E ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA A EJAI: ESPAÇO DE DIREITO, DILEMAS E DISPUTAS COSTURADOS FIO A FIO	47
2.3 CURRÍCULO DA EJAI EM AMARGOSA-BA: UMA CONSTRUÇÃO TECIDA POR VÁRIAS MÃOS.....	56
2.4 ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DA EJAI, SUBJETIVIDADE E APRENDIZAGEM: TRANÇANDO LINHAS.....	62
III - DESENHO METODOLÓGICO DA PESQUISA: ENTRELAÇANDO CORES E POSSIBILIDADES	69
3.1 – ABORDAGEM METODOLÓGICA DA PESQUISA: CONSTRUINDO A REDE.....	70
3.2 – CARATERIZAÇÃO DO CAMPO E DOS SUJEITOS DA PESQUISA: MATIZES DA TRAMA.....	73
3.3 – PROCEDIMENTOS DE PRODUÇÃO DOS DADOS: DIRECIONANDO A TESSITURA.....	78
IV – CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS: DESVELANDO FORMAS, CORES E TONS.....	82
4. 1 CURRÍCULO E APRENDIZAGEM NA EJAI: ENTRECruzando LINHAS E POSSIBILIDADES.....	82
4.2 A ORGANIZAÇÃO CURRICULAR E SUBJETIVIDADE DOS SUJEITOS DA EJAI: DESVELANDO FORMAS E CONSTRUINDO TEIAS.....	89
APONTAMENTOS FINAIS: ARREMATANDO OS FIOS.....	96
REFERÊNCIAS.....	99
APÊNDICES	101

I-INTRODUÇÃO: ARRUMANDO OS FIOS

Ao iniciar este processo de escrita não poderia deixar de unir retalho desse tempo presente a retalhos de minhas próprias memórias e trazer no alinhar dessas linhas um misto de sentimentos, de saudades e gratidão, reviver coisas passadas, a vida, as pessoas, as experiências de um tempo que está arquivado em nossa caixinha chamada lembrança. Ser, estar, chegar aonde cheguei, não seria possível sem os vários “Retalhos de pessoas/de gentes de que somos feitos”.

No processo de escrita sobre jovens, adultos e idosos, pensando nos itinerários de ensino/aprendizagem em que são inseridos, em um currículo que contemple seus modos de ser e estarem, existirem e re-existirem, tecendo reflexões a respeito de suas subjetividades, percebo o quanto minhas próprias subjetividades se cruzam e se costuram.

Quanto mais vou adentrando em minhas histórias de vida, percebo o quanto as minhas experiências me constituem e se relacionam com a Educação de Jovens, Adultos e Idosos. São notórias as relações existentes entre os indivíduos dessa modalidade de ensino com minha trajetória de vida.

Semelhante a uma linda colcha de retalhos que se forma pela composição de variados retalhos, de variadas cores e estampas, somos também uma colcha de vidas, de pessoas, de experiências, de vivências, que se unem a outros tantos retalhos de gente, que nos forma, nos ensina, nos possibilita saberes.

Nesse sentido não poderia pensar em escrever qualquer “palavra escrita” sem antes descrever aqui três “retalhos” de pessoas que contribuíram de modo significativo em minha formação antes mesmo que pudesse decodificar as palavras, estava inserido nas leituras de mundo. Poderia aqui citar muitas pessoas que marcaram minha caminhada, mas vou apresentar retalhos de minha saudosa e querida avó paterna Maria José (In memoriam), de minha querida mãe Maria da Conceição e de minha bisavó Senhorinha Sudré do Carmo (In memoriam).

Nesse processo de reviver, relembrar trago na memória o período da minha infância na casa de meus avós paterno, aquele meu mundo imediato de travessuras, brincadeiras e descobertas, aquelas manhãs ensolaradas, o canto

dos pássaros, os finais de tarde, o cheirinho de café, o calor da casa proveniente do fogão de lenha, o aroma do incenso queimando no altar que minha avó tanto amava.

São tantas imagens que vem chegando, que se misturam no momento em que sou um espectador, vendo passar em minha mente minhas histórias meus momentos, me vejo ali em frente à casa, embaixo de um enorme pé de mangueira, em tempos da safra, com meu irmão e meus primos fazíamos bois com as mangas, com gravetos construíamos grandes cercas, ali estava nossa riqueza.

Nos dias de chuva o cenário ganhava outras formas, outras cores, brincávamos capturando tanajuras. É engraçado, mas consigo ouvir o verso "*cai, cai tanajura na panela da gordura...*". Como não reviver, os momentos em volta do grande amontoado de raízes de mandioca, imitando os adultos? As crianças raspavam as raízes menores, vivenciando todo o processo de transformação; as raízes eram raladas, prensadas, os alguidares eram aquecidos e aos poucos ia surgindo à farinha, da goma, fazia-se o beiju, com açúcar, com coco, com sal, sabores da infância.

Nesse contexto minha avó é uma figura muito importante, atribuo a ela meu contato inicial no que se refere ao processo de ensino/aprendizagem, era de costume todas as noites ela nos contar histórias para dormir, muitas das vezes casos inventados, com seres lendários, místicos, com nomes engraçados, alguns divertidos, outros cheios de medo, ela costumava dizer que muitas das histórias contadas ela aprendeu com sua mãe ou em seus tempos de escola.

Recordo-me também que os primeiros livros que pude manusear pertenciam a ela e ficavam guardados em seu quarto e raramente ela permitia que fossem retirados de seu guarda-roupa. O quarto de minha avó era praticamente intocável, era como um lugar sagrado, ali ela guardava seus tesouros, aqueles livros eram preciosidades, mesmo sem ser alfabetizado, ficava encantado com as imagens, aquele emaranhado de letras, de palavras. Na minha inocência de criança fazia minhas primeiras leituras, mesmo sem decodificar aqueles códigos estranhos ainda para mim.

Mesmo com as mãos cansadas e marcadas pelo tempo, ela fazia surgir vida, muitos eram os trabalhos artesanais produzidos por ela, era muito

habilidosa com o barro do qual modelava panelas, vasos, estatuas, produzia também utensílios em cestaria, fazia lindas bonecas de pano costuradas a mão, costume dizer que minha paixão pelo artesanato vem dessas vivências e experiências com minha avó.

Aos sete anos de idade dei início a minha inserção no mundo letrado, era hora de adentrar a escola, descobrir, conhecer, vivenciar o universo que até então estava guardado nos nós dos livros que minha avó tanto guardava. Comecei a dar meus primeiros passos no processo de leitura e escrita, quando digo primeiros passos refiro-me no sentido figurado e literal da palavra.

Andava alguns quilômetros a pé da casa de minha avó até o povoado, em que se localizava a escola, esse novo lugar que me possibilitava dar outros sentidos as minhas leituras de mundo, o encantamento causado pelos livros agora não estava associado apenas às figuras, eles continham histórias, significados, a leitura da palavra escrita ia ganhando espaço.

Ao remontar meus retalhos quero destacar aqui a importância de minha mãe nesse trabalho de costura. Nesse processo de ir e vir, minha mãe decidiu que para facilitar nosso acesso à escola seria importante uma moradia mais próxima, não hesitou, mesmo contrariando a vontade de nosso pai, conseguiu um terreno e aos poucos com muito sacrifício e ajuda de pessoas que ela conhecia construiu uma casa.

Meu pai não aceitava a nossa mudança, assim separou-se de minha mãe e por algum tempo não permitiu que fossemos morar com ela, porém ela não desistiu até que estivéssemos ao seu lado e conseqüentemente mais próximos da escola. Nossa casa por coincidência ficava situada atrás de um dos colégios que futuramente seríamos alunos, a saber, eram dois prédios onde funcionavam os espaços escolares do povoado (um atendia crianças das séries iniciais¹, o outro para estudantes das séries finais do ensino fundamental).

Lembro com carinho dos professores, de alguns colegas, das brincadeiras no recreio, certa magoa por nunca ter sido escolhido para hastear a bandeira nos dias de cantar o hino. Era apaixonado pela leitura, naqueles

¹Refere-se aos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental assim correspondendo: 1º ao 5º (anos iniciais) e do 6º ao 9º (anos finais). Esta alteração se deu por meio da Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006 que acrescenta mais um ano no Ensino fundamental, passando de oito para nove anos, dando prioridade ao processo de alfabetização no início do processo.

momentos de construção, de troca, de costuras de conhecimentos; não entendia ainda o poder que a educação tem de transformar, de mudar, de libertar os indivíduos.

Cada novo dia de aula, cada lição dada à professora, cada exercício de casa respondido, cada forma geométrica descoberta, cada forma de relevo aprendida, cada data decorada, cada música cantarolada, cada definição dada para as partes do nosso corpo, cada coletivo, substantivo, adjetivo novo dava sentido a minha trajetória de vida. Naquele momento eu ainda não compreendia que a educação não mudaria minha condição de vida e sim que ela mudaria quem eu sou e eu sim seria capaz de mudar o “mundo”.

O tempo passou, finalizei os estudos no alto da lagoinha e para cursar o ensino médio, viajei durante três anos para a sede do município, nesse processo novos retalhos iam se unindo aos meus, dando ainda mais volume a minha colcha, a minha vida. Quando conclui o ensino médio fui convidado a assumir uma turma de EJA com uns vinte e poucos alunos, estaria de volta a escola em que fui alfabetizado.

Hoje quando me recordo disso, percebo o quão grandioso e desafiador era para um jovem, sem nenhuma experiência docente assumir tamanha responsabilidade, tudo era novo, tinha que elaborar planejamento, preparar atividades, desenvolver as aulas, participava das coordenações pedagógicas quinzenalmente, ali era apresentado um amontoado de conteúdo, que precisavam ser desenvolvidos com os estudantes.

Uma das alunas era minha mãe, que frequentava as aulas assiduamente e que em toda a minha caminhada estudantil foi minha grande incentivadora, na maioria das vezes ela era a única aluna na sala. Ela sempre dizia “*a única coisa que posso dar a vocês é o estudo*”, a experiência docente durou pouco mais que seis meses, assumi a turma logo após o recesso junino.

Tudo que era proposto não se diferenciava do modo como minha caminhada educativa se deu ali naquela escola, então tudo que precisava ser feito era apenas reproduzir, minha tarefa ali era ensinar a ler e escrever, nunca fui levado a problematizar, refletir sobre os processos educativos em que estavam inseridos aqueles retalhos/pessoas, seus itinerários de vida não eram o foco.

Nessa perspectiva, percebo que naqueles momentos em que estava na sala, com aqueles jovens, adultos e idosos, em que histórico, cultural, social, politicamente tinham seus direitos negados, suas vivências, suas trajetórias não eram evidenciadas, tampouco suas subjetividades respeitadas. Como mediador das aprendizagens/do conhecimento também tinha meus direitos negados por não compreender o modo como o currículo escolar estava posto.

Dando seguimento a costura de minhas memórias, não poderia deixar de alinhar também ao processo, a imagem de minha bisavó, como a vida é um ciclo constante, quando eu nasci ela não estava mais entre nós, sendo assim por força do destino não tive a oportunidade de conhece - lá, uma senhora, muito simpática que já trazia em sua estampa de vida, muitas experiências, saberes e fazeres, com o corpo já marcado pelo tempo, os cabelos brancos, demonstrava muita sabedoria.

O retalho de minha bisavó está sendo emendado, nessas linhas que vou costurando tendo como referência os retalhos feitos por minha mãe, que na fase de sua mocidade, com a falta de sua mãe ficou sob os cuidados de dona Senhorinha nome de batismo de minha Bisavó, minha mãe sempre relatava o quão forte era aquela senhora, “Dindinha” era o modo carinhoso que ela utilizava pra se reportar a ela.

Em alguns relatos minha mãe ilustrava que quanta das vezes a contemplava sentada movimentando com suas mãos habilidosas, a agulha indo de um lado para o outro e como mágica em pedaços de tecido surgir lindas flores e pássaros bordados, em outros momentos a observava cortando, separando, selecionando retalhos de pano das mais diversas cores, depois sentada em frente a sua máquina de costura, “Dindinha” montava lindas colchas de retalhos.

Quando costuro esses três lindos retalhos a minha colcha/vida, consigo compreender que nossas subjetividades, nossas identidades não se constroem sozinhas, é na interação, na troca mútua, nos encontros que nos tornamos sujeitos coletivos, precisamos uns dos outros para viver em uma sociedade justa.

Percebo que os retalhos dos jovens, adultos e idosos se unem, como se unem os retalhos de uma grande colcha e esse processo não acontece por acaso, as linhas de um processo de costura não se unem à toa, um retalho

precisa do outro para dar seguimento, para que haja mudança precisamos estar unidos.

É nesta costura tecida e entrelaçada a tantos sujeitos e contextos que emerge este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) ²o qual busca entender de que modo tem sido pensado o currículo para a Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI³) e como a prática curricular tem se relacionado com esses sujeitos no sentido de promover uma aprendizagem significativa.

Desse modo, busca-se entender mais sobre o currículo na EJAI a partir da leitura de pesquisas de autores que se debruçam para melhor compreender as relações e interesses atravessados, juntamente com uma pesquisa de caráter qualitativo, no Centro de Educação de Jovens, Adultos e Idosos no município de Amargosa/BA. Nessa perspectiva, a pesquisa foi realizada partir de leituras de obras de autores que discutem sobre o tema, seguidas de pesquisa de campo, de abordagem qualitativa, com a aplicação de questionário aberto com uma professora e alunos da modalidade de ensino em questão.

A escolha do tema pesquisado inicialmente está ligada ao jeito como a educação de jovens e adultos e idosos se estrutura. Encanta-me pensar como se dão as relações diárias dos alunos com vivências diferentes, que experimentam modos e saberes variados.

Nessa perspectiva, compreende-se o currículo da Educação de Jovens, Adultos e Idosos precisa ser repensado, ou seja, o docente dessa modalidade de ensino precisa ter um olhar sensível no sentido de entender a realidade, o contexto, a diferença de idade existente em sala e perceber os sujeitos em sua totalidade; sujeitos com especificidades que fazem toda diferença no momento da elaboração e desenvolvimento de sua metodologia de ensino. É pensar essa modalidade para além dos muros da chamada “escola regular”⁴.

²Nesta parte do trabalho apresentamos alguns elementos de forma não narrativa para melhor compreensão do contexto da pesquisa de modo a favorecer uma visão ampla e panorâmica da tessitura.

³A escolha do termo EJAI, é no sentido de evidenciar os idosos também sujeitos/alunos dessa modalidade.

⁴Apesar de ser uma expressão recorrente para identificar o ensino que não está inserido na modalidade da Educação de Jovens, Adultos e Idosos, temos restrições ao termo “Escola Regular” uma vez que, na nossa compreensão, desautoriza a modalidade com sua regularidade e sua garantia como Educação Básica preconizado na Lei de Diretrizes e Bases (LDB). Se as etapas da educação básica (Educação infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio) são chamadas de “ensino regular”, a modalidade da EJAI seria o seu oposto?

Essa concepção se reveste de sentido quando analisamos a Educação de Jovens Adultos e Idosos em seu sentido mais amplo, ou seja, uma modalidade de ensino da educação básica, que deve considerar as diferenças individuais e os conhecimentos informais dos estudantes, conquistados em suas experiências diárias e no mundo do trabalho.

Os jovens, adultos e idosos, muitas vezes trazem consigo as marcas de uma infância sofrida, que por diversos motivos não tiveram oportunidade de um ensino digno, porém voltam para a escola almejando recuperar o tempo em que estiveram fora dela.

A Educação de Jovens, Adultos e Idosos precisa de uma política que seja pautada na inclusão e qualidade social, é preciso ações e projetos que integrem esses sujeitos, levando em consideração seus modos de estarem e serem em sociedade. Pensar na Educação de Jovens Adultos e Idosos, nos insere em um processo reflexivo mais amplo no que tange o fazer educativo. É por meio da educação que hábitos, costumes e valores de uma comunidade são passados de uma geração para a seguinte, uma vez que esse conhecimento se constrói ao longo da própria existência individualmente e de forma coletiva, construindo nas relações e experiências vivenciadas através de situações presenciais.

Nesse sentido a Educação de Jovens Adultos e Idosos necessita ser pensada a partir dos sujeitos que a compõem (Jovens adultos e idosos). Precisa entender e perceber os sujeitos em sua totalidade, que desempenham várias funções nos mais diversos contextos sociais, econômicos, culturais e políticos e são sujeitos sociais, pois estão vivenciando os mais diversos processos que nos forma que forma a sociedade (nós). A EJA deve ser um processo de formação, de ensino e de aprendizagens, que precisa ter um currículo próprio que respeite as relações dos indivíduos não os vendo como estando isolados desse processo.

Dada a centralidade das reflexões, as leituras e discussões realizadas sobre o tema pesquisado evidenciam-se como problema: **De que modo o currículo voltado para a Educação de jovens e adultos e idosos contribui para a aprendizagem e subjetividade dos sujeitos envolvidos?** No bojo da questão levantada intenta tecer problematizações e reflexões acerca de como tem se estruturado o Currículo para a Educação de Jovens,

Adultos e Idosos e o que pode ser repensado no sentido de melhorar essas práticas curriculares.

No intuito de obter resultados significativos com este trabalho de conclusão de curso foram delimitados os objetivos gerais e específicos. O objetivo geral busca: **Compreender de que modo o currículo voltado para a educação de Jovens e Adultos e Idosos contribui para a aprendizagem e subjetividade dos sujeitos envolvidos.** E tendo como objetivos específicos: I. Conhecer o currículo da Educação de Jovens e Adultos e Idosos no contexto pesquisado; II. Entender de que modo o currículo contribui para a aprendizagem dos jovens, adultos e idosos; III. Perceber de que modo à organização curricular interfere na subjetividade dos sujeitos.

As principais referências que respaldaram este trabalho foram: Paulo Freire (1987; 1989), Ira Shor e Paulo Freire (1986), Miguel Gonzáles Arroyo (2012), Maria Marley de Oliveira (2014), Maria José Gomes (2007), as Diretrizes Curriculares para a EJA (2008 dentre outras.

Em sua obra *Outros sujeitos, Outras pedagogias* Miguel Arroyo (2012), nos convida a fazermos uma reflexão sobre quem são esses outros sujeitos que precisam para estarem inseridos no ambiente escolar, necessariamente para que Outras Pedagogias sejam pensadas, é imprescindível pensar outro currículo que transponha o currículo escolar já posto, tendo em vista que este não supre as reais necessidades desses Outros Sujeitos.

Nessa perspectiva não podemos deixar de respeitar as vivências que esses sujeitos possuem, adquiridas ao longo do processo de sua vida, no trabalho, na igreja, nos movimentos sociais, nas lutas pela terra, na produção de subsistência e em tantos outros espaços/contextos e ações. É preciso contextualizar as existências vividas por eles como o processo educativo.

Freire (1989, p.09), quando fala sobre “Leitura de Mundo”, nos mostra que nossa aprendizagem se inicia antes mesmo da capacidade de decodificação, ou seja, ler o mundo significa ler os signos, os objetos, os movimentos, os espaços, enfim. Nossas experiências nos constituíram sujeitos de direitos mesmo antes de nos apropriarmos da leitura escrita. Somos retalhos de uma colcha que não se encerra se finda, somos retalhos

viços em constante transformação.

Quando pensamos na importância da Educação de Jovens, Adultos e Idosos, devemos entender as ações excludentes que perpassam e se constituem nesse processo. Os meios de produção e de comunicação sempre estiveram nas mãos de quem detém o poder de classe, e a escola pode ser sim, e muitas vezes é, instrumento de controle, usado pelas classes dominantes. Nesse sentido, podemos entender o que o referido autor fala quando conceitua “Educação Bancária” que se configura como um instrumento de opressão, uma educação em que o professor deposita o conhecimento no aluno sem desenvolver no mesmo o senso crítico de sua existência e o mundo a sua volta, nem tampouco a dimensão política da educação.

Nessa perspectiva, quando Freire (1987), conceitua liberdade podemos nos referir ao modo como a Educação de Jovens Adultos e Idosos precisa assumir um caráter emancipador e libertador, fomentando nos educando o sentimento de pertença, de que ao se formarem enquanto sujeitos em suas individualidades se continuem sujeitos capazes de viver e se formarem também de modo coletivo.

A abordagem metodológica se constitui como uma pesquisa de cunho qualitativo. Para que houvesse uma melhor aproximação dos sujeitos envolvidos foi realizada uma pesquisa de campo, criando assim mais familiaridade com os sujeitos, possibilitando proximidade com o objeto. Sua abordagem é qualitativa devido a essas características que Oliveira (2014, p.37) apresenta como “[...] um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação”.

O estudo de campo foi realizado através de questionário, com a realização de dois questionários um direcionado aos alunos sendo dois alunos matriculados e uma estudante egressa e outro a uma professora da modalidade. Quatro dos sujeitos da pesquisa fazem parte do Centro de Educação de Jovens, Adultos e Idosos, situado no Município de Amargosa.

Assim, esta tessitura está sistematizada em quatro seções entrelaçadas a uma narrativa que contempla os sujeitos da EJA, seus contextos, suas subjetividades e, sobretudo o currículo para esta

modalidade. Iniciando com o arrumar os fios com esta introdução, em seguida contempla o capítulo de aporte teórico intitulado “Educação de Jovens, Adultos e idosos, currículo e disputas: tecendo teias, bordando abordagens” o qual apresenta um enfoque narrativo dos contextos, subjetividades e trajetórias dos sujeitos da EJAI, os documentos legais e orientações curriculares, o currículo da modalidade no contexto de Amargosa e, por fim, a organização curricular da EJAI, subjetividade e aprendizagem. Todas estas abordagens por meio de uma narrativa envolvente e fundamentada. A terceira seção se destina ao desenho metodológico, contemplando a abordagem, a caracterização do campo e dos sujeitos e os procedimentos de produção dos dados. O último capítulo, voltado para a análise dos dados produzidos, contemplando o currículo e aprendizagem na EJAI e a organização curricular e subjetividade dos sujeitos. Além disso, os apontamentos finais amarrando os fios da costura.

O intuito é contribuir na construção de uma Educação de Jovens Adultos e Idosos pautada em um currículo que atenda as demandas da modalidade e nesse processo perceber que a educação é de fato capaz de transformar a sociedade, na medida em que nos apropriamos do conhecimento que liberta, em cada nova colcha que vamos sendo costurados, novos conhecimentos, novos saberes, novas aprendizagens são costurados em nós.

II- EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS, CURRÍCULO E DISPUTAS: TECENDO ABORDAGENS, BORDANDO CURRÍCULOS

*“É a sua vida que eu quero bordar na minha
Como se eu fosse o pano e você fosse a linha
E a agulha do real nas mãos da fantasia
Fosse bordando ponto a ponto nosso dia-a-dia...
Nossa colcha de cama, nossa toalha de mesa
Reproduzidos no bordado.
A casa, a estrada, a correnteza
O sol, a ave, a árvore, o ninho da beleza” (GIL, 1983)*

As primeiras palavras que me vem à mente ao iniciar esta seção, estão expressas nos trechos da música “a linha e o linho” de Gilberto Gil (1983), por fomentar reflexões sobre retalhos/jovens, retalhos/adultos e retalhos/idosos que são costurados, bordados, ao serem inseridos nessa costura, suas vidas, suas trajetórias, vivências e experiências são como linhas que serão bordadas no tecido chamado “Educação de Jovens, Adultos e Idosos” e ao serem bordados seus itinerários, são bordados “ponto a ponto” suas lutas, seus direitos negados, suas constantes disputas por igualdade, respeito, humanidade.

E nesse processo repetitivo de movimentar meus dedos para escrever esses versos, sou levado a também ouvir esta canção, e vou adentrando em sua melodia, vou me deixando levar pela interpretação do artista, pelo som dos instrumentos, e como num passe de mágica, vou me dissolvendo; minha matéria, meu corpo, minha mente vão se misturando, num ir e vir de mim mesmo.

Tudo a minha volta parece não existir, eu mesmo já pareço não existir e vou me tornando um grande amontoado de linhas de variadas cores, o meu corpo é ao mesmo tempo um tecido em branco, pronto para que sejam reproduzidos lindos bordados de mim mesmo, eu sou uma “colcha de Cama” costurada, montada por vários outros pedaços. Em alguns momentos sou o bordado, em outros estou bordando.

Nesse sentido vou sendo transportado para um lugar, uma casa, sentado agora em frente a uma mesa e sobre a mesa, muitos retalhos de tecido, tesouras, alfinetes, uma máquina de costura, ao lado uma caixa cheia de tubos de linhas, uma almofadinha com diversas agulhas, estou ali

observando o tecido em branco, pra dar início ao bordado, faz-se necessário escolher uma daquelas agulhas e algumas cores de linha.

Tomado por uma emoção começo a bordar os primeiros pontos, a cada linha que escrevo a cada linha associada ao tecido vai deixando que ganhe vida, uma linda imagem que é a representação subjetiva de uma moça que com muito cuidado e dedicação desenvolve seu ofício de costureira, ao ser levado para esse outro lugar, outra dimensão, percebo que o bordado não fica apenas fixado aos tecido/a vida, os traços bordados refletem minhas vivências, experiências.

A mistura das linhas, dos saberes, das aprendizagens, do conhecimento, com o auxílio da agulha em seu zig zag, inicialmente deu forma aos sapatos, em seguida fez surgir os pés, às pernas, os braços, as mãos, o corpo, formou-se também o rosto com cuidados ao bordar os olhos, os lábios, o nariz, as orelhas, e fio a fio foram modelados os longos cabelos. Vendo que ainda faltava concluir seu bordado, com um emaranhado de linhas coloridas foi produzido um lindo vestido.

Ao finalizar o bordado, todas as cores se misturam ao tecido e observamos os detalhes do trabalho concluído, vemos nossas expectativas primárias agora refletidas no tecido, o que anteriormente parecia não ter sentido, era apenas tecidos e linhas que ponto a ponto acabou tornando realidade. O sentimento de alegria, de dever cumprido me envolve e me vejo ali encantado contemplando a beleza da criação.

Nesse misto de sentimentos estou encantado com o resultado que buscava quando ainda escolhia as primeiras linhas/aprendizagens como afirma Freire (2004, p.142).

É falso também tomar como inconciliáveis seriedade docente e alegria, como se a alegria fosse inimiga da rigorosidade. Pelo contrário, quanto mais metodicamente rigoroso me torno na minha busca e na minha docência, tanto mais alegre me sinto e esperançoso também. A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo de busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.

Quando adentramos no processo da busca pelo novo, somos desafiados a compreender que as respostas, as aprendizagens estão associadas à simplicidade, a singeleza, a boniteza. Somos vários fios de linhas que precisam se conectar, muitos retalhos que precisam ser costurados um ao outro pra dá vida a colcha de nós mesmos.

As nossas práticas não se constroem dissociadas umas das outras, se unem, se juntam no processo constante de Ação-Reflexão. Ao nos relacionar, nos costurar com outros sujeitos, fazemos o movimento de entrelaçar nossos saberes a outros saberes e assim nos transformamos, e conseqüentemente transformamos o mundo, nós somos o mundo.

Nesse sentido, criação e criador se misturam, estão integrados um ao outro, são distintos e ao mesmo tempo tornam um o reflexo do outro: as mãos que bordam que agem sobre o tecido e as linhas transferem para fora o que está dentro de si, quando contemplamos o resultado final do bordado contemplamos as vivências, as leituras que são tecidas por aquele que o criou.

Exatamente nesse exercício de entrega, as mãos de quem outrora bordavam, fazendo movimentos com a agulha no tecido, vão se misturando as próprias linhas da tessitura e em questão de segundos o corpo inteiro está preso ao emaranhado de linhas, agora quem bordava é o próprio bordado, dando lugar para que seu bordado ganhe vida.

Em uma espécie de transe místico, aquele que antes era quem manipulava as linhas da vida do bordado, agora está preso ao tecido e seu bordado está materializado, as linhas fazem o movimento contrário, saem do tecido e dá vida a Maria uma linda jovem, é sob suas impressões que a costura da colcha com os retalhos de Jovens, adultos e Idosos se inicia.

Em seu ofício de costureira, Maria desenvolve um trabalho delicado e cuidadoso para costurar suas lindas colchas de retalhos. Seu mundo, sua casa, na maior parte do tempo se resume ao seu pequeno ateliê de costura, ali em meio a tantos cortes de tecidos, variados, múltiplos, diversos, linhas coloridas, nossa jovem expressa suas identidades.

Antes mesmo de darmos início a costura dessa colcha precisamos remontar a história da nossa protagonista; a existência dela precisa estar costurada para que possamos entender o motivo pelo qual seus retalhos se unem aos retalhos que fazem parte dessa produção. São retalhos simbólicos

que precisam deixar o anonimato. Esses retalhos de Maria são reflexos, são vivências, são experiências de tantos Jovens, adultos e Idosos que devem ser apresentados.

Quando esses relatos são transcritos aqui, os itinerários de vida de “Outros Sujeitos” são evidenciados, ganha cor, ganha vida, as vozes de “Outros Sujeitos” são ouvidas, as linhas que montam Maria ganham formas de letras, das letras surgem palavras, das palavras nascem à leitura, dessas leituras os “corpos indóceis” se envolvem com o conhecimento, costurados com o conhecimento, os fios embaraçados ganham a liberdade.

Cada fio usado para bordar, Maria traz em si a sua história, desenham a trajetória de sua vida, a sua existência está ligada intimamente a esses fios. Os primeiros fios remontam, recriam sua infância, os fios se movem alegremente, intensamente. São fios das festas que estão vivas na mente de Maria, são fios das brincadeiras com os irmãos nos arredores da casa simples em que fora criada, são fios de uma vida em cujo contexto é marcado pelas dificuldades e agruras.

As cores vibrantes das linhas que bordam Maria muita das vezes se misturam a cores cinzas, frias, sem viço, essas cores descrevem os itinerários vividos por nossa protagonista. Nem sempre foram dias coloridos, alegres, muitos dias surgiam como fios emaranhados, formando um nó quase impossível de ser desfeito. Desde muito cedo a pequena Maria aprendera que sua realidade era marcada pela negação de direitos.

As linhas que dão formas ao bordado da vida de Maria se movem e os fios representam sua família pobre, camponesa, comandada por sua mãe, o fio paterno Maria não conheceu, pois mesmo antes de seu nascimento foi levado embora. A história parecia se repetir, a colcha de retalhos em que Maria estava costurada era semelhante à das outras Marias da família, porém o retalho de Maria era revolucionário, um retalho que queria mudança, um retalho que expressava a transformação.

Dos mesmos fios alegres e coloridos que se entrelaçavam misturando os tons e cores de sua infância, alguns fios se transformavam nas lavouras de cacau e café que nossa pequena muitas das vezes era obrigada a deixar o encantamento das brincadeiras para auxiliar sua mãe, quantas vezes a infância de Maria estava relacionada em acordar cedo, antes mesmo dos primeiros

raios de sol surgirem no céu ela já estava de pé, e sabia que aquele dia seria longo, sua brincadeira daquele dia seria o ir e vir dos eitos de plantação de feijão e milho.

Os fios do mundo imediato de Maria, fios de uma infância livre em sua comunidade rural se cruzavam com os fios do trabalho. Desde muito cedo ela estava inserida nas costuras dos plantios, posteriormente nas costuras das colheitas, nessas costuras muitas vezes difíceis para uma criança, eram tiradas de letra por ela, nos fios vermelhos de seu coração que se interligavam aos fios rosados de sua mente ela se transportava para lugares mais longínquos, seus fios apontavam o futuro e nascia em seu íntimo a certeza que tudo seria diferente.

Enquanto a mãe colecionava alguns calos para as mãos já marcadas pelo tempo, o rosto já queimado de sol evidenciava algumas manchas, Maria tinha a facilidade de transformar aqueles momentos costurados com dificuldade em costuras de descoberta, de aprendizagem, ali ela estava conectada ao seu mundo, suas primeiras experiências eram carregadas de significado. Maria não conhecia ainda a “leitura escrita”, estava inserida em suas aprendizagens significativas do mundo em que vivia.

Esses fios da “leitura de mundo” de Maria se entrelaçam na “importância do ato de ler” com os fios tecidos por Paulo Freire quando afirma que:

A velha casa, seus quartos, seu corredor, seu sótão, seu terraço - o sítio das avencas de minha mãe -, o quintal amplo em que se achava, tudo isso foi o meu primeiro mundo. Nele engatinhei, balbuciei, me pus de pé, andei, falei. Na verdade, aquele mundo especial se dava a mim como o mundo de minha atividade perceptiva, por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras. Os "textos", as "palavras", as "letras" daquele contexto - em cuja percepção rio experimentava e, quanto mais o fazia, mais aumentava a capacidade de perceber - se encarnavam numa série de coisas, de objetos, de sinais, cuja compreensão eu ia apreendendo no meu trato com eles nas minhas relações com meus irmãos mais velhos e com meus pais. (FREIRE, 1989, p.9).

Como o próprio Freire costura os “textos”, as “palavras”, as “letras” que hoje constituem a figura de Maria são semelhantes à encarnação dessas costuras do passado. Os fios sonhados por ela tempos mais tarde começaram a ser fixados ao tecido de sua vida: é bem verdade que essa compreensão só

pode ser entendida por Maria quando na primavera dos seus quinze anos fora matriculada em uma escola, numa turma que funcionava no período noturno, como dizia sua mãe “você estudando a noite não irá atrapalhar nas atividades durante o dia lá na lavoura”.

Mas, é importante dizer, a “leitura” do meu mundo, que me foi sempre fundamental, não fez de mim um menino antecipado em homem, um racionalista de calças curtas. A curiosidade do menino não iria distorcer-se pelo simples fato de ser exercida, no que fui mais ajudado do que desajudado por meus pais. E foi com eles, precisamente, em certo momento dessa rica experiência de compreensão do meu mundo imediato, sem que tal compreensão tivesse significado malquerenças ao que ele tinha de encantadoramente misterioso, que eu comecei a ser introduzido na leitura da palavra. A decifração da palavra fluía naturalmente da “leitura” do mundo particular. Não era algo que se estivesse dando superpostamente a ele. Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro-negro; gravetos, o meu giz. (FREIRE, 1989, p.11)

Os fios das palavras, da leitura se uniram aos fios de Maria que em uma turma de Jovens, adultos e idosos deu início a suas costuras de ensino-aprendizagem escolar, para ela, cada dia de aula, mesmo cansada do trabalho diário, com a mãe era guardado como um tesouro, os fios que a professora costurava, os fios que saíam dos livros e soavam pela sala inteira como música, os fios que ganhavam vida quando escritos com giz branco na lousa, os fios que Maria utilizou quando aprendeu a escrever seu nome, todos os novos fios iam se costurando semelhantes às costuras que sua mãe fazia.

Desde pequena uma das qualidades mais marcantes de Maria era da observação; ela conseguia com facilidade aprender o que os adultos faziam, podemos exemplificar isso na facilidade que costurava. Na pequena sala de casa sua mãe possuía uma mesinha, com uma máquina de costura antiga herdada de sua avó, todas as noites quando voltavam da lida, a sua mãe preparava o café e em seguida sentava-se em frente a máquina e fazia pequenos consertos nas roupas já gastas, costurava lindas colchas de retalhos, para Maria o ensino era semelhante às costuras que sua mãe fazia todas as noites, ela costurava sua leitura de mundo, agora as leituras das palavras.

Continuando neste esforço de “re-ler” momentos fundamentais de experiências de minha infância, de minha adolescência, de

minha mocidade, em que a compreensão crítica da importância do ato de ler se veio em mim constituindo através de sua prática, retomo o tempo em que, como aluno do chamado curso ginasial, me experimentei na percepção crítica dos textos que lia em classe, com a colaboração, até hoje recordada, do meu então professor de língua portuguesa. (FREIRE, 1989, p.11)

Quando Maria aprendeu a ler e escrever, percebeu que aquele processo era semelhante ao ofício de costura de sua querida mãe, a união das letras, formavam as palavras, a união dos pedaços de pano com o auxílio da linha formavam as colchas de retalhos, a aprendizagem. As linhas da leitura de mundo associadas às linhas da leitura e escrita se movem descrevendo os processos de transformação em que são atravessados por Maria.

As junções dessas linhas formam as tramas, as aprendizagens significativas, unem os retalhos, constituem as relações do cotidiano com conhecimento, ao se cruzarem linhas e vida de Maria. Os retalhos vão sendo unidos uns aos outros (retalhos/jovens, retalhos/adultos, retalhos/idosos). Esses retalhos dialogam com as vivências simples de Maria firmando os fios da tessitura do saber/saberes que se firmam na troca mútua de experiências.

Quando os traços, os fios, o retalhos de vida de Maria são costurados, explícitos, montando uma colcha de retalhos subjetiva que expressa às lutas, dificuldades, desafios que a jovem vivenciou na infância, adolescência e fase adulta, nos permite refletir quem são os sujeitos/retalhos da EJA, o bordado de Maria dá vida aos subalternizados, marginalizados, inferiorizados, conforme reflexões de Arroyo (2012)

Vejamos algumas formas de pensá-los e confrontá-los às quais reagem como coletivos. Em suas ações reagem às formas parciais, superficiais de sua classificação que ocultam os processos mais radicais de sua inferiorização e segregação como coletivos humanos. As categorias mais frequentes com que são vistos, sobretudo no pensamento sociopedagógico tem sido: marginalizados, excluídos, desiguais, inconscientes. Formas de pensá-los e classificá-los que ocultam formas históricas mais abissais e sacrificais de segregá-los. (ARROYO, 2012, p.11).

Nesse sentido, quando os Sujeitos/retalhos são rotulados, são expostos tendo seus direitos negados, são marginais, pois estão à margem da sociedade, os que não estão em conformidade com a padronização, são os corpos que não se deixam domesticar, os “Corpos In(dóceis)”, são os excluídos

justamente por serem e estarem fora desse padrão, são os desiguais, são os diferentes que não se submetem a serem retalhos fáceis de manipular, são os inconscientes, que precisam ser engessados, os que têm suas humanidades roubadas (FREIRE, 1987).

Se ambas são possibilidades na história só a humanização é a vocação dos homens, vocação negada, mas também afirmada na própria negação. Vocação de humanização negada na injustiça, na exploração, na opressão, na violência dos opressores, mas afirmada no anseio de liberdade, de justiça, de luta dos oprimidos pela recuperação de sua humanidade roubada. (FREIRE, 1987, p. 30).

Os fios que bordam Maria se misturam se movimentam, se cruzam nas tramas de sua existência como os fios desses sujeitos, os fios que atravessam um contexto marcado pelas dificuldades, agruras de uma vida simples. Por vezes, os fios do bordado se moviam deixando um emaranhado de linhas que se embaraçavam e deixavam em evidência os processos excludentes em que Maria se formava.

Esses fios embaraçados desenham o contexto, a trajetória, desenham as lutas e militâncias que Maria um retalho da classe trabalhadora que vivia em um movimento constata de afirmar/firmar seus fios, suas histórias, suas vivências deixando fixado ao tecido bordados que refletem a costura de jovens, homens, mulheres, idosos costuras oriundas de comunidades periféricas e rurais, cujos direitos são negados, ao se constituir, ao ser bordada, Maria dá cor a esses retalhos de gente enquanto sujeitos de direitos.

Maria seria apenas mais um retalho, um número nas estatísticas se esta não tivesse aproveitado as oportunidades que seus fios de vida lhe deram, uma menina/mulher humilde que não se acomodou em apenas ser mais um bordado, um retalho, tudo que nossa protagonista fez foi potencializar se apropriar do poder que o conhecimento da palavra escrita (FREIRE, 1989) lhe deu, ela ressignificou sua vida dando um novo sentido, transformando suas vivências e experiências em aprendizados.

Maria, fios bordados para serem transformadores, fios que mesmo passando por momentos difíceis, escolheram não estarem apenas fixos ao tecido mais que se permitiram viver a transformação e que em seus itinerários de luta e militância buscavam a liberdade (FREIRE, 1987), fios que segundo Arroyo (2017) tem cor, fios que se misturam, se cruzam formando teias de

conhecimento, saberes, ensino e aprendizagens, fios carregados de significados.

Os fios que bordam Maria bordam também suas conquistas, formou-se como aluna da Educação de Jovens, Adultos e Idosos, rompendo as dificuldades e os desafios que lhes eram impostos, embaraçados em seu caminho, deu continuidade aos seus estudos ingressando em uma universidade, lugar onde nossa querida Maria pode se perceber enquanto protagonista de sua história e entender que através dos fios da educação ela conseguiu mudar seus conceitos de vida e agregar também com os retalhos de sua parentela e de sua comunidade.

O período em que esteve costurada na universidade, nessa costura com os retalhos dos colegas e professores, com o entrelaçamento dos fios de ensino/aprendizagem, Maria pode através das leituras feitas, das reflexões, das costuras em sala de aula “reler” momentos fundamentais, guardados em sua memória (FREIRE, 1989), e nesse processo os fios se moviam e teciam uma nova mulher, como os fios tecidos por Freire:

Uma das qualidades mais importantes do homem novo e da mulher nova é a certeza que têm de que não podem parar de caminhar e a certeza de que cedo o novo fica velho se não se renovar. A educação das crianças, dos jovens e dos adultos tem uma importância muito grande na formação do homem novo e da mulher nova. Ela tem de ser uma educação nova também, que estamos procurando pôr em prática de acordo com as nossas possibilidades (FREIRE, 1989, p.48)

Nesse sentido, os fios que bordam Maria, bordam também a vontade que nossa protagonista sempre expressava de ir além. Os fios do bordado Maria eram fios revolucionários, seus fios não aceitavam ficar parados, em um movimento constante e dinâmico se misturavam e se entrelaçavam na busca de renovação, a certeza que Maria tinha era que através da educação ela poderia se transformar e transformar o seu mundo, seu lugar, sua casa.

Poderia dar vida aos retalhos que escolhia pra costurar, retalhos que precisam estar unidos uns aos outros para que de fato sejam costurados, retalhos/ homens novos e retalhos/mulheres novas. Maria tornou-se uma mulher nova, uma costura nova, um retalho novo, um bordado, que se modificou num processo em que seus fios se dedicaram a arte de re-existir, re-

viver, os fios que são carregados de suas memórias, suas vivências, seus fazeres e saberes, esses fios levaram Maria a novos universos, novos lugares.

Sempre dedicada, decidida, uma mulher forte e destemida, sempre que lhes eram bordados desafios estava disposta a enfrentá-los, nossa heroína como sabemos foi aluna da modalidade de Educação de Jovens, Adultos e Idosos, e por esse motivo sempre se demonstrou muito afeiçoada e defensora de uma “Prática Curricular” que proporcione aos sujeitos dessa modalidade uma educação de qualidade.

Não por coincidência, nossa protagonista em seu processo formativo se dedica a escrever/costurar sobre EJA, os fios que bordamos caminhos percorridos por Maria, que bordam sua inserção na educação estão atrelados a essa modalidade de ensino, o tempo passou e nossa menina no auge de suas trinta primaveras nesses fios bordados já se mostra uma jovem mulher formada em Pedagogia que constantemente dialoga seu ofício de costureira a sua prática como professora de uma turma de Jovens, Adultos e Idosos.

São esses fios de um bordado chamado Maria que costuram uma vida a outra, uma história a outra, uma vivência a outra, uma experiência a outra, um saber ao outro, e pedaço por pedaço, retalhos diversos, coloridos, estampados, lisos, em tons mais fortes outros em tons mais claros vão dando forma, dando voz, dando corpo, dando cor, aos que tem seus direitos negados, rasgados, embaraçados.

2.1 – CONTEXTOS, SUBJETIVIDADES E TRAJETÓRIAS DOS SUJEITOS DA EJA: ENTRELAÇANDO CORES, TONS E FORMAS.

“Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior... Em cada retalho uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade... Que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa” (PIZZIMENT, 2013).

Esse trecho rasgado do poema “Sou feita de retalhos” e costurado aqui, descreve de modo significativo e simbólico Maria bordada, costurada aos retalhos/vidas de Jovens, Adultos e Idosos; descrevem sua ligação direta a esses “passageiros da noite” (ARROYO, 2017). Nos seus itinerários de vida, de costura, de bordados Maria tem seus pedaços unidos aos pedados de outras “gentes”.

Maria melhor que ninguém consegue dialogar a respeito desses sujeitos, haja vista que nosso bordado também foi aluna dessa modalidade de ensino, e no tempo presente em que é transportada do tecido para a existência, assume o papel de professora com esses meninos e meninas/retalhos coloridos, com esses homens e mulheres/retalhos mais escuros e com os guardadores do tempo os queridos idosos/retalhos em tons mais claros e serenos.

Nosso bordado se vê retalho como estes, ela surge dessas realidades, ela dá vivacidade a costura de si e dos outros retalhos que se unem ao seu, seus tons se misturam aos outros tons dando mais brilho as cores que se misturam e dão forma, se formam, se transformam, modificam suas realidades, compreendem seus itinerários sociais, culturais, políticos. São sujeitos/retalhos que mesmo com a negação embaraçosa de seus direitos, firmam seus retalhos, na luta constante, no ir e vir dos fios costurando-se, afirmando-se enquanto sujeitos/retalhos de direitos.

Em suas práticas educativas Maria sempre primava por evidenciar sua realidade, suas costuras de vida, no sentido que seus alunos/retalhos pudessem entender que não podemos nos estacionar, acreditar que tudo permanece igual, que nada muda, pelo contrário quando ela apresentava seus itinerários de vida era no intuito de que os educandos percebessem que também eram capazes de ressignificar seus próprios itinerários, e nesse processo de costurar-se Maria crescia, a colcha ia ganhando forma, tamanho, ganhando espaço, os “Outros Sujeitos” (ARROYO, 2012), iam ganhando visibilidade.

Maria entendia muito bem que aqueles sujeitos /retalhos eram semelhantes aos pedaços de tecido que ela escolhia para costurar suas colchas, se os pedaços não estivessem juntos e se percebessem como parte do processo educativo/costura em que estavam inseridos seriam apenas pedaços, seriam apenas mais um na multidão, no amontoado de retalhos em cima de sua mesa de costura, era preciso escolher os tecidos, pedaço por pedaço para que a colcha formasse a “boniteza” (FREIRE, 2004), e com o uso da máquina de costura/da leitura de mundo e da palavra, com a linha/o conhecimento a mudança acontecia, acontece. Conforme anunciou Freire (1979) “A educação não transforma o mundo. Ela muda pessoas. Pessoas transformam o mundo” (FREIRE, 1979. p.84).

Certo dia quando separava retalhos de tecido para dar início à costura de uma colcha, em seu pequeno ateliê sobre a mesa de madeira envelhecida herança de sua mãe, ela espalhava os cortes de tecidos e iniciava um trabalho mágico de selecionar as cores, as estampas que combinassem, ela sempre que podia, em suas horas vagas, dedicava-se a transformar retalhos soltos em retalhos unidos, assim em um desses exercícios de escolha dos retalhos, Maria enlaçada em seus pensamentos, sempre que costurava era como uma viagem que seus fios faziam, começou a deixar sua imaginação lhe levar pra longe.

Lembranças iam e vinham das noites em que observava sua mãe sentada em frente a máquina, e nesse movimento saudoso nosso bordado percebeu que os seus alunos eram como aqueles retalhos, cada um com sua cor, sua trama, suas formas, suas estampas, suas histórias, suas vivências, suas caminhadas, seus processos de ensino/aprendizagens, suas descobertas, aqueles jovens, adultos e idosos eram pedaços de uma grande colcha de retalhos, e em suas trocas em sala de aula iam se costurando uns aos outros, suas trajetórias, seus itinerários de viagem/devida (ARROYO, 2017) se cruzavam na trama do destino.

Ao separar seus retalhos, Maria tinha o cuidado de organizar da seguinte forma, retalhos coloridos, estampados, listrados, florais aos quais ela assemelhava aos jovens, tecidos em tons mais fechados, escuros, os tons mais fortes de verde, azul, marrom e preto, esses seriam os adultos (homens e mulheres) e a cartela de cores mais leves e claras, como os tons de bege, os tons terrosos representavam os idosos. Todavia a separação aqui está associada à escolha dos retalhos, pois Maria de modo algum pensava os sujeitos/retalhos da EJA no sentido de segregá-los (ARROYO, 2012).

As realidades distintas dos sujeitos/retalhos encantavam Maria, e a semelhança aos retalhos era a costura que ela conseguia fazer para unir sua prática educativa e curricular ao seu ofício de costureira, era o modo como ela associava a sua própria realidade, seu mundo imediato (FREIRE, 1989) da infância em que ela também fora retalho colorido, e sua experiência no tempo presente em que é um retalho adulto, com o zelo pelos retalhos mais sábios, os idosos em que ela via refletida a imagem de sua saudosa avó e sua querida mãe.

Sentada em frente à mesa e aos retalhos previamente separados, Maria viajava em seus pensamentos, seus fios refletiam as existências de cada sujeito/retalho que cruzava sua arte de unir um pedaço ao outro, sabendo que cada pedaço daquele tinha suas próprias subjetividades, individualidades, singularidades e pluralidades, e nesse exercício de entender esse processo ela era capaz de descrever de modo significativo a existência de cada retalho, de cada jovem, de cada adulto, de cada idoso. Esses passageiros da noite (ARROYO, 2017) trazem suas bagagens cheias, na busca da troca de saberes e conhecimentos, estão à procura de suas liberdades.

Quem são os adolescentes, jovens, adultos que, como passageiros da noite, chegam do trabalho para a EJA? Quem são as crianças e os adolescentes que chegam às escolas públicas, vindos do trabalho, da sobrevivência, da pobreza extrema (quase 20 milhões no Programa Bolsa Família)? Aprofundar-nos nessas interrogações sobre quem são os educandos, de onde vêm, para onde voltam, de que percursos humanos-desumanos, sociais, raciais, de gênero e de trabalho... Será o caminho mais pedagógico para aprofundar-nos sobre quem somos. [...] Quem são os educandos/as com que trabalhamos nas escolas e, especificamente, na EJA? Como entender suas vivências tão extremas e como trabalhá-las nos conhecimentos? Com que artes de educar-formar? A que formação, a que saberes têm direito como mestres-educadores e educandos? Como garantir seu direito a entender os processos vividos de construir identidades educadoras reinventadas? (ARROYO, 2017, p.12)

Em sua prática educativa e de vida, Maria sempre buscava entender e obter respostas a esses questionamentos, o manuseio dos retalhos, a mistura dos tons, a união de um retalho ao outro, a combinação das cores, as linhas que firmavam o trabalho da costura buscavam dá sentido à existência dos sujeitos/retalhos. A costura que Maria se dedicava, buscava dá evidencia, dá visibilidade, mostrar a beleza dos retalhos, quando ia costurando os retalhos coloridos, escuros, claros, iam sendo firmados seus saberes, valores e identidades, feitos de resistências por emancipação (ARROYO, 2017). As existências, as representatividades dos sujeitos/retalhos davam forma à colcha.

Como dito anteriormente, Maria tinha o cuidado de separar seus retalhos respeitando a beleza, individualidades e coletividades de cada retalho. Nesse sentido, os retalhos coloridos, estampados, listrados, florais eram os retalhos que nosso bordado entendia como sendo os melhores pra representar os itinerários dos retalhos/jovens, meninos e meninas que em suas viagens do

trabalho para a EJA (ARROYO, 2017), traziam consigo marcas/estampas, vida/cores, subjetividades/desenhos, escolhiam o turno da noite para estudarem, pois durante o dia precisavam trabalhar/existir, resistir.

Trazê-los como sujeitos de escolhas não tão livres, mas escolhas. Trazê-los em itinerários-viagens-passagens do trabalho para a EJA. Passageiros. Colocar-nos quem são, que passagens – não só escolares, mas passagens-itinerários humanos de onde, por onde, em que tempos. À noite? Em longos percursos de ônibus. Pela cidade. Pelos campos. (ARROYO, 2017, p.21,).

Os retalhos/jovens são entendidos por Maria aqueles cujas escolhas livres ou não são inseridos no cenário, no ateliê da educação de Jovens, Adultos e Idosos, oriundos das cidades ou dos campos, são retalhos cujos itinerários de vida estão atravessados pela luta, resistência/re-existências, vivências. São retalhos/jovens que “Caminham pelo direito à educação” (ARROYO, 2017), direito esse que são muitas das vezes negados, rasgados, descosturados, são retalhos que em suas existências vivem como diz o ditado popular “entre a cruz e a espada”, são retalhos/jovens personagens em constante deslocamento, conforme anunciado por Arroyo (2017).

Devemos começar por focar os personagens desses deslocamentos ou por vê-los como percursos dos personagens pobres, trabalhadores empobrecidos das cidades ou dos campos, mulheres, negros/as. Quem são os que esperam nas filas? A que grupos sociais, raciais, sexuais pertencem? Aqueles/as que esperam nas filas – os passageiros do fim do dia e do início da noite. (ARROYO, 2017, p.22).

Os retalhos/jovens estão divididos em dois grupos, podemos assim dizer retalhos/jovens que habitam nas cidades e os retalhos/jovens oriundos da zona rural, em suas vivências estão inseridos em contextos existenciais distintos, os corpos, os retalhos se relacionam levando em consideração o lugar, o espaço em que desenvolvem suas atividades, são retalhos diversos que expressam estampas diversas, estampas políticas, sociais e culturais, cada grupo de retalhos se expressa de acordo com seus costumes, crenças e tradições.

Nesse sentido, Maria ao fazer sua leitura, ao escolher esses retalhos/jovens para sua colcha compreendia a importância de entender a que itinerários de vida, de existência esse corpos se moviam, era preciso se debruçar num processo minucioso e delicado para compor a cartela de estampas a serem usadas, respeitando as individualidades e coletividades de

cada grupo de retalhos, é preciso entender cada contexto para que possamos romper com os estereótipos. Cada retalho/jovem vive realidades diferentes mais que podem ser cruzadas quando esses são costurados.

O primeiro grupo de retalhos que Maria se dedicou a organizar está relacionado aos retalhos/jovens que permeiam a cidade, esses retalhos por sua vez são jovens que povoam as comunidades periféricas, são retalhos com as mais diversas estampas que expressam variados tipos de violências, violências de cunho físico, psicológico, emocional, são retalhos que convivem diariamente com a intolerância, o preconceito, a falta de oportunidades, muitos desse retalhos/jovens acabam amassados, amarrotados, manchados, rasgados.

Convivem também com o mundo do crime e das drogas, moram em conglomerados apertados separados por becos e vielas, dividem espaços que não são confortáveis com os demais familiares, habitam em casas cujas estruturas arquitetônicas são precárias, para esses retalhos/jovens falta saneamento básico, estão expostos as mais variadas doenças, são os corpos marginais, segregados, desiguais (ARROYO, 2012). Esses retalhos são para Maria importantíssimos para a construção de sua costura, ela os percebe como retalhos que precisam ser evidenciados, existe beleza, existe cor.

Embora possamos ficar nos questionando como podemos perceber as potencialidades desses retalhos, diante de tantos estigmas, de tantos rótulos Maria os percebe enquanto retalhos coloridos e isso se expressa na quebra de paradigmas para nossa costureira. Esses retalhos/jovens tem capacidade de sobra para superar os limites que lhes são impostos e podem se tornar retalhos capazes de compor um lindo trabalho, uma linda costura. A educação pode transformá-los (FREIRE, 1979, p.84)

Aos serem costurados tornam-se parte da colcha saem do anonimato, transformam suas vidas, sua comunidade, transforma o mundo, a realidade dos retalhos/jovens, podem não ser numa primeira impressão das melhores, todavia ao serem tensionados a refletirem, a se perceberem como agentes transformadores. De um lado estão todas as mazelas a que esses retalhos sofrem, do outro está à caixa de costura/cultura que matem viva nossa história, em contato com a caixa de costura os retalhos terão, a dança, a música, o teatro, aviamentos dos mais variados tipos que poderão utilizar para dá outro sentido as suas existências.

O segundo grupo de retalhos que Maria também organiza para dá início a sua costura está relacionado aos retalhos/jovens do campo, estes por sua vez trazem um estampado diferente dos retalhos do primeiro grupo, são retalhos carregados de resistência, lutam pela terra, lutam por uma vida digna, desde muito cedo sabem o que é dar duro para ganhar o pão de cada dia, lutam contra as cercas que impõem limites para que esses retalhos mostrem seu colorido. O retalhos/Jovens do campo também vivem processos de negação de seus direitos.

Muitas vezes em troca de moradia são forçados a vender sua força de trabalho, trazem no corpo as marcas do trabalho duro nas grandes propriedades, ganham muito pouco, as mãos cheias de calos, trabalham sem nenhuma proteção, sem reconhecimento, muitos retalhos/jovens e suas famílias, não tem perspectivas de mudança, acabam se acostumando com o pouco que possuem, haja vista a falta de informação na maioria dos casos faz com que esses retalhos não a reconheçam como parte da sociedade, e acabam reforçando o discurso de inferioridade.

Todavia quando esses retalhos são organizados no sentido de serem parte da costura, estes retalhos trazem consigo o conhecimento de mundo, do fazer, do transformar, do criar, são mestres em seus ofícios, estão conectados com a natureza, dela conseguem extrair sem destruir, guardam as tradições, crenças e costumes, sabem a data certa do plantio, da colheita são guiados pelas estações, pelas quadras da lua, são retalhos que em seu fazer diário produzem vida, uma vida carregada de simbologia, de mágica, e é disso que Maria precisa para dá mais cor a sua colcha.

A vida no campo é expressa pela simplicidade, pela tranquilidade, os retalhos/jovens do campo trazem consigo o frescor das manhãs ensolaradas, a alegria do canto dos pássaros, o cheirinho de café coado na hora, o colorido dos pés de ipê em floração, o amontoado tão perfeito das jabuticabas nos galhos em tempo de safra, na força das águas representadas nas cheias dos rios, são retalhos de um colorido infinito. Maria compreende muito bem que esses retalhos quando inseridos nos processos de ensino/aprendizagens poderão entrelaçar suas vivências a outras.

Os retalhos/jovens oriundos dos centros urbanos ou do campo historicamente são aqueles cujas trajetórias de vida estão marcadas pelos

estereótipos que violentam seus corpos, são retalhos definidos como sendo as vítimas do “Sistema”, são corpos inferiorizados, corpos marginais, corpos segregados (ARROYO, 2012). Esses retalhos/jovens são expostos a toda sorte de adversidades, são a “carne mais barata” estão o tempo todo vivendo um fogo cruzado que pode chamuscar suas cores; esses retalhos são o tempo todo oprimidos pela sociedade, pela mídia, pela escola.

Todavia, para Maria, esses rótulos não tiram a beleza desses retalhos, podem estar amassados, mas continuam sendo retalhos e podem sim contribuir significativamente na construção de uma sociedade mais justa, mais igualitária, mais humana. Esses retalhos podem compor uma colcha, mais linda, mais colorida, mais vibrante, para nossa costureira esses retalhos/jovens não são apenas vítimas, mais sim potenciais em construção; esses retalhos/jovens costurados um ao outro, costurados em uma educação libertária (FREIRE, 1987) poderão ressignificar suas existências, esses retalhos são construtores do futuro. Em seus itinerários de vida/de costura produzem, criam, aprendem, ensinam, estão constantemente vivenciando processos formativos.

Maria não vê limites para seus retalhos, as estampas se misturam “Retalhos” florais, listrados, quadriculados, de bolinhas, “Jovens” compositores, cantores, atores, pintores, fazedores de cultura, detentores de saberes tradicionais, são retalhos/jovens que são “História” que fazem história, são parte da colcha de retalho que com tanto zelo nossa costureira vai montando, sem deixar ela mesma de também ser retalho representativo, subjetivo na vida/costura desses retalhos/jovens. Maria consegue ver o futuro, e no seu processo criativo vê seus retalhos/jovens/alunos, como os responsáveis pela mudança de suas próprias realidades, a costura/educação é o início da colcha, o ponto de partida.

Nessa perspectiva nossa costureira entende que é preciso deixar para trás as linhas embaraçadas, é preciso limpar a máquina de costura, repor o óleo para facilitar o trabalho, é preciso ajustar os fios, ajeitar os retalhos cada um dará sua contribuição na montagem, na construção de uma sociedade justa. A costura não se dá sozinha, a educação não se constrói sozinha, os retalhos/jovens não se costuram sozinhos, tudo pode ser diferente, é preciso

uma Maria bordada, que se costure a esses retalhos e acredite no potencial dos mesmos.

Nossa costureira/professora finaliza a separação dos retalhos/jovens coloridos, e os organiza em cima de sua mesa de costura, os retalhos vibrantes, estampados, retalhos cheios de saberes e vivências, retalhos que precisam ser inseridos na costura, nos processos de ensino/ aprendizagem, retalhos que não são sozinhos em seus itinerários, retalhos que precisam se unir a outros retalhos, que precisam entrelaçar seus saberes a outros saberes, retalhos que precisam ser costurados a outros retalhos, assim Maria vê-se estimulada a iniciar a escolha de outros retalhos pra compor sua costura.

A costura de uma colcha precisa ser cuidadosa, para isso é preciso um trabalho cuidadoso no processo de escolha e separação dos retalhos, não são escolhas aleatórias, faz-se necessário a escolha de retalhos que dialoguem entre si, até porque a boniteza (FREIRE, 2004) da colcha se dá nesse cruzamento dos retalhos, nesse sentido nossa costureira/professora iniciou escolhendo, apresentando os retalhos/jovens e para dá continuidade ao seu trabalho, a sua costura ela precisa ainda de mais retalhos, com outras cores, outras tramas, outras aprendizagens, outros sabres, assim a seguir ela nos apresenta mais duas categorias de retalhos, os retalhos/adultos e os retalhos/idosos.

Nesse processo de organização dos retalhos existem os retalhos cuja cartela de cores está marcada pelos tons mais escuros, os retalhos/adultos, homens e mulheres que povoam as cidades e também o campo. Maria assemelha os tons mais escuros para representar os retalhos/adultos levando em consideração o modo como esses se encaixam se apresentam como se movimentam e como ocupam os espaços em que vivem, são retalhos carregados de experiências, estão inseridos no mercado de trabalho formal e informal inseridos nesse processo de costurar-se a outros retalhos, buscam respeito, lutam por seus direitos negados, lutam por sobrevivência.

O adulto, diferente do jovem que tem um olhar para o futuro, possui interesses voltados para o presente. Sua preocupação está atrelada a melhorias e segurança na vida profissional que são reflexos de suas responsabilidades com o sustento da família e educação dos filhos. Além disso, há uma cobrança social em relação às etapas que devem ser cumpridas pelos

sujeitos adultos para que sejam considerados “bem sucedidos na vida. (MONTEIRO, PEREIRA, 2018, p.16)

Os retalhos/adultos são homens e mulheres que em seus itinerários de vida lutam diariamente, não uma luta armada, uma queda de braço, é um processo de luta simbólica, social, psicológica, política, histórica, lutam para que seus corpos sejam valorizados, que seus corpos estejam e permaneçam vivos, são retalhos/adultos que para Maria precisam que suas vozes sejam ouvidas, para ela uma boa costura/Educação possibilita que esses retalhos enfrentem o silenciamento e apagamento de seus corpos, ao se deixarem ser costurados a outros retalhos, se modificam e modificam suas próprias existências, constroem um mundo possível de existência.

Os retalhos/adultos transitam por diversos espaços, nesse ir e vir são (motoristas, porteiros, padeiros, pedreiros, carpinteiros, vendedores ambulantes, agricultores, feirantes) funções em que os retalhos/homens atuam em maior número, são (costureiras, quituteiras, faxineiras, empregadas domesticas, lavadeiras, rezadeiras, artesãs) atividades em que os retalhos/mulheres se destacam, independente da função que exercem esses retalhos/adultos compõem a costura/ educação de jovens, adultos e idosos, são parte importante para a montagem da colcha que Maria deseja costurar.

Retalhos/homens, retalhos/mulheres, que se cruzam, muitos desses retalhos/adultos são pais dos retalhos/jovens e se cruzam no processo de costura que Maria está produzindo, são retalhos carregados das marcas de uma vida dura de trabalho, de lutas e resistências, são “corpos Indóceis” que se movimentam pelas cidades e pelos campos buscando viver de forma honesta e justa embora assim como os retalhos/jovens são retalhos que precisam tencionar suas existências no sentido de ressignificarem suas vivências, são homens e mulheres que vivenciam processos de transformação.

Os retalhos/adultos são pedaços de homens e mulheres que trazem em suas existências muitas marcas. Os retalhos/homens em seus diálogos e em seus processos formativos estão inseridos nos contextos da costura/educação de jovens, adultos e idosos numa busca por melhor qualidade de vida, busca se firmarem/formarem no sentido de mudarem suas vidas. Estes buscam a partir de seus processos de costura/educação, ensino/aprendizagens estarem

preparados para que ingressos no mercado de trabalho possam ocupar melhores empregos; percebe-se aí a busca pelo reconhecimento profissional.

Diferentemente dos retalhos/homens que buscam especialmente uma formação no intuito de atuarem no mercado de trabalhos, os retalhos/mulheres muitas unidas a retalhos/homens, outras retalhos/mulheres solteiras, almas livres, que ao costurar-se a colcha de Maria buscam por recuperar o tempo, são retalhos/mulheres que na infância ou na juventude não tiveram a oportunidade de costura/educação, são retalhos/mulheres que foram impedidas por retalhos/homens/seus pais de serem costuradas, de estudarem. Esses retalhos/mulheres deveriam limitar seus sonhos ao lar, sua formação/sua costura deveria ser limitada.

O retalhos/adultos que se inserem na costura de Maria é, em sua maioria, retalhos/mulheres, que desempenham ao mesmo tempo os papéis de “mães e pais”, são mães de família, donas de casa, retalhos/mulheres violentados (as) por seus parceiros, que por muito tempo ficam em silêncio, o famoso sexo “Fragil”, demonstra-se retalhos fortes, firmes, marcados pelo tempo, sofredores (as) mais que re-existem, re-vivem a cada manhã; não fogem a luta, mais vão à luta, são retalhos/mulheres trabalhadores (as) que mesmo cansados a noite ainda tem forças para se aventurarem na descoberta do novo, do conhecimento, esses retalhos/mulheres precisam ser levadas ao grito de libertação.

Descrever os retalhos/adultos para Maria era ao mesmo tempo descrever suas próprias subjetividades, em muitos dos diálogos com seus retalhos/alunos nossa costureira/professora conseguia se vê representada, em seus processos de costura/de mediação de ensino/aprendizagem buscava promover momentos em que os retalhos/alunos pudessem repensar suas práticas, seus modos de viver e ver o mundo. Para Maria, era muito importante provocar seus retalhos/alunos a se reconstruírem, se repensarem e perceberem que ao serem costurados uns aos outros iam ficando maiores, a colcha ia ficando maior, ganhando forma, ganhando espaço, os retalhos/alunos iam ganhando voz.

Em sua mesa de costura Maria dispõe organizados os retalhos numa explosão de cores retalhos/jovens, também os retalhos mais escuros, cuja tonalidade representa os retalhos/adultos e pra finalizar a descrição das

categorias de retalhos pra sua produção, ela começa a apresentar os retalhos mais claros, trazendo toda serenidade dos retalhos/idosos. Descrever retalhos/idosos emociona de modo profundo nossa costureira, Maria é envolvida por sua própria memória e se vê descrevendo sua avó e sua mãe grandes referências para ela, ser quem é não seria possível sem a presença saudosa que estas lembranças lhe trazem, e num momento como que de transe, nossa protagonista viaja e relembra as histórias contadas tanto pela avó como por sua mãe.

A subjetividade idosa frequenta a escola por interesses próprios e não está em busca, como adultos e jovens, de qualificação profissional e conclusão da educação básica por força da legislação. Embora tenhamos de um lado sujeitos idosos que estão atrelados a uma subjetividade dependente, abandonada socialmente, invisível, esquecida pelas políticas públicas; do outro, temos subjetividades ativas. Essas subjetividades passam a constituir-se por meio de práticas de liberdade que vão além da aprendizagem da leitura e da escrita. (MONTEIRO, PEREIRA, 2018, p.18)

Descrever os retalhos/idosos é para Maria, de certo modo, uma homenagem as matriarcas de sua família; para nossa costureira, estes idosos são os guardiões do passado, são símbolos vivos, são retalhos que também já estiveram nas outras representações, são retalhos/idosos que guardam suas memórias do tempo em que também eram retalhos/jovens e/ou retalhos/adultos. Maria elege três categorias para representá-los, estes podem ser percebidos como mestres que não escreveram livros, ou não são lembrados por descobertas e grandes feitos como a construção do primeiro avião, são mestres que podem não ter a facilidade de manipular as construções tecnológicas, mas que viveram essas transformações nas margens (Arroyo, 2012). Esses retalhos/idosos são homens e mulheres que em suas trajetórias de vidas sofreram e ainda sofrem opressões por serem os sujeitos que estão nas bordas, nas periferias, nas ruas, nas cidades e nos campo, são retalhos/idosos que não perderam a sua beleza mesmo que invisíveis, mais vivos, excluídos, mais presentes, apesar de estarem nas margens não perderam a grandeza que há no horizonte, retalhos/idosos silenciados, mas que não perderam suas vozes, de geração em geração, através da oralidade se mantiveram e se mantêm vivos, são os mestres da memória, mestres do saber, mestres do tempo.

Os retalhos/idosos são representados por Maria pelos tecidos com uma cartela de cores que buscam dar leveza, tranquilidade, suavidade a sua colcha, por isso ela seleciona tecidos nos tons de bege, tecidos alaranjados, rosê, são tons da experiência, são tons das humanidades roubadas, tons dos oprimidos evidenciados em Paulo Freire (1987), são tons cuja palavra tem muita importância, pois é através da fala que estes se apresentam. A escolha dos tons claros está intimamente ligada ao respeito que Maria tem aos retalhos/idosos, em seus itinerários, são homens e mulheres, idosos e idosas, mestres e mestras que já viveram muito e por meio de suas trajetórias podem ensinar muito.

São os mestres da memória, são guardiões de memórias afetivas, subjetivas, que estão guardadas na caixinha da mente e nos objetos guardados (um ferro de brasa, uma máquina de costura, um oratório, um álbum de fotos), basta olhar para um retalho/idoso que percebemos os tons que o compõe, as cores de sua existência são e estão demonstrados nos tons das rugas, nos tons das mãos frágeis, mas cheias de vigor, nos tons dos cabelos grisalhos ou totalmente brancos “os capuchos de algodão” como dizia a mãe de Maria, nos tons sérios de suas faces que por vezes deixam esboçar um sorriso envergonhado.

Em suas memórias guardam sua histórias, memórias que se cruzam, se misturam, que vai e vem, ora em uma conversa informal, com netos ou filhos, com vizinhos, ora quando os retalhos sentados na varanda de casa deixam a memória voar para longe e buscar no passado seus guardados, seus percursos, suas trajetórias, seus saberes, essas memórias que são trazidas para o tempo presente, memórias faladas, cantadas, desenhadas, esculpidas, bordadas, costuradas, são evidências do passado que fornecem subsídios para formação humana, social, política e cultural, aquelas memórias que Maria costumava dizer que eram do tempo de sua avó.

Quando nos debruçamos em ouvir os retalhos/idosos, precisamos estar atentos a tudo que eles nos evidenciam; é vida que ganha corpo, é movimento mesmo parado. Quando ouvimos os mestres da memória podemos visitar outros espaços, se esses retalhos/idosos são representantes de espaços urbanos, através de suas falas podemos entender o modo como essa cidade surgiu, como se organizou, como os ambientes foram ocupados; muitos desses

retalhos atuaram direta ou indiretamente nesses processos, viram chegar os primeiros moradores, muitos deles são os pioneiros, viram surgir às primeiras casas, as primeiras ruas, viram ser edificadas os primeiros monumentos, viram o nascimento das manifestações culturais.

Se esses retalhos/idosos são mestres das memórias do campo, em suas falas podem apresentar como se dá a vida campesina, conhecem e cultivam a terra sem agredi-la, descrevem como se dá o processo de plantio seguindo como orientação as fases da lua, conhecem o tempo apenas pelo olhar, dizem se vai ser um dia ensolarado ou chuvoso, contam histórias de assombração, descrevem seres encantados, são guardadores de crenças e superstições, conhecedores das ervas, das rezas; os retalho/idosos estão conectados ao que poderíamos nomear como geografia sentimental de cada lugar.

São mestres do tempo, um tempo que não é marcado tão somente pelos ponteiros de um relógio, um tempo que é marcado pela existência e resistência de cada retalho/idoso, um tempo que é marcado por cada caminho percorrido, por cada lugar em que esses retalhos/idosos atuam, são mestres do tempo que vivem em constante movimento, o tempo que não fica estático como um relógio, fixado na estante, pendurado na parede, ou que se movimenta preso ao pulso de alguém. Os retalhos/idosos são representantes vivos das transformações do mundo, o mundo que às vezes está limitado ao lugar em que vivem sua casa, sua rua, sua cidade, ou ao mundo no sentido da amplidão do globo.

São mestres do saber, o saber aqui relacionado ao jeito como os retalhos/idosos fazem suas leituras no mundo (FREIRE, 1989), como fazem suas leituras de vida, leituras de suas existências, leituras de suas resistências, leituras de seus modos de serem no mundo, os modos como está inserido em seus contextos históricos de luta, de conquistas, de movimentos, de representatividades, o saber aqui expresso faz uma alusão aos saberes tradicionais, saberes adquiridos nas relações diárias em suas comunidades, com seus pares, saberes das relações afetivas, que são construídos no seio familiar, saberes das relações com o lugar, que são construídas nos espaços que esses retalhos/idosos transitam.

Os retalhos/idosos compõem os retalhos que Maria precisa pra dá início a sua costura, retalhos/idosos que tiveram negado ainda quando eram

retalhos/jovem o direito de ler e escrever, quando eram retalhos/adultos foram distanciados também desses direitos, pois precisavam trabalhar, ou seja, trazem consigo as marcas da negação de seus direitos que foram costurados em outras colchas, e estiveram distantes da colcha/educação, muitos desses retalhos/idosos nunca estiveram se quer perto de uma escola, poucos deles sabem escrever ainda que de forma primitiva o seu nome, são retalhos e mais retalhos que ao serem inseridos na colcha que Maria está costurando poderão dar um novo significado a suas existências.

Quando esses retalhos/idosos são trazidos para ser parte da colcha/da educação de jovens, adultos e idosos, já são retalhos com tramas e cores, chegam com suas bagagens cheias, repletas de conhecimento, trazem nas suas bagagens o tempo expresso em suas memórias e saberes, todavia esses retalhos precisam vivenciar as experiências da leitura da palavra, a palavra escrita (FREIRE, 1989), muitos desses retalhos/idosos tem o desejo de aprender, de ler. Diferentemente dos retalhos/jovens e dos retalhos/adultos, o desejo dos retalhos/idosos são marcados por finalidades bem específicas, Maria compreendia isso muito bem quando observava a vontade de aprender a ler e escrever de seus retalhos/alunos/idosos, ficava muito nítida as finalidades que cada retalho/idoso tinha.

Os retalhos/idosos/homens eram em sua maioria pedreiros, marceneiros, feirantes, comerciantes e o ensino/aprendizagem para eles estava atrelada a possibilidade de aperfeiçoarem suas práticas no sentido de se manterem ativos em suas atividades de trabalho, cada um em sua função sempre demonstrava grande facilidade, haja vista o tempo em que cada uma já vinha exercendo tais funções. Havia também retalhos/idosos que ao adentrarem na costura/escola tinham aquele espaço como local de aliviar as tensões do dia, o encontro com os colegas lhes mantinham ativos.

Os retalhos/idosos/mulheres eram em sua maioria donas de casa, com as mais variadas atribuições, são artistas da cozinha, a saber, o cuidado no preparo dos alimentos assim era muito importante saber transcrever as receitas, com agulhas nas mãos bordam, costuram, dão vida aos tecidos assim eram preciso saber escrever para aperfeiçoar suas criações, são guardiãs dos segredos das ervas assim se a memória começava a lhes trair era necessário fazer registros para cada remédio preparado, nas diversas dimensões

religiosas são as mestras da fé, aqui podemos expressar o jeito que cada uma se expressava, umas precisavam manter vivas as ladainhas, os cantos, outras precisavam compreender o que o livro sagrado queria lhes dizer e ainda as que precisavam transmitir suas resistências na busca por respeito as suas entidades e fazeres.

Na mesa de costura de Maria estavam retalhos/jovens/coloridos, retalhos/adultos/escuros e retalhos/idosos/claros, retalhos diversos, com vivências e experiências diversas, cujas trajetórias e itinerários de vida são marcados por processos violentos, em que suas humanidades constantemente são confrontadas, até que pontos são entendidos e vistos como humanos, estão o tempo inteiro lutando por suas vidas, são retalhos que na busca por respostas precisam interrogar quem “são no mundo sendo-não-sendo no mundo”, esses retalhos tem voz, saberes, culturas, consciências (ARROYO, 2021), não são apenas retalhos/humanos que esperam serem escolhidos, são retalhos/humanos que existem.

Maria os vê como retalhos/humanos que não precisam lutar por serem representados como humanos, são retalhos oprimidos, que historicamente e ainda tem suas vozes silenciadas, retalhos de jovens, adultos e idosos cujas existências sofrem toda sorte de opressão, processos que se repetem, ganham novas roupagens, como afirma Arroyo (2021) a opressão passa por processo de aperfeiçoamento e se embarça com as vidas dos retalhos de maneira refinada. Maria compreende que seus retalhos/alunos vivem e convivem com esses novos modos de sofrimento, tem seus corpos violentados das mais diversas formas, são rasgados, amassados, manchados, mas que sobrevivem, são retalhos vivos, criativos, transformadores, unidos uns aos outros, ganham força pra continuarem seus percursos existenciais. A compreensão de Maria dialoga com a reflexão de Arroyo (2021) ao anunciar a atualidade dos processos de opressão com os retalhos inseridos na Educação de Jovens, Adultos e Idosos.

[...] em tempos de golpes ditatoriais tão próximos aos tempos que nos anos 60 provocaram Paulo a escrever a Pedagogia do Oprimido. Seu pensamento é atual porque a opressão é atual. As violências de Estado são atuais e requintadas contra os mesmos: os trabalhadores e seus direitos, os jovens pobres, negros, periféricos e seus extermínios; os movimentos sociais

por direito à terra, teto, trabalho, renda, saúde, educação, por identidades de coletivos reprimidos, exterminados. Tempos de anulação política das formas de resistência de classe dos oprimidos. Tempos de jogar milhões ao desemprego, a sem direitos do trabalho, e sem um futuro previdenciário, tempos de concentração da renda e da terra em mãos de poucos e de aumento da miséria, da pobreza, de sem-renda, sem-terra, sem-teto, sem-trabalho. (ARROYO, 2021, p.02).

São retalhos/humanos que ao serem costurados por Maria na colcha, ao serem inseridos no processo de ensino/aprendizagem, ao entrarem no espaço escolar, ao se tornarem alunos da Educação de Jovens, Adultos e Idosos são tencionados a transgredirem suas existências, são convidados a escreverem não somente a palavra escrita, mas são convidados a escreverem uma nova história, a reescreverem suas histórias de vida, as linhas do conhecimento costuram suas histórias e dão vida a colcha, dão aos retalhos a voz; quando costurados os retalhos tem devolvidas suas vozes, são devolvidas suas humanidades.

2.2 OS DOCUMENTOS LEGAIS E ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA A EJAI: ESPAÇO DE DIREITO, DILEMAS E DISPUTAS COSTURADOS FIO A FIO

“A avó tem uma máquina de costura que foi da mãe da sua mãe, da sua avó. A avó pedala a máquina e costura rendas na barra dos vestidos, costura um sol e uma lua no bolso das camisas, costura uma hora na outra, um carinho no outro. E o chão fica cheio de fios e linha colorida enquanto a avó vai costurando amor” (MURRAY, 2017).

As linhas desses versos descrevem perfeitamente os momentos em que Maria observava sua mãe costurando, a saudade lhe tomava por completo, quando sentava em frente aquela máquina de costura, ela se conectava ao passado, aquela máquina carregada de sentimento, herança de família, um objeto carregado de memórias.

A máquina de costura sobre a mesa, os retalhos organizados, diversos, diferentes cores, é hora de iniciar a costura; a máquina irá auxiliar Maria no processo de unir os retalhos. Nossa costureira irá escolher um tubo de linha que tenha uma cor que combine com os retalhos, encherá a bobina, fará com que a linha se conecte a máquina, ela irá pedalar como sua avó e sua mãe

faziam e num movimento mágico a linha presa a agulha da máquina fará o trabalho de unir um retalho ao outro, retalho por retalho vão se firmando, não estão sozinhos, cada retalho com sua cor, sua estampa vão dando forma a colcha.

Maria olha para sua máquina de costura e compreende que sem ela o trabalho de união dos retalhos se tornaria difícil, a máquina é uma ferramenta de grande importância, para a elaboração do trabalho de costura da colcha, sendo assim os retalhos/jovens/adultos/idosos em seus processos formativos precisam da máquina de costura/instrumentos legais e normativos que irão respaldar uma prática curricular para que a Educação de Jovens, Adultos e Idosos aconteça. Sendo assim para que haja uma costura Maria faz o uso da máquina, para que a EJAI aconteça o Estado deverá assumir a responsabilidade de promover uma Costura/Educação de qualidade que respeitem os retalhos/alunos em sua totalidade, uma Costura/Educação capaz de formar retalhos/sujeitos conscientes.

Maria sabe bem das dificuldades que essa modalidade possui como retalho vindo desse mesmo contexto, nossa costureira entende quantos desafios seus retalhos/alunos enfrentarão para que seus direitos sejam efetivados, direitos negados em seus itinerários de vida, direitos que continuarão sendo negados, a não ser que a máquina de costura seja preparada para realizar a costura. Todas as vezes que Maria pensava em fazer uma costura, era preciso preparar a máquina, fazia a limpeza, colocava óleo para melhorar as engrenagens da máquina, escolhia linhas de qualidade, às vezes a linha embarçava era preciso dar uma pausa, quando a linha da bobina chegava ao fim e era necessário encher novamente e continuar a costura.

Todo processo necessário para utilizar a máquina Maria aprendeu ainda quando menina, olhos atentos a cada movimento, admirando e observando sua mãe costurando, nesses momentos mesmo com a luz fraca do candeeiro ela conseguia guardar no arquivo da memória como manusear a máquina. Digamos que todo esse processo se assemelhe a um manual que era preciso ser lembrado, caso contrário não seria possível fazer qualquer costura, assim também acontece com a Costura/Educação de Jovens, Adultos e Idosos, que

possui diretrizes próprias para que seja efetuada, assim como a máquina precisa ser conhecida por quem a utiliza.

Maria conhecia muito bem cada um dos documentos legais que respaldam a EJA e sua base curricular e assemelhava esses instrumentos a máquina de costura e as suas funções. Nossa costureira/professora entendia que para costura dos retalhos era preciso seguir passo-a-passo a preparação da máquina de costura, era preciso limpar a poeira, a linha deveria ser colocada nos lugares corretos, a bobina precisava estar abastecida com linha; cada fio deveria ser colocado para que o trabalho pudesse ser iniciado, os retalhos separados por cores, tons e texturas, pra só então ser iniciada a construção da colcha, Maria ajeitava os retalhos seguindo a sequência escolhida e com um pé apoiados no chão e o outro sobre o pedal da máquina, fio a fio, retalho a retalho ia se firmando.

A Educação de Jovens, Adultos e Idosos pensada sob a ótica de Maria, precisa transpor o que os documentos legais tratam a respeito dessa modalidade, as ações precisam ser efetivas, viscerais, precisam deixar de ser meros manuais, precisam ganhar vida, ganhar corpo como se fosse a colcha sendo costurada, dia após dia por nossa costureira, a junção dos retalhos/jovens/adultos/idosos nesse processo dão evidência a esses retalhos humanos, que não precisam se mostrar humanos pois assim se comportam em suas trajetórias, o que precisa ser modificada é a visão de como esses retalhos/corpos são vistos, eles não deixaram ou deixam de serem humanos, as suas humanidades é que são vilipendiadas, subtraídas, esquecidas, negligenciadas por um sistema criminoso, nefasto que acredita possuir nas suas garras o domínio de tudo.

Nesse sentido Maria entende que em sua costura/prática educativa, urge que sejam forjadas práticas curriculares capazes de dar sentido a existências dos retalhos/sujeitos; é urgente uma costura/aprendizagem significativa, viva, expressiva, transformadora, que possibilite com que os retalhos/sujeitos se sintam pertencentes, protagonistas de suas histórias em que suas vozes sejam ouvidas de fato, sem amassados ou rasgos, estes que já trazem em seus corpos as marcas da negação de seus direitos, cujas existências são roubadas, tiradas de si, por um sistema que engessa, limita, restringe, negocia de forma

escusa esses retalhos. Esses retalhos, são corpos, são peles que não se limitam a caixa de retalhos guardados, empoeirados, são retalhos vivos.

Esses retalhos/são uns amontoados de pedaços de pano que devam ser usados de qualquer maneira/adultos/idosos não são um amontoado de pedaços de pano que devam ser usados de qualquer maneira, são retalhos cujas existências precisam ser respeitadas, são retalhos que vivenciam processos de opressão diária, em seus percursos individuais e coletivos, esses retalhos precisam ser olhados sob a ótica de Paulo Freire, pois quando esses retalhos “resistem a toda forma de opressão, resistem por libertação somos obrigados a tentar entender com que Pedagogias se libertam, se humanizam”(ARROYO, 2021). São diversos os métodos de opressão vividos por esses retalhos, nas mídias, nas relações trabalhistas, nas ruas, nos hospitais, nas escolas.

Retalhos que em seus trânsitos e travessias “continuam se afirmando sujeitos de Outras Pedagogias” Maria em sua costura/prática educativa entendia a existência dessas outras Pedagogias, ela mesma era fruto dessas Pedagogias que “interrogam, descontraem Pedagogias hegemônicas, que se julgam únicas, universais”. Justamente por ser bordada de Outras Pedagogias Maria se via tencionada a entender como estavam pensados e descritos os documentos legais que norteiam a Educação de jovens e adultos e Idosos.

Assim como a sua máquina de costura precisava de um manual para ser revisto vez por outra, Maria entendia que na organização de sua costura/prática educativa era de suma importância visitar, analisar, rever os documentos legais que direcionam, organizam o currículo da colcha/Educação de Jovens, Adultos e Idosos, embora para ela haja na conjuntura desses documentos ainda muito a ser anexado, são muitos dilemas a serem resolvidos e muitas são disputas a serem travadas para que essa modalidade assuma de fato um caráter em que a educação desses retalhos seja libertadora.

Maria entende que o pensamento pedagógico hegemônico não percebe esses retalhos como humanos que são, pelo contrário, como nos mostra Arroyo (2021, p.10) quando diz que esse pensamento “assume uma postura de descompromisso político, ético e pedagógico” com esses retalhos /sujeitos e os identifica e os percebe apenas como não “humanizáveis, educáveis, passíveis

de formação humana”. Ao se debruçar na leitura dos manuais da máquina de costura/dos documentos legais, Maria entendia que o que ali estava descrito assumia justamente esse caráter segregador, em que distanciava os retalhos de sua costura de processos de uma educação transformadora, o que Arroyo nos apresenta tão bem a seguir:

Paulo Freire se contrapõe a esse pensamento pedagógico segregador, se identifica como educador, em defesa da formação humana ao longo de todos seus escritos e suas práticas. Não pensa os oprimidos como não humanizáveis, mas como humanos já. Por que tanta dificuldade de Paulo Freire ser reconhecido nas análises do pensamento pedagógico? Porque se contrapõe a essa marca tão persistente do paradigma pedagógico hegemônico e reconhece que os Outros são educáveis, humanizáveis. Sujeitos de pedagogias Outras de formação humana. Se contrapõe a segregar os Outros, os grupos sociais pobres, trabalhadores, os oprimidos como primitivos, irracionais, sem saberes, valores, sem leituras de mundo e de si no mundo, sem consciência política, sub-humanos, in-educáveis, in-humanizáveis. (ARROYO, 2021, p.11)

Maria sempre se questionava o porquê os manuais da máquina/documentos legais mantinham grandes lacunas quando se referiam a costura/educação de Jovens, adultos e idosos. Para nossa costureira/professora seria de suma importância que esses manuais/documentos trouxessem em seus escritos e práticas os ensinamentos tão bem apresentados por Freire em sua obra, para Maria as contribuições do educador trazem em sua gênese moldes/modelos perfeitos pra construção de uma colcha/prática educativa com uma base curricular que atenderia as demandas da EJA.

Esses manuais da máquina/documentos legais que compõem o currículo para Educação de jovens, adultos e idosos apresentam essa modalidade num formato muito minimalista, de modo muito simplista para a magnitude que Maria via a EJA, para ela era muito pouco apresentado, pensado, escrito pra falar dos trânsitos, travessias e pontes que seus retalhos/alunos vivenciavam em suas trajetórias, assim ela entendia que o Estado possuía uma grande dívida no que tange as políticas desenvolvidas pra essa parcela da educação, o que esses manuais da máquina/documentos legais trazem em seus textos pra Maria era falta de uma boa fita métrica para que o texto pudesse descrever a grandiosidade da EJA.

A saber, o primeiro manual/documento que Maria nos apresenta para tecer algumas reflexões trata-se da Constituição Federal de 88, no Capítulo III que trata sobre Educação, Cultura e Desporto, especificamente na seção I que no corpo do texto vai tratar sobre educação, nesses escritos são apresentados alguns fios pra uma possível costura/educação, no artigo. 205 são costuradas as seguintes palavras.

A educação, direito de todos e dever do estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, CONSTITUIÇÃO FEDERAL de 88, p.123).

Maria ao ler essas palavras ficava se questionando até que ponto a educação era de fato direitos de todos? Para quem servia esses direitos? Em que seus retalhos/alunos tinham esses direitos respeitados? Historicamente seus retalhos/alunos tiveram usurpadas suas humanidades e negados seus trânsitos, seus corpos, suas vozes. Até que ponto esse direito costurado/escrito nesse artigo permite que os retalhos/alunos de Maria existam e re-existam? Em seus itinerários, esses retalhos/alunos são colocados do lado de fora, são expulsos, empurrados a própria sorte, lutam por suas existências, em suas trajetórias são obrigados a escolherem viver ou lutar pela efetivação de seus direitos. Mais como irão lutar por direitos se a colcha/educação não lhes dá suporte? Como conseguirão ter assegurados seus direitos se as práticas educativas/curriculares não respeitam suas singularidades e particularidades?

Nas costuras do texto sobre Educação apresentados na Constituição Federal, existe o cuidado com as outras modalidades educacionais, porém no que diz respeito à Educação de jovens e adultos e Idosos não conseguimos perceber nada além de uma breve linha escrita que diz o seguinte “oferta de ensino noturno regular, adequado as condições do educando” (BRASIL, 1988, p.124), Maria não conseguia entender como era possível reduzir esta modalidade a poucos fios, a poucas palavras, uma modalidade de ensino tão cheia de especificidades, modalidade de ensino que precisa de um currículo próprio, específico, significativo.

O segundo manual/documento refere-se à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) que destina em sua construção uma lauda no que diz respeito à Educação de jovens adultos e idosos, em seu capítulo II na

seção V costura alguns fios, em que apresenta algumas informações que podem nortear a costura/prática educativa que para Maria ainda não contempla como deveria essa modalidade. Para nossa costureira/professora, o texto se restringe muito, as informações reduzidas, pra falar dos tantos retalhos/alunos da EJA. Vejamos o que diz o artigo 37. “A educação de jovens e adultos será destinada aqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensino fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida” (BRASIL, 2019, p.30).

No decorrer dos fios, Maria vai buscando refletir o que seria idade certa para aprender; ela mesma aprenderá, fora inserida no contexto educacional na idade dita pelo documento como aquela que não seria apropriada para a aprendizagem e diferentemente do que pregam tais escritos nossa protagonista, costurou sua existência justamente indo na contramão do sistema que em seus processos educativos segregam, criminaliza, excluem os retalhos. No primeiro inciso do artigo 37, diz que “os sistemas de ensino devem assegurar” que os retalhos/jovens/adultos/idosos efetuem os estudos que não puderam na idade certa, ou foram lhe negados esses direitos? Que processos esses retalhos vivenciaram pra terem sido afastados da escola? Essas e outras perguntas não saiam da cabeça de Maria.

O terceiro manual/documento são as Diretrizes Curriculares para a EJA, para nossa costureira/professora, esse documento vai sendo desenhado de modo a atender o que a educação de jovens, adultos e idosos, precisa pra ser efetivada como uma modalidade cuja formatação possui especificidades próprias, nos fios que vão dando vida a essas diretrizes. É apresenta fundamentos, funções e conceitos que compreendem essa modalidade, Maria consegue perceber que nesse manual/documento surgem os primeiros passos digamos assim para que possa ser consolidada uma educação que respeite a diversidade apresentada nos processos de ensino/aprendizagem dessa modalidade.

[...] a Educação de Jovens e Adultos (EJA) representa uma dívida social não reparada para com os que não tiveram acesso a e nem domínio da escrita e leitura como bens sociais, na escola ou fora dela, e tenham sido a força de trabalho empregada na constituição de riquezas e na elevação de obras públicas. Ser privado deste acesso é, de fato, a perda de um

instrumento imprescindível para uma presença significativa na convivência social contemporânea.

Esta observação faz lembrar que a ausência da escolarização não pode e nem deve justificar uma visão preconceituosa do analfabeto ou iletrado como inculto ou "vocacionado" apenas para tarefas e funções "desqualificadas" nos segmentos de mercado. Muitos destes jovens e adultos dentro da pluralidade e diversidade de regiões do país, dentro dos mais diferentes estratos sociais, desenvolveram uma rica cultura baseada na oralidade da qual nos dão prova, entre muitos outros, a literatura de cordel, o teatro popular, o cancionário regional, os repentistas, as festas populares, as festas religiosas e os registros de memória das culturas afro-brasileira e indígena". (BRASIL, 2000, p. 02).

Em linhas gerais, os fios das Diretrizes Curriculares para a EJA, são referenciais para a costura/prática pedagógica, essas diretrizes devem contemplar a todos os jovens, adultos e idosos, cujo currículo precisa ser norteado por três linhas/eixos que se cruzam na consolidação dessas práticas, são estes a cultura, o trabalho e o tempo. Quando Maria dá início ao seu ofício de costura de uma educação libertadora, transformadora é importante que sejam desenvolvidos processos de formação humana, atrelados aos contextos sociohistóricos capazes de reverter à exclusão, distanciamento dos retalhos/alunos de seus direitos negados, uma formação que garanta o acesso real e permanente e o sucesso como direito fundamental.

Nesses processos de exclusão, de opressão em que os retalhos/jovens/adultos-idosos foram excluídos do ensino, um ensino que historicamente possuía como finalidade alfabetizar os jovens, adultos e idosos para que estes pudessem apenas votar, ou seja, uma educação que não os percebiam como "humanos".Esses retalhos/alunos a partir das diretrizes retornam para o cenário educacional com direitos adquiridos por políticas que consolidam esses direitos, a consolidação das Diretrizes Curriculares faz com que aconteça uma ruptura desse pensamento de uma educação seletiva, discriminatória e excludente, superando assim uma visão preconceituosa do analfabetismo.

Maria compreende bem que a partir das Diretrizes Curriculares para a EJA, essa modalidade inicia ainda que de maneira tímida a valorizar as especificidades de tempo e espaço, construções presenciais de conhecimento, uma distinção por faixa etária de jovens, adultos e idosos, a inclusão de

projetos próprios e específicos, assim a EJA tem como função social a superação da educação apenas para o mercado de trabalho, sendo assim esta modalidade assume uma responsabilidade na construção de uma consciência crítica, autônoma dos retalhos/alunos.

Nesse sentido, nossa costureira/professora desenvolvia práticas curriculares comprometidas com a formação humana que davam acesso à cultura em geral, aprimorava a criatividade de seus retalhos/alunos, as suas costuras tencionavam a todo o tempo seus retalhos/alunos a terem uma educação crítica, uma consciência crítica, adotarem atitudes éticas, comprometerem políticos, autonomia intelectual. Em seus processos de costura Maria buscava sempre que seus retalhos/alunos pudessem refletir suas humanidades, suas existências, ela em sua ação pedagógica buscava reconhecer as diferenças e valorização às diversidades, voltadas a atender as necessidades de seus educandos, no sentido que esses entendessem seu papel na formação da cidadania e na construção da autonomia, para Maria era importante que seus retalhos/alunos construíssem conhecimento, que eles fossem agentes críticos, atuantes e saibam construir conhecimentos que não se encerrem na EJA.

Para Maria é responsabilidade o Estado garantir, assegurar uma educação de qualidade, uma educação que respeite em suas totalidades os retalhos, os corpos, as vozes, as trajetórias de cada jovem, adultos e idosos que em seus trânsitos, travessias e pontes, em suas costuras sejam ressignificados e valorizados seus corpos, que sejam corpos vivos, políticos, que em suas costuras sejam tencionados ao enfrentamento dos apagamentos e mortes de seus corpos. É preciso uma prática educativa em que os “oprimidos” tenham consciência das ameaças, das violências e políticas de extermínio que este mesmo Estado promove, conforme anunciado por Arroyo (2021):

Estamos em tempos dos oprimidos – jovens, adolescentes, militantes saber-se ameaçados das violências de Estado. Uma radicalização política da opressão. Novos tempos ainda mais radicais: as velhas-novas formas de opressão, de roubar humanidades se radicalizaram em processos de execução, de extermínio social, de classe, racial, de milhares de jovens-adolescentes-crianças, militantes, negros, mulheres como Marielle. (ARROYO, 2021, p.12).

Nossa costureira/professora sentia-se angustiada ao perceber que este Estado que deveria garantir o direito à educação de seus retalhos/alunos era o mesmo que promove as mais variadas formas de opressão, e em seu ofício diário de costurar retalhos por retalhos, em sua prática educativa, buscava que seus retalhos/alunos percebessem também que estava em suas mãos a possibilidade de mudança, eram eles retalhos de variadas estampas/vivências os protagonistas de novos tempos, se por um lado o Estado nega o direito a educação em sua prática curricular, Maria busca reverter tais processos tencionando seus retalhos a se firmarem e afirmarem como parte desse processo, como ela mesma sempre dizia em suas aulas “a mudança precisa começar primeiro em nós mesmos”.

2.3 CURRÍCULO DA EJAI EM AMARGOSA-BA: UMA CONSTRUÇÃO TECIDA POR VÁRIAS MÃOS

“Um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos. Se um que apanhe esse grito que ele e o outro lance a outro; de um outro galo que apanhe o grito de um galo antes e o lance a outro; e de outros galos que com muitos outros galos se cruzem os fios de sol de seus gritos de galo, para que amanhã, desde uma teia tênue, se vá tecendo, entre todos os galos” (João Cabral de Melo Neto, 2001, p.151).

Esse trecho do poema expressa bem o modo como foi construída a proposta curricular no município de Amargosa, terra mãe onde nossa costureira Maria nasceu, tecido onde Maria foi bordada.

Nesse pedaço de chão, que é tão doce, embora traga em seu nome a palavra “amarga”, terra boa, de gente acolhedora, composta em sua arquitetura por belas casas, com belíssimas praças e jardins que dão um tom de beleza em cada espaço, terra das festas tradicionais, dos saberes das mestras e mestres da cultura, é nesse cenário lindo que Maria é costurada a outros retalhos pra dar vida a sua colcha, uma construção, uma costura. É nesse cenário encantado que surge uma proposta Curricular para a Educação de Jovens, adultos e Idosos, tecida por várias mãos, vários retalhos.

Como sabemos Maria além de desenvolver o ofício de costureira, exercia também o ofício de professora e defensora de uma educação de Jovens, adultos e Idosos de qualidade, que respeitasse as singularidades e

pluralidade de seus retalhos/alunos. Para isso, ela questionava sempre que era preciso uma Proposta Curricular que contemplasse de modo significativo o ensino de seus educandos; para Maria, o currículo dessa modalidade precisava ser pensado de modo a atender os anseios, desejos e necessidades dos retalhos/alunos, uma prática capaz de devolver suas “humanidades roubadas”.

Nossa professora/costureira conhecia muito bem a Proposta Curricular do município de Amargosa, antes mesmo de ser professora de fato, quando ainda era aluna na Universidade em um dos componentes curriculares, Maria desenvolvera uma pesquisa justamente sobre esse documento. Na época ela levantou algumas questões que lhe inquietava muito, como estava pensada a Proposta Curricular em Amargosa? Como eram pensados e escolhidos os conteúdos programáticos? Os eixos temáticos compreendiam as especificidades da EJA? Essas e outras questões foram refletidas por Maria.

Quando Maria debruçou sua pesquisa sobre esse documento, seu intuito era justamente entender como estava sendo pensada a modalidade que para ela merecia um olhar extremamente sensível, ela tinha uma relação afetiva com a Educação de Jovens, Adultos e Idosos; foi retalho/aluna dessa modalidade, e para ela, pensar uma proposta curricular para essa modalidade era uma questão de honra, enquanto retalho/aluna sentiu falta de uma educação qualificada, atualmente como professora/costureira não abre mão de militar na perspectiva da construção de uma proposta que contemple seus retalhos/alunos.

Para Maria, a Proposta curricular perfeita seria aquela que respeitasse seus retalhos/ alunos respeitasse suas histórias de vida, seus fazeres culturais, suas vivências, uma proposta que respeitasse cada retalho/aluno levando em consideração a faixa etária de cada um, o lugar de onde cada um vem, respeitasse as experiências, as bagagens de cada retalho/jovem, de cada retalho/adulto, de cada retalho/idoso. Para Maria, a Proposta Curricular que atenderia de fato seus retalhos/ alunos seria aquela que pensasse a Educação de Jovens, adultos e idosos de modo plural, diverso, múltiplo, sem a tentativa de enquadrá-los, de encaixotá-los, mais uma proposta que os libertem, os deixem livres.

Como professora/costureira preocupava-se constantemente em desenvolver sua prática/costura no sentido de ressaltar as especificidades de

seus retalhos/alunos. Ao promover suas ações educativas, Maria sempre buscava se preparar, adequando suas atividades para trabalhar com seus retalhos/alunos, questionava sempre a ausência de formação específica para os professores dessa modalidade, questionava a falta de métodos e conteúdos pensados de modo particular, específico para a Educação de retalhos/jovens/adultos/idosos evidenciando assim que era urgente pensar, repensar, reorganizar essas propostas que na verdade não contemplavam de maneira significativa as demandas dos retalhos/alunos; era costurar “remendo velhos em tecidos novos”, e isso estava longe do que Maria desejava pra seus retalhos/alunos.

Nesse sentido Maria entendia que a Proposta Curricular do município de Amargosa possuía uma redação que conseguia contemplar de certo modo o que ela defendia como sendo uma proposta que de fato contemplasse os seus retalhos/alunos. Maria entendia também que não seria suficiente apenas ter um documento bem redigido, o mais importante era uma prática curricular diária, as ações que acontecem cotidianamente no âmbito escolar, os fios tecidos em sala de aula que se inserem na vida dos retalhos/alunos sendo capazes de fazê-los construir fios reflexivos, um ensino capaz de fazê-los pensar, ressignificar suas costuras.

No processo de conhecer e entender a Proposta Curricular para a EJAI, a nossa professora/costureira costurou-se a um lindo retalho que também atua no cenário educacional do município, em sua ida a campo pra melhor entender como estava proposto o currículo, Maria conheceu e iniciou uma bela amizade com o retalho/professora Erenice Rocha que estava assumindo naquele momento a pasta de Supervisora da Educação de Jovens, Adultos e Idosos. Para Maria, não poderia ter sido encontro mais bonito: dois retalhos que juntos acreditavam na consolidação de uma educação transformadora, capaz de mudar a vida dos retalhos/alunos com práticas humanizadoras, desafiadoras, libertadoras.

O encontro com esse novo retalho proporcionou a Maria grandes descobertas. Carinhosamente Maria se reportava ao retalho chamando-a de Nice, conversaram bastante, dividiram algumas angustias, falaram de alguns sonhos no que tange questões para a EJAI, um encontro que proporcionou o nascimento, o alinhavo de uma grande amizade, retalhos que se unem pra

pensar, refletir sobre outros retalhos, retalhos que vêm nas mãos a possibilidade de promover costuras que proporcionem aos retalhos um novo olhar, um novo existir. Maria e Nice comungam das mesmas ideias, que é através da Educação, uma “Educação libertadora, humanizadora, amorosa” que seus retalhos/alunos poderão ser livres.

Juntas Maria e Nice dialogaram a respeito da Proposta Curricular elaborada para o município, esse documento se configura como sendo o resultado de uma costura feita por vários fios tecidos, costurados no diálogo entre teorias e práticas tecidos na costura de vários retalhos que fazem parte também desta colcha como descrito na própria apresentação da proposta.

Dessa forma, a proposta da EJA para o Sistema Municipal de Amargosa resultou de um trabalho de pesquisas em fontes diversas e de diálogos entre seus atores, sistematizando, dessa forma, a estrutura dessa etapa de ensino. O material aqui apresentado se constitui num instrumento direcionador de todas as ações que serão implementadas pela Secretaria de Educação acerca da modalidade, apresentando, também, os objetivos e metas pretendidas com essa etapa de ensino no Sistema em questão. (AMARGOSA, 2011, p.9)

A prosa de nossos dois retalhos deu-se continuidade em que Nice apresentou a Maria o modo como estava sistematizado o documento, em seus primeiros fios costurados nos é apresentado um breve histórico da Educação de Jovens, Adultos e Idosos no Brasil, são costurados fios que descrevem “as razões de sua implementação”, fios que descrevem como essa modalidade vem “ocorrendo em nosso sistema” e fios que apresentam indicadores da EJA em nosso Município. A proposta curricular do município está norteada pelas diretrizes educacionais defendidas no Plano Municipal de Educação (PME), entende que esta modalidade é regulamentada pela Constituição Brasileira, tanto que em sua redação traz de forma clara “os constituintes e os legisladores que a regulamente”.

Estava bem claro para nossos retalhos que a Organização Curricular do município estava pautada nos documentos legais que norteiam a EJA, nota-se também que nos fios tecidos para essa elaboração são tecidas reflexões sobre a concepção de educação, da questão didática/metodológica, da importância da leitura e do letramento, e por fim, do papel do educador frente aos novos desafios. Tanto Maria como Nice compreendiam que o desafio maior era de

fato por em prática o que a proposta então bem elaborada apresentava, pois era preciso retalhos/professores comprometidos com essa concretização, por a “mão na massa”, ou melhor, por a mão na máquina e costurar.

A presente Proposta no que se refere aos pressupostos teóricos estava bem alicerçada, bem costurada nas teorias socioconstrutivistas como está explícito na redação da proposta “que o conhecimento não é algo situado fora do indivíduo, a ser adquirido por meio da cópia do real; o indivíduo constrói independentemente da realidade exterior, dos demais indivíduos e de suas próprias capacidades pessoais”, a redação apresenta objetivos gerais para cada conhecimento, os conteúdos didáticos, em sua estrutura seguem as orientações trazidas nos “Parâmetros Curriculares Nacionais e de documentos direcionadores”, o que fica claro pra Maria e Nice é que a Proposta em sua elaboração tem buscado contemplar as reais necessidades dos retalhos/educandos, mesmo que essas ainda estejam apenas fixadas ao papel.

A proposta também compreende que no processo de ensino/aprendizagem os processos avaliativos são essenciais no decorrer do percurso que os retalhos/alunos fazem; a avaliação cumpre assim o papel segundo a proposta “determinando em que medida os objetivos propostos nos planos de ensino e nos descritores da aprendizagem são realmente alcançados”, na sua redação a “proposta descreve as concepções de avaliação vigente em EJA e os instrumentos que serão contemplados”, Maria e Nice compreendem que o documento em questão torna-se um suporte importante para a modalidade em questão pois o mesmo apresenta “algumas definições das políticas de EJA que serão adotadas pelo SME”, essas ações de acordo com o documento serão monitoradas pela SME e os demais profissionais envolvidos com a modalidade da EJA.

Enfim, o referido documento tornar-se-á num instrumento direcionador do processo ensino/aprendizagem, conferindo-lhe um caráter preliminar, por entender que toda proposta é uma sistematização, nunca definitiva, de um processo de planejamento que se aperfeiçoa e se objetiva na caminhada rumo a uma leitura da realidade. A reformulação acontecerá em meio ao processo, ao constatar que o mesmo não está contemplando os objetivos propostos”. (AMARGOSA, 2011, p.10).

Nesse sentido Maria e Nice gostavam do modo como a proposta Curricular do município de Amargosa estava desenhada, uma sistematização que deixava sempre a possibilidade de revisão, reestruturação, reformulação, é desse modo que nossos retalhos compreendem a Educação de Jovens, Adultos e Idosos, cuja, prática não devem ser limitadas, engessadas. O ensino, os conteúdos, as atividades, não precisam encaixotar os retalhos/alunos, essa modalidade por si só se configura como um processo contínuo, vivo, uma costura que se dá na união de todos os retalhos/atores que estão envolvidos na construção dessa colcha.

Maria e Nice, como sabem, tornaram-se grandes amigas e sempre dialogam sobre muitos assuntos, e um que não pode faltar é sobre retalhos/jovens/adultos/idosos; falar sobre EJA é um ritual para elas, falam sobre os retalhos, suas histórias de vida, sobre as aulas, sobre conteúdos, sobre humanização, sobre itinerários, travessias e pontes, sobre as costuras que tanto gostam de fazer visando uma educação transformadora, significativa pra que seus retalhos/alunos tornem-se retalhos transformadores, reflexivos.

Certo dia, em um desses encontros, Nice fez um convite para Maria, um desses convites irresistíveis e que dificilmente não será aceito de forma positiva, o convite nada mais era para um seminário sobre Educação de Jovens, Adultos e Idosos, seriam tecidas falas e apresentadas algumas demandas no intuito de reformular a Proposta Curricular do município, nossa costureira/professora confirmou sua presença e no dia marcado estava lá, encantada com cada nova possibilidade de aperfeiçoamento da Proposta, naquele dia especialmente foram apresentados dados, provenientes de pesquisas feitas no âmbito da EJA no município.

Para surpresa e felicidade de Maria a proposta estava passando por uma reorganização, e para isso, segundo a apresentação feita por Nice, estava sendo construída por todos os retalhos que compõem essa modalidade. Antes de serem sistematizados os dados apresentados, fora feito um processo de escuta entre retalhos/professores, retalhos/gestores, retalhos /alunos, leitura de teóricos que discutem a temática, oficinas em sala de aula e a partir daí um processo mágico de tessitura deu-se início no intuito de modelar uma nova Proposta Curricular pra a EJA no Município, vale ressaltar que a redação final

está em processo de avaliação pelo Conselho de Educação e SME para que seja aprovada.

Uma tessitura feita por várias mãos, uma costura que para Maria e Nice tem uma grande importância, no sentido de promover no Município uma educação de Jovens, Adultos e Idosos capazes de inserir esses retalhos/alunos nos processos de construção de uma sociedade justa, livre, processos educativos que permitam que esses retalhos/alunos se percebam corpos vivos e livres, se percebam humanos que tiveram “roubadas suas humanidades”, que se percebam com poder de fala; seus corpos estão e precisam permanecer vivos, dissilenciados, humanizados, um processo educativo que não sirva apenas como reparação, pagamento de dívida, mais que promova processos de ensino/aprendizagens capazes de libertar corpos, mentes e vozes.

2.4 ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DA EJAI, SUBJETIVIDADE E APRENDIZAGEM: TRANÇANDO LINHAS

“Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear. Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor da luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte. Depois lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo hora a hora, em longo tapete que nunca acabava. Se era forte demais o sol, e no jardim pendiam as pétalas, a moça colocava na lançadeira grossos fios cinzentos do algodão mais felpudo. Em breve, na penumbra trazida pelas nuvens, escolhia um fio de prata, que em pontos longos rebordava sobre o tecido. “Leve, a chuva vinha cumprimentá-la à janela”. (Marina Colasanti, 2010, p.6).

Maria sempre que iniciava uma costura, sempre que tecia seu planejamento para as aulas com sua turma de EJAI, fazia a leitura dessa linda obra, o livro a representa muito e seus retalhos/alunos também, para nossa costureira/professora o processo de ensino/aprendizagem é semelhante ao processo de tecer feita pela “a moça tecelã” representada no livro. Assim como a moça escolhia cada linha que seria usada em seu ofício, Maria escolhia cada conteúdo, assunto que iria levar pra costurar com seus retalhos/alunos na sala de aula.

No seu processo de ensino/aprendizagem nossa costureira/professora entendia que a educação se dava na troca mútua, compartilhada. Na mesma proporção que ensinava que costurava, ela aprendia também com seus retalhos/alunos. Para Maria, o ato de ensinar requer entrega, respeito pelo outro, não deve existir hierarquia nessa tarefa tão nobre que é mediar o conhecimento. O saber é semelhante às linhas que a “moca tecelã” tem o cuidado em escolher a cada início do seu ofício, assim Maria em sua prática pedagógica buscava sempre desenvolver atividades que tivessem significado, que representassem seus retalhos/alunos, em sua arte de unir retalhos. Os zelos, a amorosidade, faziam parte dos seus princípios.

O entrelaçar dos fios, precisavam dar sentido as existências dos seus retalhos/alunos e paralelamente deixar viva sua própria existência. Para Maria não valia a pena ser apenas mais uma costureira/professora que não fosse capaz de tencionar; seus retalhos/alunos, ela queria sempre mais, retalhos vivos, retalhos reflexivos, retalhos transgressores, retalhos humanos, retalhos politizados. Para Maria seus retalho/alunos precisavam estar entrelaçados em aprendizagens significativas, capazes de levá-los a repensar seus itinerários, seus trânsitos, suas travessias, suas pontes, no sentido de dissilenciar seus corpos e mentes. Para Maria, sua costura/prática educativa de nada valeria se seus retalhos/alunos se mantivessem inertes estáticos.

Aqueles retalhos/alunos, retalhos/jovens, retalhos/adultos, retalhos/idosos, que se cruzavam na sala de aula, de nossa costureira/professora, precisavam entender e costurar em seus retalhos “a importância do ato de ler” (FREIRE, 1989), a importância de escrever, compreender, contextualizar, problematizar, questionar, tencionar. Os retalhos/alunos de Maria precisavam não apenas conhecer os verbos, os números, os pronomes de tratamento, os substantivos, as formas de relevo, as formas geométricas, as datas comemorativas, o alfabeto e as vogais. Eles precisavam ser costurados nesses processos todos, e para além disso, precisava da significação a tudo isso, entrelaçando essas aprendizagens da escola com as aprendizagens de suas vivências, existências. Nesse aspecto, Maria desenvolvia seu ofício de costureira/professora, em sua prática educativa ela promovia espaços de diálogos, de troca, de experiências visando que seus

retalhos/alunos não fossem mais os mesmo retalhos/alunos que chegavam às primeiras semanas de aula.

Maria, ao longo de sua vida, em suas atividades de costureira, de professora desenvolvera alguns princípios que para ela faziam toda diferença, no processo de seu nascimento, quando ainda eram apenas fios a serem bordados, alguns fios foram escolhidos por quem a bordou que dão cor a esses princípios. Princípios que fizeram parte de sua própria formação, em seus processos de ensino/aprendizagem costurados em suas vivências e que atualmente ela também costura em sua prática educativa, princípios que precisam estar entrelaçados às aprendizagens de seus retalhos/alunos, esses mesmos princípios que são encontrados na obra de Paulo Freire, os princípios/fios de ação-reflexão, afetividade, alegria, liberdade, esperança.

Aprendizagens entrelaçadas com fios de ação-reflexão, para Maria em sua prática educativa era muito importante que seu retalhos/alunos compreendessem sua capacidade de atuação em sociedade, ela desejava que seus retalhos/alunos fossem ativos, reflexivos, questionadores. Para nossa costureira/professora seus retalhos precisavam sair da sala de aula e levar pra suas comunidades, seus lares, seus itinerários, o desejo de transformação, de mudança, de resignificação, de liberdade, “novos homes, novas mulheres”, retalhos que costurados fossem capazes de atuação nos vários âmbitos da sociedade.

Freire afirma que nessa perspectiva da dialética, “aprender a ler e escrever oportuniza a percepção implicada no poder de ‘dizer a sua palavra’”: comportamento humano no mundo que envolve ação-reflexão. “Direito de expressar-se expressando no mundo, de decidir, de optar e de criar e recriar o mundo no duplo sentido do binômio dialético”. (KRONBAUER,2018, p.25)

Maria em sua costura desejava que seus retalhos/alunos, ao serem costurados aos processos de ensino/aprendizagem compreendessem a força que eles enquanto agentes transformadores possuem, são retalhos cuja costura poderá tencioná-los a atuarem com mais firmeza, assumindo de fato seu papel de sujeitos sociais, políticos, culturais. Maria desejava que seus retalhos/alunos entendessem o poder de “dizer a sua palavra”, retalhos atuantes e reflexivos, “Por conta da dialética ação-reflexão afirmam-se como

sujeitos, seres de relação, no mundo, com o mundo, e com os outros” (KRONBAUER, 2018, p.25)

Aprendizagens entrelaçadas com fios de afetividade e amorosidade são aqui um dos princípios que Maria costumava desenhar em sua prática educativa. Para ela, a aprendizagem precisava estar envolvida, ser pensada de forma afetiva e amorosa; os sentimentos deveriam fazer parte do processo formativo, no processo de costura é essencial que vínculos sejam construídos, entrelaçados, vínculos de confiança, respeito, solidariedade, afeto, carinho, fios que não podem faltar na costura da colcha. Aqui não se trata de afeto individual, mais numa construção coletiva, comunitária, grupal, no ambiente da sala de aula, no ateliê onde o retalhos/alunos se conectam, nesses espaços de troca, de integração, de diálogo, de interação, conforme nos ensinou Freire, em toda a sua literatura.

No projeto pedagógico e antropológico de Freire, o homem se torna liberto à medida que for capaz de ser autônomo, assumir a decisão pela mudança de si e da sociedade, através da educação permeada pela afetividade, pelo diálogo, pelo questionamento, pela conscientização oriunda de um processo comunitário, solidário e integrado de abordagem da realidade e do engajamento efetivo na mudança. Tudo se origina de um sentir a realidade, um pensar sobre este sentir e uma ação conseqüente e engajada. O homem é um ser inacabado, em permanente realização cognitiva e sócio-histórica, possível de integração afetiva professor-aluno”. (VECCHIA, 2018, p. 29).

No seu ateliê de costura Maria tinha o cuidado em escolher cada retalho que iria compor sua colcha. Era um trabalho cheio de afeto e amor, pois cada um daqueles retalhos tinha como finalidade embelezar seu trabalho. Do mesmo modo, no desenvolvimento de sua prática pedagógica, ela também compreendia que era de suma importância inserir seus retalhos/alunos em processos de aprendizagens carregadas de afeto e amor. Maria entendia que era preciso uma aproximação da realidade de seus retalhos/alunos e essa só seria possível por meio de uma prática/costura afetiva e amorosa.

Aprendizagens entrelaçadas com fios de alegria. Na sua vida nossa costureira/professora tinha como uma grande virtude a alegria, dificilmente alguém encontraria Maria sem um lindo sorriso nos lábios, pra ela sorrir era um exercício, esbanjava sorrisos por onde passava como ela mesma sempre dizia

“um sorriso pode salvar o dia de alguém”. Sempre que chegava à sala de aula saudava seus retalhos/alunos com um lindo sorriso, e desenvolvia suas atividades de modo alegre, vibrante, festivo; as aulas de Maria era sempre uma festa, uma alegria que para Maria não deveria ser momentânea, uma alegria para a vida, alegria para vencer os desafios impostos no dia a dia, alegria para romper com paradigmas das desigualdades sociais.

A alegria de que fala Paulo Freire não é uma euforia ingênua: é uma dimensão que deve ser garantida pela luta: “é na luta que se faz também de indignação, de inconformismo, de raiva e de radicalidade que se constrói uma perspectiva de futuro capaz de manter viva a esperança indispensável à alegria d ser e de viver”. O que deve mudar é o nosso jeito de lutar: lutar pela “alegria geral”. (REDIN, 2018, p.32)

Alegria para Maria no sentido de transformar mentes e corações, alegria na procura do novo, na descoberta do novo, alegria que nos impulsiona a seguir em frete, lutando por nossas conquistas, alegria que não se encerra, pois não se limita aos acontecimentos momentâneos, é a alegria que Maria trazia consigo desde a infância, que a acompanhou pela adolescência e juventude e perdura em sua fase adulta e que a seguirá na sua fase idosa. A alegria em Maria é sua mola propulsora pra continuar desenvolvendo seu ofício de costureira e sua tarefa como professora.

Aprendizagens entrelaçadas com fios de liberdade, Maria era um bom exemplo de uma alma livre, seus fios sempre foram movidos pela procura, pela busca, pela liberdade, “de si, do outro e do mundo”; nossa costureira/professora sempre foi movida e impulsionada pelo desejo de libertar-se e ser um exemplo para os seus retalhos/alunos, liberdade pensada por Maria no sentido de impulsionar e intensificar os debates, no que se refere à liberdade dos “corpos e mentes” de seus retalhos/alunos. Em sua prática educativa Maria pretendia mediar o conhecimento pra que seus retalhos/alunos se percebessem como agentes participativos, ativos, livres em seus trânsitos, travessias, livres das opressões experimentadas cotidianamente, livres para questionar sempre, livres para ser quem eram livres para ir e vir, pois conforme Freire (1980),

[...] o que diferencia o ser humano de outros animais é o fato de que os humanos são seres de integração ao seu contexto, um ser situado cultural e historicamente, com capacidade criativa e crítica; enquanto os animais são essenciais seres da

acomodação e do ajustamento. Essa característica específica que faz o ser humano se realizar como humano não é alho pronto. Os seres humanos têm lutado, através dos tempos, contra forças de dominação e opressão, pois “toda vez que se suprime a liberdade, fica ele um ser meramente ajustado ou adaptado” (FREIRE, 1980, p.42).

Por isso, Freire entende a humanização não como um dado ou um processo garantido, mas como uma vocação, que pode ser negada na injustiça, opressão, exploração e na violência, mais que é afirmada “no anseio de liberdade, de justiça, de luta pela recuperação de sua humanidade roubada” (FREIRE, 1979, p.30)”.

Maria entendia perfeitamente os processos de negação, opressão, exploração, e violências que diariamente seus retalhos/alunos sofriam, seus corpos eram expostos a toda sorte de sofrimentos, desigualdades sociais, preconceitos, intolerâncias, tinham suas “humanidades” tiradas, arrancadas, rasgadas, amassadas, embaraçadas. Maria experimentou tudo isso em sua trajetória e entendia que seus retalhos/alunos precisavam também entender como se davam esses processos, por isso em cada costura que ela fazia eram carregadas de intencionalidades. Ela desejava que seus retalhos/alunos compreendessem que através da costura/educação eles poderiam ressignificar as suas existências, e serem livres.

Aprendizagens entrelaçadas com fios de esperança, o verbo que Maria gostava muito de conjugar, o verbo esperar. Desde que era apenas uma menina, a esperança sempre estava costurada em sua existência, esperança de dias melhores, esperança de respeito e igualdade de direitos, esperança de uma educação de jovens, adultos e idosos que proporcionasse aos seus retalhos/alunos esperança. Ao conjugar o verbo esperar Maria não pretendia “cruzar os braços” e esperar, mas sim “mover-se” na direção dos seus sonhos, seguir em frente, quando sentada em frente a sua mesa de costura fazia a separação dos retalhos, Maria tinha a esperança em ver como resultado final sua colcha de retalhos concluída, do mesmo modo em sua prática educativa sempre tencionava seus alunos a conjugar o verbo esperar.

O papel do educador e da educadora é cuidar para que a esperança não se desvie e não se perca, caindo ou na desesperança ou no desespero. Em sendo um imperativo

histórico, a esperança se manifesta na prática. Não há esperança na “pura espera”, isto é, na imobilidade e na paralisia. Se a meta é a criação de um amanhã diferente, sua construção tem que ser iniciada hoje. Da mesma forma, nem toda esperança é igualmente geradora de uma realidade distinta. A crítica é o seu elemento purificador. Para Freire, a esperança crítica é necessária para o ser humano quanto a água despoluída para a vida do peixe”. (STRECK, 2018, p.198).

Para nossa costureira/professora a esperança era o ingrediente essencial para que seus retalhos/alunos pudessem compreender o potencial que cada um possuía; a esperança vivenciada e desenvolvida na prática, no dia a dia; a esperança que não se limita, não fica paralisada, estática; a esperança que está em constante movimento, que é viva, que é mola propulsora para que os retalhos/jovens/adultos/idosos costurem um “amanhã diferente”, uma construção feita todos os dias por Maria em sua sala de aula/em seu ateliê, uma costura/educação que promova uma transformação de “homens e mulheres, como seres da esperança”, conjurar o verbo esperar é nada mais nada menos que “criar outro futuro”.

III - DESENHO METODOLÓGICO DA PESQUISA: ENTRELAÇANDO CORES E POSSIBILIDADES

“A mãe era costureira e passava horas diante de sua máquina de costura. Tecia roupas de festa e de boneca, roupas para gente grande e para gente pequena. As roupas viajavam e eram vendidas em uma cidade vizinha maior que aquela tão pequenina.

A menina gostava de ficar perto da mãe, observando seus pés no pedal da máquina, suas mãos ágeis, mágicas, e ouvindo a música ritmada da costura sendo feita.

- Às vezes, o som da sua máquina se parece com o barulho de trem, mamãe!

E as duas viajavam pelas fazendas de tecido...”. (Ana Carolina Carvalho, 2020, p.11).

No ateliê de Maria, nossa querida costureira/ professora está tudo pronto para que se inicie a costura de uma linda colcha de retalhos; sobre sua mesa estão uma variedade de tons, cores e texturas, o que possibilitará que seja feito um belo trabalho e esses retalhos fixos uns aos outros darão forma, retalho com retalho darão forma a rede, a junção de cada retalho fará com que a colcha ganhe vida, e nesse processo vivo e intenso os retalhos/jovens/adultos /idosos não serão retalhos apenas, retalhos soltos, retalhos esquecidos, serão pedaços de gente que costurados a outros pedaços ficam cada vez maiores.

É chegado o momento em que nossa costureira, dará início a arte de costurar retalho com retalho, a união das cores, das vivências, dos tons, dos saberes; é o momento de combinar as cores, a mediação do conhecimento que vai sendo unido na medida em que os fios conectados a máquina de costura conectam um retalho ao outro. Até aqui Maria vem fazendo o exercício de escolher, selecionar, agrupar, ajuntar retalhos diversos, retalhos/ jovens/adultos/idosos; um processo dialético, dinâmico, múltiplo que se constrói nos ciclos de aprendizagens que nossa costureira/professora vem tecendo, nos apresentou também a máquina de costura com seus manuais e a partir de agora ela vem nos apresentar o seu método de costura, digamos que Maria vai nos expor alguns segredinhos que ela utiliza para fazer sua costura o que aqui iremos chamar de desenho metodológico.

Nas linhas que serão costuradas a partir de agora Maria nos apresentará alguns instrumentos que são indispensáveis para qualquer costureira, como já sabemos pra construção da colcha ela já possui os retalhos, a máquina limpa e devidamente organizada, alguns tubos de linhas selecionados, retirados da gaveta de sua mesa de costura e colocados agora sobre a mesa, sua fita métrica, sua tesoura prateada herança também de sua querida avó, tudo está dentro dos conformes para que sejam iniciados os trabalhos. É chegada a hora de misturar os retalhos, as experiências, então Maria senta-se em frente a máquina e começa a costurar.

3.1 – ABORDAGEM METODOLÓGICA DA PESQUISA: CONSTRUINDO A REDE

Os retalhos soltos, separados, em cima da mesa de nossa costureira/professora, são apenas retalhos, que permaneceriam ali se não existisse alguém que percebesse neles a capacidade de não serem apenas retalhos, mas serem uma colcha de retalhos, e para que esse processo aconteça é preciso linhas, máquina de costura e a vontade/mediação de uma costureira/professora que entende muito bem que a construção da rede, do conhecimento, dos saberes, das aprendizagens, torna-se possível, real quando o contexto desse retalhos/alunos é evidenciado, quando suas vozes deixam o silenciamento e se posicionam.

É nesse sentido que Maria nos apresenta aqui dois métodos que ela mesma utiliza para construir sua rede; a escolha desses métodos possibilita que nossa costureira/professora se aproxime da realidade dos retalhos/sujeitos da pesquisa e do ateliê de costura/ambiente em que esses retalhos transitam. Estar perto dos retalhos lhe dava maior possibilidade de entender os fenômenos sociais, locais e culturais, assim como os métodos para sua costura Maria utilizou-se da pesquisa qualitativa (Severino, 2014) e do estudo de campo (Gil, 2008), assim como Severino (2014, p. 103) “São várias metodologias de pesquisa que podem adotar uma abordagem qualitativa, modo de dizer que faz referência mais a seus fundamentos epistemológicos do que propriamente a especificidades metodológicas”.

Nesse sentido Maria entendia muito bem que o processo de costura/educação em que seus retalhos/alunos estavam envolvidos, a “abordagem qualitativa” seria a abordagem metodológica que iria definir sua costura, os temas abordados nesse tipo de pesquisa não são representados por um quantitativo, por um emaranhado equações e estatísticas, pois serão estudados os símbolos, as crenças, os valores e as relações humanas, relações que se expressam na costura dos retalhos, nesse método utilizado por Maria é estudado o contexto histórico, social, político e cultural dos retalhos/alunos. Quando Maria costura um retalho ao outro são costuradas também as características que compõem cada espaço social em que estão inseridos seus retalhos/alunos.

Nesse processo de costurar os retalhos Maria está atuando de modo “participante” (SEVERINO, 2014, p.104), direto e indireto na costura, vivência de seus retalhos/sujeitos da pesquisa. Quando Maria costura, ela mesma está vivenciando o processo, está entrelaçada no costurar-se, ela mesma é também retalho sendo costurados a realidade e movimentos que seus retalhos/alunos se costuram, nossa costureira mergulha juntamente com os demais retalhos que também são costurados, nesse sentido Maria é uma costureira/pesquisadora participante, como afirma Severino (2014)

É aquela em que o pesquisador, para realizar a observação dos fenômenos, compartilha a vivência dos sujeitos pesquisados, participando, de forma sistemática e permanente, ao longo do tempo da pesquisa, das suas atividades. O pesquisador coloca-se numa postura de identificação com os pesquisados. Passa a interagir com eles em todas as situações, acompanhando todas as ações praticadas pelos sujeitos. Observando as manifestações dos sujeitos e as situações vividas, vai registrando descritivamente todos os elementos observados bem como as análises e considerações que fizer ao longo dessa participação”. (SEVERINO, 2014, p.104)

Maria estava envolvida totalmente no “*locus*” de sua costura/pesquisa. Foi retalho da Educação de Jovens, Adultos e Idosos, atua como costureira/professora e costura diariamente em seus “itinerários” reflexões acerca da modalidade em questão. Para uma boa costura, Maria tem o cuidado para combinar bem os retalhos, as cores precisam se aproximar de modo que uma não se sobressaia à outra, é aí que nossa costureira põe em prática uma

das suas grandes virtudes a “observação”; vale lembrar que desde pequena observar sempre foi uma das grandes habilidades de nossa costureira/professora, sempre prestava atenção quando estava costurando pra não ter que descosturar os retalhos, Maria particularmente não gostava de amassar seus retalhos.

[...] a observação ocupa um lugar privilegiado nas novas abordagens de pesquisa educacional. Usada como principal método de investigação ou associada a outras técnicas de coleta, a observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, o que apresenta uma série de vantagens. Em primeiro lugar, a experiência direta é sem dúvida o melhor teste de verificação da ocorrência de um determinado fenômeno “Ver para crer”, diz o ditado popular.

A observação direta permite também que o observador chegue mais perto da “perspectivas dos sujeitos”, um importante alvo nas abordagens qualitativas. Na medida em que o observador acompanha in loco as experiências diárias dos sujeitos, pode tentar apreender a sua visão de mundo. Isto é o significado que eles atribuem à realidade que os cerca e às próprias ações.” (LUDK; ANDRÉ, 1986, p.26)

Maria vivia diretamente a experiência com seus retalhos/sujeitos da pesquisa, ela os costurava, tinha uma relação direta, conhecia muito bem os retalhos e o ateliê/campo em que desenvolvia sua costura/pesquisa, cada retalho que Maria ia emendando, ia juntando, ia costurando para conhecer os percursos, os movimentos feitos por eles, de que processos que “desumanizam os grupos sociais” (ARROYO, 2021), que esses retalhos participam e para isso era preciso está mergulhada no “campo”, precisava vivenciar as experiências no dia a dia dos retalhos/sujeitos da pesquisa.

[...] o estudo de campo tende a utilizar muito mais técnicas de observação do que de interrogação. [...] Para ilustrar essas diferenças, considera-se um levantamento a ser realizado em determinada comunidade. Procurar-se-á, neste caso, descrever com precisão as características de sua população em termos de sexo, idade, estado civil, escolaridade, renda etc. já num estudo de campo, a ênfase poderá estar, por exemplo, na análise da estrutura do poder local ou das formas de associação verificadas entre seus moradores. (GIL, 2008, p.57 e 78)

Cada retalho que Maria costurava, ela conhecia muito bem, cada retalho foi cuidadosamente escolhido, levando em consideração suas singularidades e particularidades, seus “itinerários”, suas “subjetividades, Maria conhecia cada retalho de modo particular, cada estampa, cada cor, cada textura dos retalhos/jovens, dos retalhos/adultos, dos retalhos/idosos. Todos os retalhos costurados em sua costura/pesquisa foram escolhidos, pois ela entendia que suas vivências trariam muitas evidências e respostas aos questionamentos que ela fazia no que tange a costura/educação de retalhos/jovens/adultos/idosos.

Assim Maria continua sentada em sua mesa, como auxílio de sua máquina de costura, juntando seus retalhos; ela está sendo costurada também, não tem como se afastar de seu ofício, faz com zelo, com amorosidade, com afeto. A colcha vai ganhando forma vai ganhando vida, uma colcha carregada que simbologias, nela estão emendados retalhos de gente, gente jovem, gente adulta, gente idosa, gente aluno (a), gente professor (a), gente que direciona, supervisiona, que coordena, nessa colcha, esta costurada retalhos de lugar, e o lugar em questão é um paraíso, cheio de campos e florestas, praças e jardins, monumentos, um lugar cheios de encantos, saberes e tradições.

3.2 – CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO E DOS SUJEITOS DA PESQUISA: MATIZES DA TRAMA

Maria está sentada em frente à sua máquina de costura, e seus retalhos/alunos dispostos sobre uma mesa de madeira, um dos tantos móveis que ela tem o cuidado de conservar, como muito dos objetos que compõem a sua casa, aquela mesa já pertenceu a sua querida avó e sua mãe também. Bem, aquela mesa era de suma importância pra nossa costureira/professorara, pois era o local em que ela fazia a escolha de seus retalhos, era sobre a mesa que Maria organizava os retalhos, como já dito uma mesa de madeira toda talhada a mão, Maria recordava que sua avó sempre contava que fora elaborada por um senhor que trabalhava na produção de móveis de madeira, os quatro pés da mesa eram bordados na própria madeira com lindos ramos de flores, que se estendiam por todas as laterais da mesa, de fato era uma obra de arte, em uma das laterais tinha uma gaveta também com alguns bordados

dispostos e com um lindo puxador de cobre, agulhas, fita métricas, sua tesoura de estimação e outros instrumentos de costura Maria deixavam guardados ali. Para nossa costureira/professora a mesa era uma representação subjetiva do Centro de Educação de Jovens e Adultos, local em que os retalhos/sujeitos da pesquisa estavam sendo costurados.

A Educação de Jovens, Adultos e Idosos no Município de Amargosa, até o ano de 2018 era atendida nas escolas municipais Edelvira Sales Andrade, Monsenhor Antônio José de Almeida e Vivalda Andrade Oliveira, no mesmo ano foi criado o Centro Municipal de Educação de Jovens e Adultos (CMEJA), inserido na Escola Municipal Almeida Sampaio, nesse sentido as turmas foram migradas para esse novo espaço. Nas próximas linhas costuradas aqui Maria irá costurar a identificação e caracterização da escola, seus campo de pesquisa.

A Escola Municipal Almeida Sampaio, situada na Av. Dr. Lauro de Freitas, nº 138, Centro- Amargosa, atende seu público nos turnos Matutino/Vespertino com as seguintes modalidades de Ensino: Ensino Fundamental II, do 6º a 9º ano; e, no noturno, há o funcionamento do Centro Municipal de Educação de Jovens e Adultos (CMEJA), ofertando os segmentos I, II, III e IV, que equivalem às séries iniciais e finais do Ensino Fundamental. Recentemente, a escola passou por processo de municipalização através do convênio 17/2019.

Inaugurada em 14 de julho de 1957, o antigo prédio, denominado “Prédio escolar Almeida Sampaio”, existente desde 19 de novembro de 1901, passa a ser chamado “Escolas Reunidas Almeida Sampaio”. Tal nomenclatura se deve a uma junção das escolas isoladas, e as que funcionavam em residências e nos diversos bairros da cidade de Amargosa. E o seu sobrenome tem relação a um dos primeiros intendentess da cidade, o Sr. Francisco Almeida Sampaio, em homenagem aos serviços prestados por ele ao Município.

O espaço físico da unidade escolar possui uma estrutura ampla que passou por uma reforma no ano de 2020, tendo agora, uma estrutura adaptada as necessidades do público ao qual a instituição atende. Assim, a comunidade escolar, conta com: 1 guarita, 1 sala de secretária, 1 sala de direção, 1 sala de coordenação, 1 sala dos professores, 1 auditório, 1 cozinha, 1 refeitório, 1 sala

de arquivo, 14 salas de aula, 1 depósito, 1 quadra poliesportiva e 1 biblioteca (com previsão de construção no ano de 2021).

Nossa querida costureira/professora convidou para serem costurados em sua colcha de retalhos, três retalhos alunos da Educação de Jovens, Adultos e Idosos, retalhos dessa modalidade de ensino que estão costurados no Centro de Educação De Jovens, Adultos e Idosos, esse retalhos serão costurados a colcha/pesquisa que Maria está construindo, nas linhas costuradas a seguir ela irá apresentar as características desses lindos retalhos, pedaços de gente. A costura desses retalhos dará mais vida a colcha de retalhos de nossa costureira.

O primeiro retalho representa as cores, as estampas, à subjetividade, as vivências dos retalhos/jovens. Com uma agulha e com linhas vivas e alegres Maria borda quem é esse retalho, com a linha escolhida ela escreve seu nome de Mateus de Jesus Guerra, um jovem solteiro, na flor dos seus dezenove (19) anos, não tem filhos, estudante do seguimento dois (2) – nível quatro (4) da EJA, um jovem que almeja conquistar seus sonhos.

O segundo retalho aqui costurado representa as tramas, formas e texturas, os trânsitos e travessias dos retalhos/adultos, Maria movimentando a agulha e com linhas firmes escreve Julia Helena Moreira de Oliveira Castro é seu nome, este retalho é aluna egressa da EJA, no auge dos seus trinta e dois (32) anos, solteira, não tem filhos, atua como professora dos anos iniciais, mulher forte e guerreira, que conquistou muitos sonhos e segue feliz sua trajetória, mediando conhecimento.

O terceiro retalho nos encanta com suavidade, delicadeza, traz em sua estampa, a sabedoria dos retalhos/idosos, Maria usando linhas claras e leves escreve Edelzenita Rocha dos Santos, a querida e sorridente dona Del, muitos saberes e histórias enaltecem seus sessenta e seis (66) anos, dona de casa, viúva, mãe de três filhos, que com amor cuida de sua mãe, aluna dedicada do nível um (1) da EJA. Conhecer coisas novas é o que lhe impulsiona, nunca é tarde pra aprender.

Maria convidou também para ser costurada em sua colcha um retalho que assim como ela é retalho/professora, a querida Edna Laurindo Oliveira Ribeiro, um retalho que em sua estampa traz a liberdade das borboletas, celebra as primaveras de seus quarenta e quatro (44) anos de vida, casada,

não tem filhos, é professora há vinte quatro (24) anos, traz em sua bagagem a formação em Pedagogia, Psicopedagogia Clínica e Institucional, Alfabetização e letramento, vem atuando como retalho/professora da EJA há cinco (5) anos, luta por uma educação de qualidade, apaixonada por sua profissão, uma grande amiga.

O Centro de Educação de Jovens, Adultos e Idosos está inserido na cidade de Amargosa, um “pedacinho de Brasil” esse lugar tem como característica marcante a sua hospitalidade, quem por aqui chega dificilmente não construa uma relação de paixão. Uma volta que damos pela cidade nota-se o modo como esse lugar se organiza em uma explosão de vida, cada rua, cada praça, cada espaço, cada construção, cada pessoa que compõe a sociedade amargosense apresenta os reflexos que encantam moradores e visitantes, cidade cantada e poetizada, fotografada e desenhada, pintada e esculpida, cheia de encantos e belezas físicas e naturais.

“Bendita sejas tu minha Terra!
Oh! Vetusta dos meus amores,
Entre os poetas e cantores,
Tu te ergues tão gloriosa,
Das virgens matas gigantes,
Deste teu solo tão exuberante,
Fote o berço das amargosas.
Estas pombas de carne amarga
Tinham a meiguice e a doçura,
Inspiravam sempre a ternura,
Bela, esculpida e audaz.
E é por isso que nossa Terra,
Tudo de bom nela se encerra,
Pois tem o símbolo da paz, (ANDRADE, 1991, p.18)

Amargosa que historicamente fora habitada por índios Karirís, tornou-se Vila de nossa Senhora do Bom Conselho das Amargosas e posteriormente foi elevada de Vila a categoria de cidade que hoje conhecemos por Amargosa nome que segundo conta a lenda se originou do amargor da carne de pombas que eram encontradas na fauna local, em sua cultura e arquitetura podemos perceber traços da imigração e colonização europeia (italiana, portuguesa ou espanhola), ressaltamos também a importância dos povos escravizados que contribuíram pra o crescimento da cidade nos tempos remotos da história desse lugar.

Amargosa que geograficamente apresenta um clima variado (úmido, úmido-subúmido, subúmido-semi-árido e semi-árido), a cidade está envolvida por morros e colinas, suas terras banhadas pelo rio Jiquiriçá-mirim, cercada por uma vegetação vasta e bela, dependendo da sua posição podemos encontrar as formações vegetais secundárias (Capoeira), formações com aspectos arbóreos menos exuberantes e formações de caatinga, sua sede esta composta pelos bairros do (centro, Rodão, São Roque, Santa Rita, Alto da Bela Vista, Katiara, URBIS I e II e Sucupira) e também além da sede os três distritos (Corta Mão, Itachama e Diógenes Sampaio).

Amargosa que economicamente, foi marcada pela produção leiteira e cafeeira no período de crescimento econômico quando a cidade ficou conhecida como a “Suíça Baiana” ou “Pequena São Paulo” essas referências estão expressas em edificações que ainda guardam marcas desse tempo. Atualmente podemos ressaltar a produção de mandioca, cacau, banana, milho, feijão, fumo e amendoim, culturas de subsistências, produtos que são comercializados na feira livre, a cidade também dispõe de uma boa estrutura comercial com (supermercados, farmácias, lojas de moveis, confecções e de materiais de construção, clinicas particulares, as indústrias são de pequeno porte como fábrica de sapatos, o frigorífico, podemos mencionar também as olarias e casas de farinha, as serralherias e fabricas de móveis que mesmo sendo artesanais são produzidos com bastante qualidade.

Amargosa que arquitetonicamente, nos presenteia com lindos monumentos e edificações, com belas praças e jardins, temos o Cristo na Praça Iraci silva, o Coreto e o Obelisco na Praça Lourival monte, onde estão também o prédio da Antiga Lira Calos Gomes, o prédio da Prefeitura, e a nossa linda Catedral, nessa mesma praça temos o nosso lindo jardim, com lindos canteiros repletos de flores e cores, envoltos por lindas e altas palmeiras imperiais, um dos nossos belos cartões postais, na Praça do Bosque encontramos arvores centenárias, o Famoso Jequitibá que fora destruído por um raio tinha suas raízes fincadas ali, ainda de pé e mantendo sua estrutura podemos também contemplar o prédio da Estação Ferroviária, marcos que lembram os tempos de Glória de nossa querida Cidade.

Amargosa que culturalmente, no âmbito das festas e manifestações folclóricas e culturais a cidade foi embalada pelo som dos tambores das

extintas batucadas, dos saudosos bailes de carnaval na Lira Carlos Gomes, dos antigos carnavais em que saiam pelas ruas a Burrinha, a Ema e o Jaraguá personagens emblemáticos, das ruas tomadas pelas caretas, vestidos com seus dominós e com rostos cobertos por mascaras, os caos com o corpo coberto de óleo, de chocalho nas mãos, os mais antigos contam sobre o Bloco das Almas e tantos outros grupos que animavam, enfeitavam a cidade, a Festa do Leite e da Acerola. Podemos destacar também o Terno de Reis, o Queima Judas na localidade do (Gentil), o Samba de Roda das (Três Lagoas), a Festa de Senhor do Bonfim e o São Pedro de (Corta Mão), a Festa de são Roque de (Diógenes Sampaio) e não podemos esquecer-nos dos Festejos Juninos que deixam a cidade completamente festiva e alegre. No âmbito religioso podemos destacar também a Festa de Nossa Senhora do Bom Conselho e a Festa de Santa Rita.

Nesse cenário rico e exuberante estão inseridos os retalhos/sujeitos da pesquisa que Maria está costurando, esses retalhos vivenciam, estão conectados com esse imenso universo, que nasce e crescem como as flores dos jardins de nossa doce Amargosa, os retalhos/jovens/adultos/idosos estão e são atores nesse grande espetáculo que a cidade vem promovendo desde os seus primórdios, são retalhos costurados em vários “itinerários” e vivências nossa costureira/professora é bordada nesse lindo tecido e ao ganhar vida seu retalho vai sendo costurado a outros retalhos e a colcha vai ganhando forma, ganhando vida, ficando maior.

3.3 – PROCEDIMENTOS DE PRODUÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS: DIRECIONANDO A TESSITURA

*“Venho costurando minha vida
Com linhas de saudades.
Procuro equilibrar-lhes a cor
Para que o resultado final não seja
triste.
Por vezes, é o cinza que insiste;
Por vezes, impera o marrom.
Ainda bem que tem saudade bonita;
Mudo o tom, amarro fitas,
Busco a outra ponta do novelo;
Intercalo a trama em amarelo.
A saudade é assim mesmo,
Tecelã do tempo.*

*Quando menos se espera,
Arremata o momento, leva embora,
Deixa a porta encostada, o cadarço de
fora,
E nunca avisa a hora de voltar.
Ainda hei de costurar com verde
florescente
E, se a saudade chegar
autoritariamente,
Vai se sentir enfraquecida.
Enquanto procuro a cor,
Vou costurando a vida,
Sem saber qual vai ser o resultado.
Caso ele não fique combinado,
Dou um nó, encosto agulha, guardo a
linha,
Que essa culpa roxa não é minha. É
uma artimanha branca do passado.”
(Flora Figueiredo, 2019).*

Toda costureira tem sua caixa de costura, local em que são guardadas agulhas, linhas, alfinetes, Maria tinha sua linda caixa de madeira, forrada com tecido floral, a caixa estava sempre perto ficava guardada dentro da gaveta de sua mesa de costura, ao final de cada dia de costura nossa costureira/professora, organizava seus materiais e os guardava dentro de sua caixa, toda boa costureira precisa ser organizada, pois isso possibilita que ao retomar os trabalhos, não se há perda de tempo procurando aqui e ali, sem saber onde colocou esse ou aquele aviamento.

Nesse sentido, Maria aprendera muito bem com sua avó e sua mãe que um dos requisitos básicos para ser uma boa costureira era preciso ter organização com seus materiais, como sabemos nossa costureira tem esse cuidado desde a separação e escolhas dos retalhos, sempre que precisava de algum aviamento era na caixinha de costura que ela iria buscar, assim como sua caixinha servia pra guardar os materiais recolhidos no final de cada dia de trabalho. Nossa costureira/professora nos apresenta nas próximas linhas costuradas os procedimentos de produção de dados para suas costura/pesquisa que no caso em questão ela utilizou-se de um “questionário aberto”.

Conjunto de questões, sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos

pesquisados, com vistas a conhecer a opinião dos mesmos sobre os assuntos em estudo. As questões devem ser pertinentes ao sujeito e claramente formuladas, de modo a serem bem compreendidas pelos sujeitos”. (SEVERINO, 2014, p.109).

Em sua costura/pesquisa, Maria deseja encontrar algumas respostas, para isso ela decidiu utilizar como procedimento de produção de dados o questionário aberto. Para nossa costureira/professora seria um meio mais tranquilo de aproximação com seus retalhos/ sujeitos da pesquisa, visando obter respostas mais objetivas e claras a respeito do “assunto em estudos” que no caso de nossa costureira/professora seria obter informações a respeito do modo como estava posto o currículo e se este respeitava as subjetividades dos retalhos/sujeitos da pesquisa. No questionário, conforme anunciado por Severino (2014)

As questões devem ser objetivas, de modo a suscitar respostas igualmente objetivas, evitando provocar dúvidas, ambiguidades respostas lacônicas. Podem ser questões fechadas ou questões abertas. No primeiro caso, as respostas serão escolhidas dentre as opções predefinidas pelo pesquisador; no segundo, o sujeito pode elaborar as respostas, com suas próprias palavras, a partir de sua elaboração pessoal. (SEVERINO, 2014, p.109).

Visando obter essas respostas foram elaborados dois questionários, o primeiro destinado aos retalhos/alunos sendo um retalho/jovem, um retalho/adulto egresso e um retalho/idoso, com questões feitas e direcionadas aos retalhos. Inicialmente os retalhos descreveriam as suas características que possibilitariam sua identificação e em seguida seriam convidados a responder quatro questões que pudessem evidenciar dados sobre a contribuição do currículo para a aprendizagem dos Retalhos/jovens/adultos/idosos.

O segundo questionário estava direcionado a um retalho especificamente, sendo ele o retalho/professora de uma turma de Educação de Jovens, Adultos e Idosos, em que inicialmente apresentaria suas características e em seguida responderia também a quatro questões que buscavam respostas sobre a contribuição da prática curricular desenvolvida no Centro de Educação de Jovens, Adultos e Idosos do município de Amargosa.

Os questionários foram enviados aos respectivos retalhos, que seriam retalhos essenciais para a costura que Maria estava fazendo. As respostas

dadas por eles serviriam de suporte pra que os questionamentos e objetivos dessa costura/pesquisa fossem respondidos, essa costura traria discussões acerca do modo como o currículo está posto e se de fato as práticas curriculares têm atendidos as necessidades de aprendizagens dos retalhos/alunos de Maria.

Os questionários foram construídos no Google formulários, no destinado aos retalhos/alunos, primeiramente foram feitas questões no sentido de identificar quem eram, e, em seguida, as questões relacionadas às suas aprendizagens e subjetividades, o questionário destinado ao retalho/professora inicialmente também traz questões no sentido de identificá-la e em seguida são feitas questões relacionadas à organização curricular e as subjetividades dos sujeitos envolvidos. Foi gerado um link de acesso aos questionários e enviados a cada um dos retalhos/sujeitos da pesquisa; vale ressaltar que antes de receberem o link de acesso foi costurado um diálogo sobre o trabalho e questão.

IV – CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS: DESVELANDO FORMAS, CORES E TONS

Ao abrir a porta, explosão de música de risos e beijos. Euforia! A filha carregava uma espécie de máquina de costura. Só que essa máquina não fazia roupas; sua costura era de outro tipo. Com ela, a moça juntava os fios de muitas histórias de pessoas reais e de pessoas inventadas. Fazia de conta, como sempre fazia quando morava nos galhos de árvore ou balançava-se em cordas como uma valente trapezista.

- Uma costureira?
 - Ainda não, minha mãe!
- E logo foi explicando:
- Mas já escrevi meu primeiro livro e sonho com os próximos. Toma, este trouxe especialmente para você.
- A mãe ficou sem palavras, emocionada. A filha continuou:
- O mundo é mesmo imenso, mãe. Há pedacinhos dele costurados nesse meu livro e nos outros tantos que trago comigo para que todos daqui possam conhecer outros jeitos de tecer a vida. (CARVALHO, 2020, p.28)

4.1 CURRÍCULO E APRENDIZAGEM NA EJAI: ENTRECruzando LINHAS E POSSIBILIDADES

Maria viajava em seus pensamentos ali sentada em frente a sua máquina, sobre a mesa seus retalhos, que iam sendo costurados e a colcha ficando maior na medida em que os retalhos iam sendo unidos uns aos outros, por alguns instantes nossa costureira/professora pausava a costura, afastava o pé do pedal e ficava mergulhada em seus pensamentos, uma viagem que ela fazia sem sair da cadeira, aqueles retalhos eram uma representação simbólica de seus alunos e cada um carregava em si uma infinidade de histórias, em suas estampas e cores traziam o entrelaçamento de suas trajetórias, de suas vivências, de suas existências, cada retalho/aluno que agora estava sendo emendado por Maria trazia consigo marcas de outras costuras.

Nesse estado reflexivo que Maria se vê inserida ela traz a memória suas próprias trajetórias, como esses retalhos ela também traz remendados em sua

colcha de existência, seus “itinerários” de vida, ela se vê representada por todos aqueles retalhos, uma menina que desde muito cedo foi tensionada a fazer escolhas, nem sempre as que ela queria mais que eram necessárias, pois as dificuldades de sua família levavam o nosso bordado a estar inserida na lida diária desde muito cedo. Nossa costureira/professora vê sua histórias passando em sua frente, especialmente quando ela ouve as histórias de seus retalhos/alunos, é uma repetição da história, porém os personagens são diferentes.

Aqueles retalhos /alunos traziam a memória de nossa costureira/professora, as lutas, as dificuldades, os direitos negados, as “humanidades roubadas” (Freire, 1987), os retalhos/alunos representavam suas próprias subjetividades. Nesse processo de reflexão, Maria lembrava o quão importante foram seus professores e o modo como as suas práticas curriculares a ajudaram a chegar até onde ela estava, ela recordava que as aulas no tempo em que era aluna da EJAII eram carregadas de significados e o quanto suas aprendizagens eram carregadas de subjetividades, pois os seus professores respeitavam suas bagagens cheias, suas “Leituras de Mundo” (Freire, 1989).

É nesse processo de refletir sua própria existência que Maria busca respostas para algumas inquietudes que povoavam seu bordado coração, no seu mundo mágico em seu pequeno ateliê ela transformava retalhos soltos em retalhos unidos, ela buscava entender de que modo o Currículo voltado para a Educação de Jovens, Adultos e Idosos poderia contribuir no processo de aprendizagem dos sujeitos e ainda como a organização curricular interfere nas suas subjetividades. Nesse sentido, nossa costureira/professora convida a fazer parte dessa costura, pedaços de gente, que em suas travessias podem evidenciar respostas a essas inquietações de Maria.

Maria sabe muito bem que esses retalhos/alunos trazem em suas trajetórias as marcas, os amassos, os rasgos de negação, exclusão, marginalização (ARROYO, 2012). Esses retalhos/jovens, retalhos/adultos e retalhos/idosos que voltam à escola na busca de serem costurados/resgatados seus direitos a educação, a saúde, a moradia, a vida, e pra que essas conquistas sejam efetivadas Maria sabe que a EJAII precisa de um olhar sensível, precisa de uma prática curricular que pense os retalhos/alunos como sujeitos que são atuantes corpos vivos, vozes ativas.

[...] não podemos esquecer, que o lugar social, político, cultural pretendido pelos excluídos como sujeitos coletivos na diversidade de seus movimentos sociais e pelo pensamento pedagógico progressista tem inspirado concepções e práticas de educação de jovens e adultos extremamente avançadas, criativas e promissoras nas últimas quatro décadas (ARROYO, 2008, p.221)

Os retalhos/alunos ao serem costurados na colcha/educação são retalhos que já trazem marcas de outras costuras, eles são retalhos de outras costuras, são os “Outros Sujeitos” que precisam de “Outras Pedagogias” (Arroyo, 2012), que sejam capazes de romper com os estereótipos, que subjugam, excluem, marginalizam os retalhos, é nessa perspectiva que Maria defende uma prática curricular que perceba suas trajetórias, suas outras costuras e seja costurada uma proposta pedagógica de EJA que respeite as individualidades, coletividades dos retalhos.

Ao pausar sua costura Maria tecia reflexões sobre as subjetividades particulares de todos os retalhos, esses possuíam subjetividades específicas: as cores, as tramas, as estampas; seus “itinerários” de vida eram distintos, diferentes mas que se cruzavam no processo da costura. A costura unia os pedaços, retalhos de subjetividades jovens, retalhos de subjetividades adultas e retalhos de subjetividades idosas, essas linhas subjetivas se cruzavam, as aprendizagens se cruzavam, os saberes se cruzavam.

Nesse processo reflexivo Maria nos apresenta as estampas de três retalhos, esses retalhos trazem contribuições significativas para a costura de Maria, pois eles em suas falas traduzem a arte de costura da colcha que nossa costureira/professora está fazendo. Cada fala desses retalhos/alunos, expressam suas aprendizagens costuradas, as suas subjetividades a colcha/Educação de Jovens, adultos e idosos. Para entender seus processos educativos, Maria recolheu em sua caixa de costura as respostas das questões feitas por ela, a cada um dos retalhos/alunos, através de uma “mediação afetuosa”. “Mediar com afeto é abraçar, acolher, encontrar o outro por meio das palavras, do texto, do olhar, da fala e da escuta amorosa” (SOUZA, 2021, p.76)

É nesse processo de mediação afetuosa que Maria inicia suas reflexões

tomando por base as linhas costuradas pelos retalhos/sujeitos da pesquisa, nas respostas dadas por eles aos questionamentos sobre suas aprendizagens e subjetividades, cada retalho trás em suas respostas, suas histórias de vida, suas trajetórias, seus sonhos e anseios, seus itinerários, descrevem os motivos pelos quais estão inseridos na EJA, como estão costurados a essa modalidade e como se percebem emendados nessa colcha de retalhos.

Em suas falas esses retalhos, nos apresentam seus trânsitos e travessias, buscam conquistar seus espaços de direitos, que lhes foram negados, buscam que seus corpos estejam presentes em cenários que sempre estiveram ausentes, buscam ouvir suas vozes, buscam respeito, igualdade, buscam mostrar suas lindas estampas, suas lindas cores, suas tramas, buscam costurar suas linhas no tecido, deixar registradas suas histórias; em seus “itinerários” de vida são retalhos que têm sonhos e anseios, sonham em ter suas histórias lidas e relidas, sonham em conquistar seus espaços, serem vistos em seus lugares, em suas comunidades.

Retalhos/jovens, retalhos/adultos, retalhos/idosos os “passageiros da noite” que transitam das costuras do dia, para costuras na noite (Arroyo, 2017) na busca por conhecimento, voltam à escola e são costurados na Educação de jovens, Adultos e Idosos, e costurados nessa modalidade de ensino estão se deixando costurar nessa colcha de retalhos na busca por um conhecimento que dê significado aos seus trânsitos, que respeitem suas trajetórias, buscam que suas existências sejam evidenciadas, suas vozes ouvidas.

Após tecidas essas reflexões, Maria retira da sua caixa de costura três novos retalhos, que serão costurados também em sua colcha, esses novos retalhos trazem em suas tramas, estampas e cores lindas histórias que serão emendadas aqui, suas trajetórias são tecidas no sentido de costurar respostas aos questionamentos feitos por nossa costureira/professora. Esses retalhos possuem estampas distintas, que representam subjetividades distintas, o retalho/jovem Mateus, o retalho/adulto Julia Helena e o retalho/idoso Dona Del.

O retalho/Mateus traz em sua estampa o frescor da juventude, um retalho/jovem, com toda vida pela frente, que representa os retalhos vibrantes, alegres, coloridos, com as mais variadas estampas, que Maria costura em sua colcha, retalhos/jovens que são expostos as mais variadas violências e desafios

de existência em sociedade, mas são retalhos/jovens que em seus “itinerários” de vida têm como motivação a realização de seus sonhos, desejam mudar suas vidas, serem reconhecidos por suas famílias, serem inseridos no mercado de trabalho, os sonhos são a mola propulsora para esses retalhos/jovens, isso fica evidenciado na fala do retalho/Mateus aqui costurada quando questionado sobre os motivos que o levaram a se matricular na EJAI. “[...] realizar meus sonhos, concluir meus estudos, pra ingressar no mercado de trabalho, quem sabe fazer o Enem e fazer uma universidade”. (GUERRA, Matheus de Jesus 2021)

Os retalhos/jovens em seus trânsitos caminha pelas cidades ou pelos campos, na busca por respeito aos seus corpos, suas vozes, seus jeitos de ser, são retalhos/jovens transgressores do sistema, pois não se enquadram nas normas, regras, são retalhos/jovens que tem seus corpos marginalizados, excluídos, mas que buscam ao ser costurados/inseridos na Educação de Jovens, Adultos e Idosos, superar essas barreiras que lhe são impostas e a arma que muitos utilizam é a arte de sonhar.

Muitos desses retalhos/jovens encontram na Educação de Jovens, Adultos e Idosos, o espaço em que suas subjetividades são respeitadas, Maria entendia que não podemos ter mentes ingênuas, mais acreditava que a Educação ainda seria a solução mais acertada para que retalhos/jovens pudessem se perceber como agentes transformadores de suas realidades. Para o retalho/Mateus está inserido na Educação de Jovens, Adultos e idosos, lhe possibilita “descobertas e conhecimento” “[...] até aqui nunca fui desrespeitado na escola, somos respeitados pelos professores e pelos colegas, a escola é um lugar muito bom, fazemos amizades, aprendemos coisas novas, é um lugar de muitas descobertas e conhecimento”. (GUERRA, Matheus de Jesus 2021).

O retalho/Julia Helena traz em sua estampa a seriedade da fase adulta, representa os retalhos cuja estampa é mais fechada, mais séria, a fase do amadurecimento, da responsabilidade e essas virtudes estão entrelaçadas nas trajetórias do retalho/Julia Helena. Ela é egressa da Educação de Jovens, Adultos e Idosos, atualmente atua como professora, em suas falas ela afirma que se matriculou na modalidade da EJAI para acelerar os estudos, “EJA me oportunizou adiantar os meus estudos” (Julia Helena Moreira de Oliveira Castro, 2021). O retalho/Julia Helena em suas narrativas também pontua que a EJAI possibilitou

muito sua formação.

“Fui estudante da EJA do 5º ano até a conclusão dos estudos. Os conteúdos trabalhados na sala contribuíram muito para a minha formação. Estudo esse que me garantiu por duas vezes ingressar na Universidade Federal por meio do Enem”. (CASTRO, Julia Helena Moreira de Oliveira, 2021).

Em suas costuras nessa modalidade, o retalho/Julia Helena, ressignificou sua existência, utilizando as aprendizagens enquanto era um retalho/aluna e atualmente como retalho/professora busca respeitar as individualidades e subjetividades de seus alunos, em sua narrativa ela deixou registrado o quão importante foi ter tido professores que respeitassem seu tempo de aprendizagem, assim ao mediar o conhecimento busca entender em que outras costuras seus alunos estão inseridos.

“A modalidade dessa educação ela é muito respeitosa porque trata do indivíduo que não teve oportunidade de estudar no tempo certo. Sendo assim meus professores sempre tiveram muita atenção sobre meus estudos respeitando muito a minha individualidade em questão de tempo até mesmo em realização dessa atividade proposta”.

“Hoje enquanto professora percebo os frutos da Educação de Jovens e Adultos em mim, na minha docência sou muito flexível em relação ao tempo do aluno e suas atividades. Sempre que recebo aluno com distorção de série e idade eu trabalho muito com a reflexão da oportunidade que ele tem em poder se recuperar”. (CASTRO, Julia Helena Moreira de Oliveira, 2021)

O retalho/dona Del traz as estampas da tranquilidade, serenidade, quietude da fase idosa, representa os retalhos mais claros da costura de Maria, é um retalho que deixa Maria cheia de saudade, pois falar de retalhos/idosos lhe toca profundamente, pois lhe traz lembranças de sua querida avó. O retalho/dona Del nos apresenta muitas histórias, em sua fala nos apresenta sua trajetória desde a juventude, passando pela fase adulta, um retalho carregado de lindas e dolorosas histórias.

“Eu não estudei na minha juventude, porque meu pai, eu nasci de uma família muito humilde, a gente morava na fazenda de meu pai e aí meu pai não permitia que as meninas dele estudasse, aí eu não estudei, depois eu casei, pelo gosto do meu marido eu estudava, o pai dos meus filhos, mais depois eu engravidei logo

com 21 anos tive meu primeiro filho ai não estudei, depois nos separamos essa é uma longa história, ai me casei de novo, só que ai eu fui morar na roça. Na roça tinha uma escola muito longe para jovens e adultos era a noite e meu marido não permitia que eu saísse de pé a noite, que nesse tempo não tinha ônibus escolar, na roça pra os alunos e meu marido não permitia que eu saísse a noite pra ir pra escol, pra ir e voltar era 15 km mais ou menos ai ele não deixou eu estudar, entendeu? Foi meu motivo de não estudar em meu tempo de jovem, foi esse, ai quando eu cheguei aqui pra amargosa, ai minha irmã a professora Erenice me matriculou na EJA pra eu estudar, estudei 2018 mais não tava com a cabeça no lugar, mudança de 33 anos num lugar sem poder sair pra lugar nenhum, ai mudei, a morte do meu marido, ai foi um bocado de coisa que atrapalhou 2018”. (SANTOS, Edelzenita Rocha dos, 2021).

Os “itinerários” de vida do retalho/dona Del expressam processos de negação de direitos, de silenciamento durante anos, o fato de ser um retalho/mulher lhe impediu por algum tempo estar costurada nos processos de ensino/ aprendizagem, primeiro o papel impeditivo do pai, na sequência ao se costurar a vida de seu marido, ser mãe muito cedo, as costuras do segundo casamento, a perda do marido, mudanças de um local pra outro, percebemos que muitos foram os empecilhos, enfrentados pelo retalho/dona Del, foi costurado a EJA, mas que inicialmente não se sentia preparada, mas no decorrer das suas narrativas podemos notar o quanto estar costurada nessa modalidade lhe possibilitou ressignificar sua existência.

“meu aprendizado foi muito, primeiro eu ganhei muitas amizades, segundo eu aprendi muita coisa que eu não sabia, graças a Deus, não aprendi a ler e escrever direitinho mais o pouquinho que eu aprendi, olha Mauricio eu te juro se eu ainda tivesse estudando, se não fosse à pandemia, tu sabe que eu tava lendo e escrevendo direitinho, pois minha mente é muito boa, mais felizmente o que eu aprendi valeu, entendeu? E graças a Deus aprendi algumas coisinhas, foi muito bom eu ter entrado na EJA, foi muito gostoso, hoje em dia eu não sei se voltaria a estudar só Deus sabe, se um dia eu tiver oportunidade eu ainda vou voltar completar meu nível II, que na hora que eu passei para o nível II veio à pandemia só estudei uma semana, dois anos fora da escola, mais se um dia eu te juro Mauricio, se um dia Deus me de oportunidade vou voltar pra completar um pouquinho o que eu sei. Eu conseguia Mauricio fazer minhas atividades, quando eu chegava em casa, o que eu não sabia, eu subia ia pra cãs de minha irmã pra moça que trabalhava lá que ela criou, me ensinar, nunca deixei minhas atividades sem fazer, sempre gostava de fazer”.(SANTOS, Edelzenita Rocha dos, 2021).

Ao ser costurada na Educação de Jovens, adultos e Idosos, o retalho/dona Del tem suas trajetórias evidenciadas, apresentadas, a sua voz pode ser ouvida, os longos anos em que esteve como um retalho guardado, agora tem a possibilidade de ser costurado em outra colcha, que lhe possibilita viver novas experiências, novas histórias poderão ser escritas, sua trajetória é um exemplo de superação, pois mesmo passando por tantas dificuldades, seu retalho de gente é inserido na colcha que Maria está costurando, em sua narrativa isso fica evidente.

“Eu me sentia muito respeitada por minha professora, por minhas colegas e por meus colegas, eu era líder da sala e quando teve eleição por duas vezes fui líder da sala, porque o pessoal me dizia assim, vamos votar em Del, os outros colegas era um voto eu nove, dez votos, era muito respeitada por professores e por colegas, muito, muito respeitada e o povo confiava muito em mim porque eu era muito disposta, e sabia conversar, enfim muito respeitada na minha sala”.

“Com certeza me senti mais mulher, mais amiga, os estudos pra mim foi uma benção. Depois de estar estudando eu me tornei membro do CAE representando os alunos”. (SANTOS Edelzenita Rocha dos, 2021).

Maria ao refletir sobre essas falas tecidas aqui, se emociona muito, pois cada relato costurado, emendado traz referências de retalhos que tiveram seus direitos negados, por muito tempo o silêncio de suas vozes não os deixavam ser presentes, atuantes, reflexivos, transformadores, humanizadores, revolucionários, questionadores, nossa costureira/professora compreende que isso é possível quando a Educação “transforma os homens e esses transformam suas existências”, uma educação que os respeitem, respeitem suas subjetividades.

4.2A ORGANIZAÇÃO CURRICULAR E SUBJETIVIDADE DOS SUJEITOS DA EJAI: DESVELANDO FORMAS E CONSTRUINDO TEIAS

Maria em seu ateliê, sentada em frente a sua mesa de costura, observa seus retalhos dispostos à mesa, alguns já inseridos na colcha que ela vem costurando, aqueles retalhos que ela seleciona com todo cuidado. Para nossa

costureira não é possível fazer uma costura sem demonstrar afeto por seus retalhos, a arte de costura requer sensibilidade, amorosidade, cada retalho de sua costura precisava ser respeitado, pois cada um daqueles retalhos eram únicos e o que fazia da colcha um trabalho bonito era justamente o respeito por eles, por isso era de suma importância a organização do ateliê, dos aviamentos de costura, dos retalhos.

Maria em seu ateliê, observando seus retalhos dispostos sobre a mesa, deixa a mente viajar, e nessa viagem lhe vem à lembrança, seus retalhos/alunos, a sua sala de aula, que para nossa costureira/professora era também um ateliê, sua turma de EJAII que ela tanto amava mediar conhecimento. Mergulhada em suas lembranças Maria trazia a memória o tempo em que ela iniciou seus estudos, naquele tempo em que ela era um retalho costurado na Educação de Jovens, Adultos e Idosos e nesse processo de revisitar a memória, ela se lembra do modo como estava proposta a organização curricular, quando fora costurada em uma turma EJAII.

Nessas memórias que estão vivas em sua mente, ela relembra das aulas, das atividades, dos conteúdos, do modo como seus professores desenvolviam e mediavam os conhecimentos, o modo como os processos de ensino/aprendizagem em que estava inserida eram costurados em sua existência, práticas educativas emancipatórias libertárias, reflexivas, Maria é o reflexo dessas memórias; ao costurar seus retalhos/alunos nesse tempo presente ela desenvolve práticas educativas semelhantes.

Para nossa costureira/professora a Educação de Jovens, Adultos e Idosos precisa desenvolver uma organização curricular que consiga atender as necessidades de seus retalhos/alunos, Maria relembra que em sua trajetória formativa foi o modo como o Currículo estava organizado que possibilitou que ela um retalho, vindo das camadas populares pudesse recuperar sua “humanidade roubada”, Maria parte do princípio que uma proposta pedagógica libertadora é aquela que consegue perceber os retalhos alunos a partir do lugar que elas ocupam uma proposta que os descreva não como “os vemos, mais como eles se vêem” (ARROYO, 2008).

Nossa costureira defende a organização curricular que supere a visão estereotipada dos retalhos/alunos, não os veja apenas como os desumanos, os

excluídos, os marginais, mas que possam em suas costuras serem percebidos como “humanos que são”, são os “Outros sujeitos”, que precisam de “Outras Pedagogias” (Arroyo, 2008) que dissilenciem seus corpos, suas mentes. Maria é extremamente agradecida aos seus professores que desenvolviam uma proposta Curricular transformadora no tempo em que ela estava inserida na EJA.

Atualmente Maria defende a Educação de Jovens, Adultos e Idosos e que esta tenha costurada uma organização Curricular capaz de transformar a realidade dos seus retalhos/alunos. É nessa perspectiva que traz pra essa costura o retalho/da professora Edna Laurindo, que comunga dessas mesmas ideias e concepções de nossa costureira/professora. Edinha como carinhosamente Maria a chama, será inserida na colcha de retalhos que Maria está costurando, esse retalho que demonstra muito afeto por sua turma de EJA e que juntamente com nossa costureira/professora vai costurar algumas respostas sobre as questões referentes à Organização Curricular e as subjetividades dos sujeitos especialmente no Município de Amargosa - Bahia.

A costura que Maria vem fazendo, apresenta uma variedade de retalhos, com variadas, cores e texturas, estampas diversas e tramas das mais variadas formas, são retalhos/jovens, retalhos/adultos e retalhos/idosos, que chegam à escola/ateliê de costura trazendo em seus pedaços as marcas, as vivências, os saberes. Os retalhos/alunos que estão sobre a mesa de Maria chegam dos mais variados contextos, são retalhos de gente que chegam das comunidades rurais, do centro da cidade e das comunidades periféricas.

Os retalhos que estão sobre mesa de Maria trazem em seus corpos as marcas dos enfrentamentos das lutas e labutas, trazem marcas das violências sofridas, sejam elas físicas, psicológicas, simbólicas, chegam ao ateliê muitas vezes machucados, amassados, rasgados, amarrotados, manchados, chegam das mais distintas realidades nem sempre bonitas, nem sempre felizes, em seus “itinerários de vida”, chegam a escola/ao ateliê cansados do dia duro de trabalho, chegam com as marcas da invisibilidade, da indiferença, da exclusão.

Quem são os retalhos sobre a mesa? De onde vêm esses retalhos? Onde querem chegar? Será apenas um amontoado de retalhos costurados, sem serem tencionados a pensar por quais processos excludentes, discriminatórios são expostos todos os dias? São retalhos jovens que sonham? Conseguem vislumbrar

a realização de seus sonhos? São retalhos de homens e mulheres que se vêem representados? São idosos e idosas que são respeitados, aceitos, ouvidos?.

Essas e outras tantas indagações tiravam o sono de nossa costureira/professora que via em seus retalhos/alunos a “boniteza” (FREIRE, 2000), daqueles retalhos. Pra Maria não eram apenas retalhos, eram os “Outros Sujeitos” que a escola/ateliê precisava acolher potencializar, libertar, tirar deles os rótulos ultrapassados; o Estado precisava pagar a tal dívida que tem sido negligenciada há tanto tempo, por isso Maria ao costurar seus retalhos, tinha o cuidado de desenvolver uma prática curricular que os percebessem de fato como “sujeitos de direito”. A nossa protagonista compreendia a necessidade de uma proposta curricular que atenda de fato, os sujeitos, seus contextos e suas subjetividades assim como o retalho/Edinha que assim evidencia na sua narrativa:

“Vejo que o município tem se atentado para a necessidade de atendimento aos sujeitos da EJA com proposta que cheguem com mais eficácia no processo de ensino e aprendizagem. Temos o Centro Municipal d Educação de Jovens e Adultos - CMEJA, que visa uma proposta curricular mais próxima da realidade dos educandos” (RIBEIRO, Edna Laurindo Oliveira, 2021).

Essa fala tecida pelo retalho/Edinha dialoga perfeitamente com o modo como Maria acredita que as aprendizagens dos retalhos/alunos devem ser: significativas e reflexivas e o processo deve partir da “realidade dos educandos”. Ao chegarem na EJA esses retalhos/alunos precisam sentir-se representados, os contextos, suas subjetividades, suas histórias e trajetórias precisam ser exaltadas muitas vezes tudo que os retalhos/alunos desejam é um minuto de atenção; eles trazem consigo suas “leituras de mundo”, os retalhos/alunos têm suas individualidades, suas subjetividades.

Maria compreende que o currículo da Educação de Jovens, adultos e Idosos, precisa atender de modo significativo as necessidade de aprendizagens, dos retalhos/alunos, o pensamento crítico sobre a vida, o mundo, desses retalhos alunos está atrelado a um prática curricular que não os limite, não os impeça de avançar, outras costuras precisam ser feitas por eles, outras colchas precisam

deles, nesse sentido, nossa costureira/professora convida o retalho/Edinha levando em consideração sua experiência enquanto docente, que costure as contribuições do currículo da EJA para as aprendizagens dos retalhos alunos.

“Diante do currículo ainda temos deficiências e precisamos aprimorar ainda mais o que é ofertado, mas no meu olhar o trabalho que vem sendo realizado tem contribuído com a inserção dos alunos no processo de aprendizagem, na sua formação como cidadãos de direito, desenvolvendo seu lado crítico e com poder de transformar a sociedade/localidade em que vive seu espaço, sua vida levando-os a perceberem que eles são importantes para a sociedade e precisa se apossar do seu valor, Reconhecer a importância da educação na vida pessoal e profissional” (RIBEIRO, Edna Laurindo Oliveira, 2021).

Maria sabe bem que muitos são os desafios a serem transpostos para que de fato haja a efetivação de uma Proposta Curricular que atenda os retalhos/alunos, que respeite suas realidades, seus modos de vida, suas trajetórias, mas na medida em que ela vai costurando seus retalhos, permite que eles se sintam pertencentes, inseridos, vistos, ouvidos. Suas histórias são costuradas e dão vida a colcha, trazendo cor, alegria, esperança. Maria luta cotidianamente por uma educação “transformadora, libertadora, amorosa”.

Em seu ateliê de costura, a organização dos retalhos permite que Maria não se atrapalhe no momento em que está costurando, está dando vida a colcha, separar os retalhos antes de iniciar sua costura, demonstra que Maria respeita as individualidades e subjetividades de seus retalhos, cada retalho ali em cima se sua mesa de costura possui características próprias, cada retalho traz consigo, suas cores, seu coloridos, sua estampa; se Maria não os organiza no momento da emenda, os retalhos podem não combinar, por isso mesmo ela sempre que inicia uma nova costura, o primeiro passo é organizar os retalhos.

Na Educação de Jovens, Adultos e Idosos, a organização curricular que respeite os retalhos/alunos nela inseridos, possibilita que estes ressignifiquem suas existências. As aprendizagens terão mais significados para esses retalhos/alunos se o currículo pensado e desenvolvido, não for apenas um

acumulo de conteúdo, um emaranhado de linhas cheios de nós. Os retalhos precisam de um currículo vivo, que desenvolva práticas curriculares sensíveis, que os retalhos/professores em suas costuras em sala de aula desenvolvam um olhar mais humano para com os seus retalho/alunos, a exemplo de Maria e do retalho/Edinha que em suas costuras, em suas práticas curriculares contraem teias de conhecimento, que contemplem as subjetividades dos sujeitos inseridos no contexto da EJA e que sejam sujeitos atuantes.

Nessa perspectiva do diálogo que estava sendo costurado entre nossa costureira/professora e o retalho/ Edinha, um dos questionamentos feitos buscava entender as contribuições e/ou interferências da Organização Curricular na Educação de Jovens, Adultos e Idosos para contemplar as subjetividades dos retalhos/sujeitos que são costurados nesse contexto e de que modo esses são atuantes nos espaços que os retalhos estão costurados, o retalho/Edinha costura a seguinte afirmação.

“Contribui sim, muitas vezes, na EJA, apresenta-se uma organização curricular que não atendem às necessidades dos educandos, porém a proposta vislumbra a necessidade de inovar com metodologias pedagógicas contextualizadas a diversidade cultural que compõe a EJA buscando dentro do possível essa aproximação colocando os sujeitos como protagonistas de suas aprendizagens valorizando suas experiências e saberes de mundo. É necessário pensar no currículo vivo, que atenda às necessidades reais e necessárias a aprendizagem. Assim, ao pensar o currículo escolar, não podemos prescindir de investigações que incidam sobre as políticas públicas de currículo, bem como de pesquisas que abordem a implementação das propostas nas escolas e metodologias da prática curricular desenvolvida para alcançar os objetivos”. (RIBEIRO, Edna Laurindo Oliveira, 2021).

Na sua prática/ costura, Maria constrói teias de saberes e aprendizagens que dialogam com a resposta da Professora Edna Laurindo, os retalhos/alunos são “protagonistas de suas aprendizagens”, o que eles precisam é de uma costura/educação que os percebam assim também, não são os que não aprenderam na idade certa, até porque pra Maria não existe uma idade certa pra o

aprendizado, o que deve existir é a vontade de aprender, o desejo pela descoberta do novo, virtude que nossa costureira/professora sempre trouxe entrelaçada em sua existência, ela costurava em seus retalhos/alunos esses sentimentos, para ela “Querer é poder” e como diz a canção, “quem sabe faz a hora”.

Na visão de Maria e do retalho/Edinha, a tessitura proposta curricular para a Educação de Jovens, Adultos e Idosos no município de Amargosa, tem contemplado e respeitado os sujeitos inseridos, suas vivências, trajetórias, saberes e subjetividades, todavia muitos ainda são os desafios a serem enfrentados, muitos nesse emaranhado de linhas que precisam ser desfeitos pra que a costura aconteça de maneira a contribuir com o processo de emancipação dos retalhos/alunos. Nesse sentido Maria deixa costurada nessa linha que uma boa organização dos retalhos é o segredo pra que a costura aconteça de maneira satisfatória. O retalho/Edinha deixa costurado a seguinte afirmação.

“Acredito que ainda precisamos estudar muito e conhecer com afinco os nossos educandos para propor com mais coerência os saberes sistematicamente ofertados como suporte para inseri-los no contexto educacional com base nos seus saberes preestabelecidos fora e dentro do contexto escolar respeitando a diversidade cultural e atendendo com eficácia nossos educandos, para assim, suprir suas expectativas/sonhos, que são divergentes, pela diferença de idade características da modalidade. É preciso aprendermos ter uma escuta sensível para o que nossos alunos querem e esperam da EJA”.(RIBEIRO, Edna Laurindo Oliveira, 2021).

Após tecidas essas reflexões, a respeito da Organização Curricular para Educação de Jovens, Adultos e Idosos, Maria só confirma o que suas memórias lhe trouxeram, organizar o retalhos sobre a mesa lhe dava uma visão mais ampliada sobre cada retalho, a organização dos retalhos demonstrava a particularidade de cada retalho/aluno que nossa costureira/professora organizava em sua prática/costura; era o modo como estavam organizados os retalhos que possibilitavam que Maria fizesse a costura de sua colcha, que dava beleza sua costura, retalhos/jovens, retalhos/adultos, retalhos/idosos todos eles com suas subjetividades e singulares que se cruzam ao serem costurados. Maria segue costurando e continua o lindo processo de unir pedaços.

APONTAMENTOS FINAIS: ARREMATANDO OS FIOS

*O mais importante do bordado
É o avesso
É o avesso
O mais importante em mim
É o que eu não conheço
O que eu não conheço
O que de mim aparece
É o que dentro de mim Deus tece
Quando te espero chegar eu me enfeito, eu me enfeito
Jogo perfume no ar
Enfeito meu pensamento
Às vezes quando te encontro
Eu mesma não me conheço
Descubro novos limites
Eu perco o endereço
É o segredo do ponto
O rendado do tempo
É como me foi passado o ensinamento. (Jorge Vercillo).*

Depois de algum tempo Maria costura o último retalho, és que a colcha está quase pronta, todos os retalhos unidos, retalhos/jovens que traduzem suas subjetividades jovens, os retalhos/adultos que expressam suas subjetividades adultas e retalhos/idosos que desenham suas subjetividades idosas, cada um desses retalhos tem em suas estampas os mais variados bordados, estão expressos em suas estampas suas histórias, suas trajetórias, seus “Itinerários”.

Maria não consegue conter a emoção em dá início a finalização de sua costura, quantas experiências nossa costureira pode viver desde que deu início a esse trabalho, desde que sua imagem foi bordada?! Nesse processo místico, subjetivo, ela deu vida, voz, formas, tons e texturas aos retalhos/jovens/adultos/idosos da Educação de Jovens, Adultos e Idosos. O bordado de Maria traz a representatividade simbólica desses sujeitos.

Mas a finalização da colcha não se encerra nesse último retalho costurado ao se encerrar a costura. Maria consegue entender que é possível uma costura/educação de Jovens, Adultos e idosos que em seu currículo os retalhos/sujeitos sejam respeitados e costurados, que consigam ressignificar suas costuras e outras costuras também. Assim, Maria costura seu último retalho com a certeza que essa colcha nunca estará acabada, mas sempre será necessário um novo retalho pra enriquecer sua costura.

Ao finalizar essa costura, outras tessituras são possíveis, o presente trabalho foi costurado no intuito de responder algumas questões referentes ao modo como o Currículo da EJA costura contribuições para as aprendizagens e subjetividades dos retalho/sujeitos. Ao chegar à costura do último retalho, percebemos que a partir dos processos realizados, podemos iniciar outras costuras, pois outras questões surgem, como por exemplo, o motivo da quantidade de retalhos/mulheres costurados nesse processo, são retalhos para outras costuras/pesquisas.

A finalização da colcha não se encerra nesse último retalho costurado. Ao arrematar essa colcha nossa costureira/professora deseja que seus retalhos/alunos sejam multiplicadores, tornem-se costureiros de outras colchas, sejam além de retalhos, sejam costureiros, ao serem costurados nos processos educativos, sejam capazes de serem retalhos livres e levar as costuras de liberdade para suas comunidades, seus lugares de convivência, seus espaços de troca de experiências.

Ao finalizar a colcha Maria deseja que seus retalhos alunos sejam atuantes, reflexivos, transformadores, humanizadores, revolucionários, questionadores retalhos que em seus trânsitos e travessias não serão os mesmos do início da costura. Esses retalhos ao serem costurados tornam-se mais fortes, mais participativos, mais politizados, são retalhos vivos, retalhos coloridos, retalhos vibrantes, retalhos únicos, retalhos humanos.

Ao costurar o último retalho, Maria retira a colcha da máquina, vira ao contrário, pelo avesso e vê todos os retalhos costurados. É exatamente aí que chega o momento de arrematar os fios; quando Maria faz os arremates dos primeiros fios, ela se entra no mesmo transe místico do momento em que deixou de ser apenas um bordado fixo ao tecido, e tornou-se personagem importante na costura dessa colcha, ao passo que os excessos de fios eram arrematados Maria ia sendo também arrematada.

Uma colcha bem costurada precisa ter um bom acabamento, então com o auxílio de linha e de uma a agulha, Maria vai alinhavando os fios um a um, o alinhavar dos fios daria sustentabilidade, firmeza, beleza a trama da colcha que agora era um imenso bordado dos retalhos/jovens, retalhos/adultos, retalhos/idosos, o alinhavar dos fios daria o acabamento do trabalho tão primoroso

de nossa costureira/ professora Maria, que nesse ponto da história, já era um retalho costurado da sua colcha, alinhavado fio a fio até que o resultado seja a construção de uma linda colcha de retalhos.

REFERÊNCIAS:

ANDRADE. Noélia Passos. **Amargosa Centenária**, 100 anos de Amargosa. Amargosa. 1991

AMARGOSA. **Proposta Pedagógica da Educação de Jovens e Adultos (EJA)**. Prefeitura Municipal de Amargosa, Secretaria de Educação, Amargosa, 2010.

ARROYO, Miguel G. **Outros Sujeitos Outras Pedagogias**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

ARROYO, Miguel G. **Passageiros da noite**: do trabalho para EJA: itinerário pelo direito de uma vida justa. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2017.

ARROYO, Miguel G. A educação de jovens e adultos em tempos de exclusão. IN: VÓVIO, Cláudia Lemos; IRELAND, Timothy Denis (org.). **Construção coletiva**: contribuições de jovens e adultos. Brasília, UNESCO, MEC, 2008.

BRASIL. **Lei 9394/96**: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, **LDB**. 9394/1996.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. Parecer CEB 11/2000. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação de jovens e adultos**. Brasília: MEC, 2000.

CARVALHO, Ana Carolina. **Um sonho feito de linhas**. 1ºed. São Paulo: Edições SM, 2020.

COLASANTI, Marina. **A Moça Tecelã**. São Paulo: Global, 2004.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

GOMES, Maria José. **Profissionais fazendo matemática**: o conhecimento

de números decimais de alunos pedreiros e marceneiros da educação de jovens e adultos. Dissertação de Mestrado da Universidade Federal de Pernambuco/UFPE. Recife, 2007, 204p,
GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6° Ed. São Paulo: Atlas S.A, 2008.

KRONBAUER, Luiz Gilberto K. Ação Reflexão. In: STRECK, Danilo R.; RENDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 4 ed. Revisada e Ampliada. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

LUDKE, Menga.; ANDRÉ, Marli E.D.A.. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MORICONI, Italo (org.). **Os Cem Melhores poemas Brasileiros do Século**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 6ª ed. Petrópolis- RJ: Vozes, 2014.

REDIN, Euclides. Alegria. In: STRECK, Danilo R.; RENDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 4 ed. Revisada e Ampliada. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

STRECK, Danilo R. Esperança. In: STRECK, Danilo R.; RENDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 4 ed. Revisada e Ampliada. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 1° Ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SHOR, Ira; FREIRE, Paulo. **Medo e Ousadia – O cotidiano do professor**. Tradução de Adriana Lopez revisão técnica de Lólio Lourenço de Oliveira. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

SOUSA, Carla. **Biblioterapia& Mediação Afetuosa da Literatura**. Florianópolis: Edição da autora, 2021.

VECCHIA, Agostinho Mario Dalla. Afetividade. In: STRECK, Danilo R.; RENDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 4 ed. Revisada e Ampliada. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

APÊNDICE A



CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO

Prezados(as):

Solicito sua participação voluntária na pesquisa intitulada: _____ de minha responsabilidade, _____ graduando (a) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), do Centro de Formação de professores (CFP) Amargosa - Bahia. Este projeto tem como objetivo geral

_____ O(s) procedimento(s) adotado(s) ser(ão) através de observação, entrevista e análise de documentos.

A qualquer momento, os colaboradores poderão solicitar esclarecimentos sobre o trabalho que está sendo realizado e, sem qualquer tipo de cobrança, poderá desistir de sua participação. Eu estarei apta a esclarecer estes pontos e, em caso de necessidade, dar indicações para contornar qualquer mal-estar que possa surgir em decorrência da pesquisa ou não.

Os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados na publicação de artigos científicos e da monografia, contudo, assumo a total responsabilidade de não publicar qualquer dado que comprometa o sigilo das participações. Nomes, endereços e outras indicações pessoais não serão publicados em hipótese alguma. Os bancos de dados gerados pela pesquisa só serão disponibilizados sem estes dados.

Aceite de Participação Voluntária

Nós abaixo relacionados, declaramos que fomos informados dos objetivos da pesquisa acima, e concordamos em participar voluntariamente da mesma. Sabemos que a qualquer momento podemos revogar este Aceite e desistirmos de nossa participação, sem a necessidade de prestar qualquer informação adicional. Declaramos, também, que não recebemos ou receberemos qualquer tipo de pagamento por esta participação voluntária.

Amargosa - Bahia, _____ de 2021.

Graduanda

Colaboradores Voluntários

NOME	ASSINATURA

APÊNDICE B



CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO INSTITUCIONAL

Prezado (a) Senhor (a):

Solicito sua autorização para realização do projeto de pesquisa intitulado: _____, de minha responsabilidade, _____, graduando (a) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), do Centro de Formação de professores (CFP) Amargosa - Bahia. Este projeto tem como objetivo geral:

_____. Para tanto, elegemos a metodologia de enfoque qualitativo, sendo o trabalho configurado como Estudo de Caso. Escolhemos como técnicas de coleta de dados a entrevista e a observação e análise de documentos.

A qualquer momento, os (as) senhores (as) poderão solicitar esclarecimentos sobre o trabalho que está sendo realizado e, sem qualquer tipo de cobrança, poderá desistir de sua participação.

Os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados na publicação da monografia, contudo, assumo a total responsabilidade de não publicar qualquer dado que comprometa o sigilo da participação dos integrantes de sua instituição. Nomes, endereços e outras indicações pessoais não serão publicados em hipótese alguma. Os bancos de dados gerados pela pesquisa só serão disponibilizados sem estes dados. Na eventualidade da participação nesta pesquisa causar qualquer tipo de dano aos participantes, comprometo-me a reparar este dano, ou prover meios para a reparação. A participação será voluntária, não forneceremos por ela qualquer tipo de pagamento.

Autorização Institucional

Eu, _____, responsável pela instituição, declaro que fui informado dos objetivos da pesquisa acima, e concordo em autorizar a execução da mesma nesta Instituição. Sei que a qualquer momento posso revogar esta Autorização, sem a necessidade de prestar qualquer informação adicional. Declaro, também, que não recebi ou receberei qualquer tipo de pagamento por esta autorização bem como os participantes também não receberão qualquer tipo de pagamento.

Amargosa - Bahia, _____ de 2021.

Graduanda

Responsável Institucional

APÊNDICE C



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECONCAVO BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Título da Pesquisa: Educação de Jovens, Adultos e Idosos: repensando o currículo e as subjetividades dos sujeitos

Pesquisadora: Maurício Sudré de Almeida

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Maria Eurácia Barreto de Andrade

**ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO ABERTO COM
PROFESSORA**

IDENTIFICAÇÃO/CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS

Nome /Fictício: _____ Idade: _____
Formação: _____ Tempo de atuação na docência: _____
Tempo de atuação na EJAI: _____ Possui alguma formação continuada
na modalidade? Qual(is)? _____
Estado civil: _____ Tem filhos? Se sim, quantos? _____

**DADOS SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DO CURRÍCULO PARA A APRENDIZAGEM
DOS SUJEITOS JOVENS, ADULTOS E IDOSOS**

Em sua concepção enquanto professora e/ou coordenadora pedagógica, o currículo da Educação de Jovens, Adultos e Idosos atende, de fato, os sujeitos, seus contextos e suas subjetividades?

Partindo da sua experiência na docência e/ou coordenação pedagógica, quais contribuições do currículo da Educação de Jovens, Adultos para a aprendizagem dos estudantes?

**DADOS SOBRE A ORGANIZAÇÃO CURRICULAR E AS SUBJETIVIDADES
DOS SUJEITOS**

Em sua concepção, a organização curricular da Educação de Jovens, Adultos e Idosos contribui/interfere para contemplar as subjetividades dos sujeitos inseridos neste contexto enquanto sujeitos atuantes desse processo?

O modo como a proposta curricular para a Educação de Jovens, Adultos e Idosos foi construída, tem contemplado e respeitado os sujeitos inseridos, suas vivências, trajetórias, saberes e subjetividades?

APÊNDICE D



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECONCAVO BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Título da Pesquisa: Educação de Jovens, Adultos e Idosos: repensando o currículo e as subjetividades dos sujeitos

Pesquisadora: Maurício Sudré de Almeida

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Maria Eurácia Barreto de Andrade

ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO ABERTO COM ESTUDANTES/EGRESSA

IDENTIFICAÇÃO/CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS

Nome /Fictício: _____ Idade: _____

Profissão: _____ Estado civil: _____

Tem filhos? Se sim, quantos? _____ Segmento de estuda: _____

DADOS SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DO CURRÍCULO PARA A APRENDIZAGEM DOS SUJEITOS JOVENS, ADULTOS E IDOSOS

Quais os motivos que te levaram a estudar na Educação de Jovens, Adultos e Idosos?

Até que ponto as atividades desenvolvidas na sala de aula da Educação de Jovens, Adultos e Idosos têm contribuído para o fortalecimento das suas aprendizagens?

DADOS SOBRE A ORGANIZAÇÃO CURRICULAR E AS SUBJETIVIDADES DOS SUJEITOS

Até que ponto a Educação de Jovens, Adultos e Idosos tem promovido ações em que você se perceba respeitado na sua individualidade e inserido no contexto?

Os conhecimentos adquiridos na Educação de Jovens, Adultos e Idosos têm possibilitado uma atuação mais reflexiva e crítica nos espaços sociais em que você vivencia?

Muito obrigada pela contribuição.